

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - MESTRADO

MARIA TEREZA PEREIRA DA SILVA

AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE AS MORTES
VIOLENTAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
BRASIL E PARAGUAI

TOLEDO

2018

MARIA TEREZA PEREIRA DA SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE AS MORTES
VIOLENTAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
BRASIL E PARAGUAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Toledo, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eric Gustavo Cardin
Coorientadora: Profa. Dra. Sandra Cristiana Kleinschmitt

TOLEDO

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Silva, Maria Tereza Pereira da
AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE AS MORTES
VIOLENTAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA : UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE BRASIL E PARAGUAI / Maria Tereza Pereira da Silva;
orientador(a), Eric Gustavo Cardin; coorientador(a),
Sandra Cristiana Kleinschmitt, 2018.
113 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste
do Paraná, Campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e
Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

1. Representações da mídia. 2. Mortes violentas. 3.
Tríplice Fronteira. I. Cardin, Eric Gustavo . II.
Kleinschmitt, Sandra Cristiana . III. Título.

MARIA TEREZA PEREIRA DA SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE AS MORTES
VIOLENTAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
BRASIL E PARAGUAI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Toledo, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

Toledo, 24 de setembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Dr. Eric Gustavo Cardin

Prof. Dr. Paulo Roberto Azevedo

Prof. Dr. André Faisting

Dedico esta dissertação a minha família em especial meus pais e esposo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente meus pais Pedro e Raquel, por tudo que têm feito por mim, sempre fazendo o melhor que podem para me oportunizar momentos como o mestrado. Agradeço a eles também por toda paciência que tiveram que ter comigo durante essa longa caminhada do mestrado, especialmente por terem que colaborar com o sofrido silêncio nos horários do almoço e jantar, para que eu pudesse gravar os programas. Agradeço também ao meu esposo José Roberto por sempre me apoiar e incentivar, me mostrando que posso superar as dificuldades e ser uma pessoa melhor. Agradeço de maneira geral a todos meus familiares e amigos que sempre se fizeram presentes durante toda a caminhada do mestrado, e muitas vezes tiveram que compreender meus estresses ou ausências em decorrência dos estudos.

Agradeço em especial a Caroline Momente, Daniele Borges e Giovane Lozano, que me acompanharam desde a graduação e seleção, compartilharam comigo os momentos de angústias e conquistas no decorrer da pesquisa. Agradeço aos amigos e amigas que o mestrado me proporcionou, em especial Marta Ferreira, Marilena Koch e Taiza Crestani, que souberam bravamente incentivar umas às outras e tornar esse processo mais prazeroso. Agradeço também a Orny Beltrame pela colaboração nas edições dos vídeos.

Agradeço imensamente a professora e amiga Sandra Cristiana Kleinschmitt que sempre me incentivou e apoiou. Agradeço também ao professor Eric Gustavo Cardin que aceitou essa proposta de me orientar e desenvolver conosco essa pesquisa. Agradeço também aos professores Paulo Roberto Azevedo e André Faisting por aceitarem compor a banca, os apontamentos propostos na qualificação e por terem demonstrado apoio no decorrer da pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos meu muito obrigada.

SILVA, Maria Tereza Pereira da. **As representações da mídia televisiva sobre as mortes violentas na Tríplice Fronteira**: um estudo comparativo entre Brasil e Paraguai. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo.

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar as representações das mortes violentas na mídia televisiva na Tríplice Fronteira entre o Brasil e o Paraguai, por meio da análise dos programas diários de TV: “Tribuna da Massa” de Foz do Iguaçu/Brasil; e “24 Horas” de Ciudad del Este/Paraguai. A pesquisa com cunho qualitativo tem os programas televisivos de cada lado da fronteira como fonte de dados. Para cada lado/telejornal foram selecionadas dez notícias de mortes violentas. O recorte temporal ocorreu entre os meses de maio a julho de 2017, para o programa brasileiro, e entre os meses de janeiro a agosto de 2017, para o programa paraguaio. O recorte destinado ao programa paraguaio foi maior devido às taxas de mortes violentas serem mais baixas que o Brasil. Adotou-se o método comparativo, devido este método estar presente na Sociologia desde os clássicos, e de o mesmo possibilitar a visualização de semelhanças, diferenças, modelos, constâncias, entre outros aspectos do objeto analisado. A relevância da delimitação espacial se caracteriza por se constituir em um contexto de fronteira internacional, com significativa relevância para seus respectivos países, além de ser um local marcado por práticas violentas e por crimes estabelecidos por lei como tráfico de armas e de drogas, contrabando e descaminho, além de apresentar relativamente altas taxas de letalidades. Por meio das comparações entre as maneiras de representarem as mortes violentas nos dois telejornais é possível perceber os padrões de manipulações e endereçamentos. Apesar de possuírem abrangências e modelos de apresentações diferentes, compartilham de endereçamentos e padrões globais comuns. As maneiras de representar as mortes são distintas, no que diz respeito a exibição das imagens dos corpos, porém, a construção das reportagens e do discurso possuem aspectos similares.

Palavras-chave: Representações da mídia. Mortes violentas. Tríplice Fronteira. Foz do Iguaçu. Ciudad del Este.

SILVA, Maria Tereza Pereira da. **The media representations on violent deaths in the Triple Frontier**: a comparative study between Brazil and Paraguay. 2018. Dissertation (Masters in Social Sciences) – State University of West of Paraná – Campus Toledo.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze how violent deaths are portrayed in television press in the Triple Frontier region, more specifically between Brazil and Paraguay, through the television programs “Tribuna da Massa” from Foz do Iguaçu/Brazil and “24 horas” from Ciudad Del Este/Paraguay. This qualitative research uses as data source television programs from each side of the border. Ten stories related to violent deaths from each side of the border and from each news program were selected. The temporal cut for the Brazilian television program was between the months of May to July of 2017, and between January to August of 2017 for the Paraguayan program. A longer period was necessary to the Paraguayan program due to the rate of violent deaths to be lower in Paraguay than it is in Brazil. The comparative method was adopted due to its presence in Sociology studies since the classics of the subject, and because this method is able to display the similarities, differences, models, constancies amongst other aspects of the object analyzed. The relevance of the space delimitation is the context of an international border with significant relevance to the respective countries, besides being a place known for violent practices and for crimes like drug trafficking, smuggling and embezzlement aside from a high tax of lethality. Through the comparison on how the violent deaths are portrayed in the two TV News it is possible to realize the standards of manipulation and addressing. Despite the television programs have different coverage and different hosting styles, they share addressing formats and common global standards. The approach on communicating the deaths are different when it comes to displaying the images of the bodies, but the way stories and speech are composed have similar aspects.

Key-words: Media representations, Violent deaths, Triple Frontier, Foz do Iguaçu, Ciudad del Este.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 01 – Modos de endereçamento dos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas	65
Tabela 02 – Perfil das vítimas de mortes violentas na Tríplice Fronteira	80
Tabela 03 – Comparações entre as maneiras de representar as mortes violentas	91
Tabela 04 – Retrospectiva dos programas populares na televisão do Brasil e do mundo	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Abertura e logotipo do Tribuna da Massa (2014-2017)	49
Figura 2 – Abertura e logotipo do 24 Horas	50
Figura 3 – Cenário e plano geral de câmera no 24 Horas	51
Figura 4 - Cenário e plano geral de câmera no Tribuna da Massa	52
Figura 5 – Plano Americano no 24 Horas	53
Figura 6 – Plano Americano no Tribuna da Massa	54
Figura 7 – Propaganda durante o Tribuna da Massa	55
Figura 8 – Marca de roupa utilizada pelo apresentador do Tribuna da Massa	57
Figura 9 – Marca de roupa utilizada pelo apresentador do 24 Horas	58
Figura 10 – Marca de maquiagem utilizada pela apresentadora do 24 Horas	58
Figura 11 – Título das reportagens no 24 Horas	76
Figura 12 – Título das reportagens no Tribuna da Massa	77
Figura 13 – Maneira que os acusados são exibidos no 24 Horas	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2	HIPÓTESES	14
1.3	OBJETIVOS	15
1.3.1	Objetivos Gerais	15
1.3.2	Objetivos Específicos	15
1.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
1.5	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	18
2	REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA: VIOLÊNCIAS E FRONTEIRAS	19
2.1	TRÍPLICE FRONTEIRA: CONTEXTUALIZANDO O LOCAL	19
2.2	AS VIOLÊNCIAS E OS CRIMES NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UMA ABORDAGEM TELEVISIVA	22
2.3	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ELABORANDO SIGNIFICADOS E CONSTRUINDO UMA IMAGEM DO REAL	26
2.4	JORNALISMO TELEVISIVO: A CONSTRUÇÃO E A DEFESA DO DISCURSO	34
3	OS TELEJORNALIS POLICIAIS: UMA ETNOGRAFIA DOS PROGRAMAS	38
3.1	TRIBUNA DA MASSA: O FORMATO DO PROGRAMA NO BRASIL	38
3.2	24 HORAS: O FORMATO DO PROGRAMA NO PARAGUAI	44
3.3	MODOS DE ENDEREÇAMENTOS E PARÂMETROS COMPARATIVOS ENTRE OS TELEJORNALIS	47
4	ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES	68
4.1	A FALA COTIDIANA E A SENSAÇÃO DE DIFUSÃO DA VIOLÊNCIA.	68
4.2	PADRÕES GLOBAIS E REPRESENTAÇÕES: COMPARAÇÕES ENTRE AS REPORTAGENS DE MORTES VIOLENTAS	72
4.3	O MEDO E A INSEGURANÇA DECORRENTES DAS EXPOSIÇÕES DAS VIOLÊNCIAS	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96

REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	109

1 INTRODUÇÃO

Em um dia qualquer, em meio a correria do cotidiano, a parada para o almoço é um momento propício para me manter informada e ver os destaques do que está acontecendo na cidade e na região. Em meio às trocas de canais aparece um apresentador em pé, trajando uma camisa social de mangas longas, calça jeans, um cinto preto na cintura e sapato social. O cenário é simples, no fundo tem uma tela no centro da parede que é usada para passar as imagens das reportagens e na parede lateral alguns quadros com imagens de pontos turísticos da cidade. Na tela há um corpo no chão e pessoas passando em volta. O apresentador parece exaltado, pedindo por justiça, pela colaboração da população, dos policiais e da justiça. Como segundo plano, percebo uma música forte, que faz surgir em mim uma mistura de sentimentos: indignação, revolta, medo e insegurança. A notícia retratada não é um fato isolado, pode acontecer em qualquer lugar, inclusive comigo, como diz o apresentador.

Em vários locais do Brasil o trecho citado acima ocorre cotidianamente há algumas décadas. É sobre essa forma de representar as mortes violentas na televisão que constitui o objeto de pesquisa dessa dissertação. Para tanto, analisa-se os telejornais policiais: “Tribuna da Massa” do Brasil e “24 Horas” do Paraguai. A escolha dos referidos programas ocorreu pelo fato de esses serem exibidos na Tríplice Fronteira formada por Foz do Iguaçu no Brasil, Puerto Iguazú na Argentina e Ciudad Del Leste, Presidente Franco, Hernandárias e Minga Guazú no Paraguai. Conforme Kleinschmitt (2016), dentre as 13 Tríplices Fronteiras internacionais da América Latina a que está em estudo é a mais populosa. Os seis municípios juntos chegam a atingir mais de 800 mil habitantes.

Inicialmente a proposta consistia em analisar além dos já referenciados telejornais, analisar um telejornal local de Puerto Iguazú, assim representando a Argentina. No entanto, devido a indisponibilidade de acesso a esse telejornal, a proposta foi descartada e a pesquisa seguiu apenas com Tribuna da Massa e 24 Horas. Também na proposta inicial dessa pesquisa eram para ser realizadas entrevistas com as equipes técnicas, como os diretores, os editores e os apresentadores dos referidos telejornais, com o intuito de verificar a percepção dos colaboradores sobre as mortes violentas e as diretrizes dos telejornais. Porém, essa etapa foi descartada devido à dificuldade de acesso a equipe do lado paraguaio, por se tratar de um telejornal com abrangência nacional. Essa possibilidade de análise pode ser contemplada em pesquisas futuras.

O tema da presente dissertação são as representações das mortes violentas na mídia televisiva da Tríplice Fronteira. A relevância dessa abordagem aporta-se pela necessidade de aprofundar os conhecimentos a respeito do cenário de violência intensa que marca o referido espaço transfronteiriço e a forma como são representadas. O recorte espacial se justifica por tratar-se de uma Tríplice Fronteira contígua, formada por três países diferentes, com alta densidade demográfica, com significativa importância econômica e turística e marcada por muitas letalidades (KLEINSCHMITT, 2016). Conforme destaca Cardin (2013, p. 113), a Tríplice Fronteira:

[...] compõem o território de fronteira com maior densidade demográfica da América do Sul, apresentando uma grande diversidade étnica, uma alta circulação de capitais e enormes índices de violência. Os limites do Brasil com o Paraguai representam parte da faixa de fronteira brasileira que possui maior destaque midiático, político e acadêmico, principalmente quando os assuntos abordados tangenciam temas como tráfico, contrabando e violência.

A notoriedade da violência neste espaço pode ser visualizada por meio das taxas de mortes violentas, com destaque para o município de Foz do Iguaçu por ser considerado: “[...] um dos municípios com as maiores taxas de homicídios no Estado do Paraná e se destaca nacionalmente pelas altas taxas de homicídios juvenis.” (WAISELFISZ, 2008, p. 11). Além disso: “[...] De acordo com os dados do DATASUS (2011), desde 1979 as taxas de mortes por homicídio no município sempre foram consideravelmente superiores às taxas estaduais e nacionais, alcançando em 2006 a marca de 102 mortes por 100 mil habitantes [...]” (KLEINSHIMITT, 2012, p. 11).

A necessidade de analisar as representações das violências ocorre por que: “[...] a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação de realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política.” (BOURDIEU, 1997, p. 29). O papel desempenhado pela mídia televisiva e as representações do crime nesse meio, intensifica-se, pois:

[...] há uma proporção muito importante de pessoas que não leem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população [...] (BOURDIEU, 1997, p. 23).

Apesar da expansão das tecnologias e do aumento do uso da internet e das redes sociais como fonte de informações, a televisão continua como principal fonte utilizada pela população. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), os meios de comunicação que a população brasileira mais se informa são: como primeira menção a TV (63%) e internet (26%); e como segunda menção novamente a TV (89%) e a internet (49%) foram as mais citadas. A pesquisa apontou também que 77% dos entrevistados relataram assistir televisão todos os dias da semana, com maior ênfase de segunda a sexta (47%). Dentro desse intervalo, 26% dos entrevistados relataram assistir por cerca de 60 a 120 minutos por dia. Em relação à confiabilidade das notícias veiculadas pelos meios de comunicação: “[...] mais da metade dos entrevistados que assistem TV confiam sempre ou muitas vezes nas notícias veiculadas por esse meio [...] Por sua vez, a maioria dos usuários de internet confia poucas vezes ou nunca confia nas notícias de sites, de blogs e de redes sociais.” (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2016, p. 33).

Justifica-se a pretendida análise devido à grande parte da população conceber a televisão como principal fonte de informação e, conseqüentemente, apresentar-se como importante formadora de opinião pública. Não obstante:

[...] O “poder da televisão” reside no fato desta provocar uma coincidência entre a imagem e o real. Não se trata de uma mera reprodução da realidade, mas do poder de construir imagens simbólicas. Seus efeitos sociais se fazem sentir quando uma forma o campo da opinião pública e também quando opera transformação de situações telecomunicadas e, portanto, não experimentadas, e situações vividas, com todas as conseqüências na mobilização de emoções, sentimentos e condutas sociais. (TEIXEIRA, 2009, p. 50).

Assim, além das representações das mortes violentas, serão analisado os modos de endereçamento e padrões de manipulações presentes nos telejornais analisados. Com o intuito de demonstrar esses recursos nas construções e direcionamentos nos programas e reportagens. Pensando a problemática para a região observada, as representações transmitidas pela televisão são incorporadas ao imaginário da população, o que gera a legitimação de certas ações, como o uso da força e a intensificação da militarização nessa faixa de fronteira, pois:

A difusão do medo tem sido um mecanismo indutor e justificador de políticas autoritárias de controle social. O medo torna-se fator de tomadas de posição estratégicas seja no campo econômico, político e social. Os meios de comunicação de massa geram a ilusão de eficácia da pena e alteram a percepção de perigo social, deslocando a atenção, em regra, para a criminalidade violenta. Nem se discutem a idoneidade e a desnecessidade da sanção penal, ou de sua exacerbação. Tem-se nos discursos de combate ao crime e do aumento das penas a valorização simbólica do

direito penal como solução única e miraculosa para a violência social. (PINTO, 2008, p. 237-238).

Pretende-se abordar as representações das mortes violentas nos programas televisivos, partindo da premissa que as representações sociais são: “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 2001, p. 22). Além disso, ela constitui-se em: “[...] sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais [...]” (JODELET, 2001, p. 22).

O intuito de analisar as representações dessas mortes parte da ótica de que: “[...] as representações sociais como conteúdos que são do imaginário coletivo, constituem matéria-prima do ofício do sociólogo.” (PORTO, 2002, p. 02). Além disso, são importantes na vida cotidiana, pois: “[...] Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a elas de forma defensiva.” (JODELET, 2001, p. 17).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Partindo de um contexto internacional, de grande representatividade e marcado pela violência analisa-se as representações sociais das mortes violentas por meio dos telejornais policiais nos municípios de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, respectivamente por meio dos programas televisivos “Tribuna da Massa” e “24 Horas”. Assim, constituem os problemas desta investigação sociológica: “Como se estruturam e se constroem as representações das mortes violentas nos programas televisivos da Tríplice Fronteira? Que similaridades e diferenças são possíveis notar nos dois programas analisados, no que diz respeito à maneira de representar as mortes violentas? Como ocorre a organização de cada programa e das notícias transmitidas?”.

1.2 HIPÓTESES

A primeira hipótese parte do pressuposto de que a maneira como as mortes violentas são retratadas, podem reforçar determinados estereótipos e estigmas direcionados a determinada parcela da população, devido a mídia ser produtora de representações sociais, que

tem como função orientar as condutas dos atores sociais (PORTO, 2009). Parte-se, também, da premissa apontada por Bourdieu (1997, p. 13), em que a televisão: “[...] que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta [...] [se converteu] em instrumento de opressão simbólica”.

No início da pesquisa, a segunda hipótese sugeria que o modelo de dramatização e o apelo popular realizado pelos apresentadores seriam comuns nos telejornais analisados. Com o decorrer da pesquisa essa hipótese foi rejeitada, por se tratar de telejornais que abordam a mesma temática, mas com formas diferenciadas. Ou seja, o apresentador Luciano Alves, da Tribuna da Massa, trata-se de um apresentador performático, que possui maior liberdade de expressão e opinião durante o programa. Por outro lado, Carlos Troche e Yolanda Park, dos 24 Horas, trata-se de apresentadores que seguem um padrão tradicional, podendo ser denominados como apresentadores ventríloquos que são apenas porta vozes da notícia, buscando não apresentar sentimentos pelo fato noticiado. Essa diferenciação dos modelos de apresentadores pode derivar-se da abrangência dos telejornais e modelo de telejornal.

Por fim, partiu-se da hipótese de que os telejornais analisados teriam influências de modelos de outros países. Essa hipótese não foi comprovada por completo, pois o telejornal brasileiro Tribuna da Massa teve grande influência dos telejornais do exterior considerados pioneiros nesse ramo, e até mesmo influência de outros programas populares da TV brasileira, como apontam as pesquisas de Lana (2007) e Teixeira (2009). Porém, devido à dificuldade de acesso a materiais sobre a temática de jornalismo televisivo na TV paraguaia, impossibilita discorrer sobre a influência recebida pelo telejornal 24 Horas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- Analisar a forma como a mídia televisiva representa as mortes violentas na Tríplice Fronteira em uma perspectiva comparada.

1.3.2 Objetivos Específicos

- A. Identificar os elementos que retratam e estruturam as representações das mortes violentas na Tríplice Fronteira.

- B. Verificar semelhanças e diferenças nas formas de representações da mídia das mortes violentas nesta fronteira.
- C. Traçar o perfil/organização dos programas televisivos que retratam a violência na Tríplice Fronteira.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão trata-se de um estudo exploratório, com análise qualitativa dos dados obtidos em programas televisivos, que são transmitidos diariamente, em dois países que formam essa fronteira. Os procedimentos de investigação baseiam-se em análise comparativa de documentos iconográficos (programas televisivos).

Optou-se pelo método comparativo devido a possibilidade de: “[...] descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais.” (SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 01) em meios sociais distintos. A utilização do método comparativo encontra-se na sociologia desde seu surgimento, por meio dos estudos desenvolvidos por Comte, Durkheim e Weber. Esses: “[...] utilizaram-se da comparação como instrumento de explicação e generalização”. Para esses autores, a análise comparativa encontra-se estreitamente relacionada à própria constituição da sociologia [...] (SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 02) enquanto ciência.

Apesar de utilizarem a comparação em seus estudos, a centralidade e a importância destinada a esse método é distinta, pois para Durkheim:

[...] a comparação não é simplesmente uma técnica de trabalho, utilizada para fazer analogias entre dois ou mais fatos, estabelecendo entre eles diferenças e semelhanças. Para Durkheim a comparação é o método sociológico por excelência, porque é através dela que podemos demonstrar o princípio de que a cada efeito corresponde uma causa [...] (apud SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 20-21).

Já nos estudos de Weber a comparação possui papel secundário, pois essa: “[...] baseia-se em uma estratégia centrada na busca, não do paralelismo existente entre variáveis ou séries de variáveis, mas, sim, na comparação entre casos históricos, tomados em sua diversidade e singularidade [...]” (apud SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 29).

Dentre as várias orientações teóricas e metodológicas que o método comparativo possui, esse possibilita dois momentos: “[...] um momento analógico, relacionado à identificação das similitudes entre os fenômenos, e um momento contrativo, no qual são trabalhadas as diferenças entre os casos estudados [...]” (SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 33). O método comparativo contribui para a presente pesquisa ao possibilitar a análise comparativa das maneiras de representar as mortes violentas na mídia televisiva.

O método comparativo servirá como instrumento para analisar fontes midiáticas, como os programas televisivos já mencionados. A escolha dos referidos programas ocorreu por meio de uma seleção que priorizou os modelos de programas televisivos denominados como telejornais policiais, modelo este que prioriza notícias sobre violências e crimes. Ainda como critério de seleção buscou-se por programas que possuíssem caráter local, regional, ou que fossem transmitidos na mídia televisiva disponível na Tríplice Fronteira, buscando assim enfoque nas mortes violentas ocorridas no local.

Seguindo os critérios já mencionados, o programa “Tribuna da Massa” foi escolhido por possuir caráter local, destacando notícias dos respectivos municípios e da região de fronteira. Já o programa “24 Horas” possui caráter nacional, mas é transmitido na fronteira e aborda notícias referentes à mesma. Apesar de não possuir caráter local, o “24 Horas” foi escolhido por possuir um formato de telejornal policial mais próximo ao perfil procurado para estabelecer a análise comparativa.

Para cada lado/telejornal foram selecionadas dez notícias de mortes violentas. O recorte temporal ocorreu entre os meses de maio, junho e julho de 2017, para o programa brasileiro, e entre os meses de janeiro a agosto de 2017, para o programa paraguaio. O recorte temporal do telejornal paraguaio é maior em função da quantidade menor de mortes violentas noticiadas naquele telejornal, necessitando um período de meses maior para atingir os 10 casos propostos para a análise. Essa quantidade foi estabelecida por compreender que esse número de casos já daria sinais de pontos de saturação da pesquisa, o que se comprovou na prática.

Foram utilizadas edições dos programas nos períodos apontados acima, as edições do telejornal paraguaio 24 Horas foram baixados diretamente do site do telejornal, para ter acesso as edições do telejornal brasileiro Tribuna da Massa, foram realizadas gravações diárias no momento de exibição do mesmo na televisão, já que a edição não é disponibilizada no site do programa. Portanto, utilizou-se de materiais procedentes de arquivos e notícias veiculadas pela imprensa televisiva.

A análise partirá das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu e Émile Durkheim, além de pesquisas realizadas por pesquisadores brasileiros como Michel Misse, Maria Stella Grossi Porto, Alex Niche Teixeira, entre outros que abordam a temática.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A estrutura da presente dissertação é composta por três capítulos além da introdução, que compõem o primeiro capítulo. O capítulo dois é um capítulo teórico que parte da apresentação do conceito de fronteira e das características que descrevem aspectos da Tríplice Fronteira em análise. Discute também o conceito de representações coletivas e sua passagem para representações sociais, as representações sociais na mídia e as representações das violências.

O terceiro capítulo se refere aos telejornais, nele são apresentadas as características dos telejornais Tribuna da Massa e do 24 Horas, com o intuito de conhecimento sobre os mesmos. Algumas comparações gerais são traçadas sobre os dois telejornais, demonstrando alguns modos de endereçamento e padrões de manipulação utilizados por ambos.

Por fim, o quarto capítulo é destinado exclusivamente para analisar as representações das mortes violentas nos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas, traçando comparações na maneira de representar essas mortes, demonstrando aproximações e distanciamentos na forma de abordar o tema. Além de demonstrar os padrões globais presentes nas reportagens e verificar se por meio do direcionamento das reportagens e das representações há o reforço de dos sentimentos de medo e insegurança na população.

2 REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA: VIOLÊNCIAS E FRONTEIRAS

O primeiro capítulo inicia com algumas considerações geográficas sobre a localidade, breves discussões sobre o conceito de fronteira e algumas peculiaridades da Tríplice Fronteira analisada. Em seguida, são apresentadas taxas populacionais e de letalidades nos municípios que formam essa fronteira, bem como são apresentadas definições de crime e violência, com o intuito de apresentar o desenvolvimento do termo e da concepção de violência na sociedade moderna. Dando continuidade, apresenta-se o conceito de representações coletivas e sociais, na tentativa de demonstrar como esses conceitos permeiam as representações da mídia, e a partir delas manipulam e influenciam a população por meio da construção da imagem do real. Por fim, discute-se como a violência é retratada na mídia, especificamente na televisão, concebendo essa como produtora e reprodutora de representações da violência. São referenciados também, a construção e a defesa do discurso tele jornalístico e a televisão como portadora da opinião pública.

2.1 TRÍPLICE FRONTEIRA: CONTEXTUALIZANDO O LOCAL

Os limites territoriais dessa fronteira são demarcados pelos rios Paraná e Iguazu. O Rio Paraná localiza-se entre Brasil e Paraguai e entre Paraguai e Argentina. Já o Rio Iguazu está entre Brasil e Argentina. A Ponte da Amizade interliga Ciudad Del Leste a Foz do Iguazu e a Ponte Tancredo Neves também conhecida como Ponte da Fraternidade interliga Foz do Iguazu a Puerto Iguazú. A travessia direta entre Ciudad Del Leste e Puerto Iguazú é realizada apenas por barco.

Diferentemente da maioria das Tríplices Fronteiras da América do Sul, marcadas por uma menor densidade demográfica, a fronteira internacional em evidência se destaca devido ao maior volume populacional e a representatividade econômica considerável para os países envolvidos. Foz do Iguazu e Ciudad Del Este são: “[...] as maiores cidades limítrofes dos dois países, sendo representativas econômica e socialmente para suas nações. Conseqüentemente, apresenta maiores possibilidades e oportunidades para suas respectivas populações [...]” (CARDIN, 2012, p. 17).

Foz do Iguazu localiza-se no extremo Oeste do Estado do Paraná, região Sul do Brasil. Segundo o Censo do IBGE (2010), possuía 256,088 mil habitantes, constituindo, assim, a maior população de fronteira do Brasil. Nessa fronteira, localiza-se a Hidrelétrica

Binacional de Itaipu, pertencente ao Brasil e ao Paraguai, e as Cataratas do Iguazu localizadas na divisa entre Brasil e Argentina, consagrada em 2011 como uma das Sete Maravilhas da Natureza. Esses dois atrativos legitimam a “vocaçao turística” dessa fronteira, vocaçao esta que não se trata de uma vocaçao natural, mas construída por forças políticas, sociais e econômicas (CARDIN, 2012a).

Ciudad Del Leste e seu conglomerado é de grande relevância para o Paraguai, pois constitui a segunda região mais populosa do país, com mais de 500 mil habitantes (DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS – DGEEC, 2014), o município é capital do Departamento de Alto Paraná, além de possuir a terceira maior Zona Franca do Mundo. Sua economia é essencialmente voltada ao comércio de importados (KLEINSCHMITT, 2016).

Puerto Iguazú é o lado fronteiriço com menor densidade populacional, aproximadamente 42 mil habitantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSO – INDEC, 2010) e localiza-se na Província de Misiones, região Nordeste da Argentina. Sua economia é voltada para o turismo gerado pelas Cataratas do Iguazu e é localizado: “[...] em uma área predominantemente rural e considerado um dos menos desenvolvidos economicamente da Argentina [...]” (KLEINSCHMITT, 2016, p. 18).

Além das características geográficas e econômicas, vale ressaltar que são inúmeras as maneiras de interpretar a fronteira, mas para a presente abordagem compreende-se a interpretação de Piaia, a partir de Martins (2009):

[...] A fronteira separa línguas, estruturas político administrativas, costumes e demais aspectos constitutivos de uma nação. Mas a fronteira é também o lugar do encontro, onde os limites se tocam, é onde ocorre a troca, a comunicação, e também [...] a percepção das diferenças. (PIAIA, 2013, p. 17).

Nesse sentido, Martins (2009), indica que os limites fronteiriços não os restringem somente em faixas geográficas, mas também em “Fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano [...]” (MARTINS, 2009, p. 11).

Nas Ciências Sociais não há um consenso de como interpretar ou compreender a fronteira, porém é recorrente a representação de que a fronteira é o local do conflito. Pois a: “[...] noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta se efetiva através das dinâmicas das relações sociais. Assim, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito.” (VELHO, 1996, p. 10). Dessa

maneira, além da fronteira tornar perceptível o outro e proporcionar trocas, essa também é marcada por tensão e conflito.

Tal característica apresenta-se com maior evidência ao se tratar de uma fronteira internacional, pois o limite internacional foi estabelecido com intuito de delimitar e controlar a ação do Estado (MACHADO, 2010). Conseqüentemente, ao delimitar o poder do Estado outras realidades são geradas, que são as realidades e dinâmicas próprias de fronteira:

[...] Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e de visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história [...] (MARTINS, 2009, p. 133).

Conceber o desencontro em decorrência da diferença na vivência de tempos históricos distintos auxilia a compreender as mortes violentas na Tríplice Fronteira em evidência, porque a mesma se destaca devido às altas taxas de letalidades. Ressaltando que, por mortes violentas entende-se:

Os termos “mortes violentas” ou “letalidades” referem-se àquelas mortes que foram provocadas por outro, independentemente da intenção do autor. Nessas mortes estão compreendidos os homicídios nos termos jurídicos “culposo”, “doloso” e/ou “qualificado”, os roubos seguidos de mortes e outras violências, independentemente da legislação vigente em cada país, inclusive os encontros de cadáveres ocasionados por agressões e os casos de mortes pela polícia durante a atividade. Não estão incluídos os acidentes de trânsito. (KLEINSCHMITT, 2016, p. 12).

Foz do Iguaçu se destaca nacionalmente e internacionalmente com altas taxas de mortes violentas, principalmente quando as vítimas são jovens. O município “[...] liderou o *ranking* nacional das taxas de mortes juvenis durante os anos 2005 e 2006 [...]” (KLEINSCHMITT, 2016, p. 12). Atualmente essas taxas tiveram uma queda significativa, visto que, o referido município atingiu a taxa de 56,7 mortes por 100 mil habitantes, ocupando a 46ª posição, em relação as mortes causadas por armas de fogo, no período referente a 2010-2012 entre os municípios brasileiros com mais de 20.000 habitantes. Assim, se apresentou como a quinta cidade paranaense nesse *ranking*, ficando atrás apenas de Campina Grande do Sul (6ª), Guaíra (8ª), Piraquara (28ª) e Almirante Tamandaré (33ª) (WASELFISZ, 2015). Apesar da redução em Foz do Iguaçu, suas taxas não deixam de ser elevadas considerando o padrão internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera zonas

epidêmicas aquelas com taxas maiores que dez mortes por 100 mil habitantes (NIELSEN, 2009).

A taxa de letalidades no conglomerado urbano de Ciudad Del Leste atinge o índice de 18 mortes por 100 mil habitantes (JEFATURA DE POLICÍA DEL ALTO PARANÁ, 2014), apesar de baixa em comparação com o índice de Foz do Iguaçu, essas mortes fazem dessa região uma das mais violentas do país (KLEINSCHMITT, 2016).

Por outro lado, as taxas de Puerto Iguazú são baixas, se comparadas às taxas brasileiras e paraguaias, mas altas em relação às taxas provinciais e nacionais argentinas:

A taxa média de mortes violentas da Argentina é considerada uma das menores do continente (14/100 mil hab). As taxas nas regiões de fronteiras, da Argentina com o Paraguai e da Argentina com o Brasil, no ano de 2007 configuravam-se como as menores taxas de letalidades da América Latina. (CARRIÓN, 2010 apud KLEINSCHMITT, 2016, p. 13).

A diferença se faz presente também na maneira como ocorrem essas mortes, dando cada vez mais sentido a diferença no tempo histórico apontado por Martins (2009). Pois, apesar de viverem a mesma temporalidade, o desenvolvimento e as dinâmicas de cada país são distintas, refletindo nas diferentes formas de letalidades. Segundo Kleinschmitt (2016), as letalidades precisam ser postas no plano cultural para a sua análise, portanto cada lado fronteiriço segue padrões de comportamentos particulares que revelam seu tempo histórico

A discrepância nas taxas de mortes violentas e a forma de causar essas mortes demonstram que o discurso recorrente de senso comum, em associar a fronteira e o fácil acesso às armas de fogo como uma das explicações para as altas taxas de letalidades, não se comprova.

2.2 AS VIOLÊNCIAS E OS CRIMES: UMA ABORDAGEM TELEVISIVA

Primeiramente faço uma breve definição dos conceitos, pois o que se entende por crime e por vezes violência, é variável, ou seja:

O que é unificado como “crime” no Código Penal de uma sociedade nacional ou na legislação internacional tem apenas em comum o fato de ser uma ação proibida para a qual, construída a responsabilidade do(s) agente(s), serão aplicadas sanções institucionais. A variedade dessas ações é imensa, e não nos interessa aqui relacioná-las. Supõe-se que o processo pelo qual uma ação chega a ser considerada “crime” começa ao nível das disputas intersubjetivas pela imposição de significados morais às ações, portanto no plano de uma reação moral bem sucedida por parte de

indivíduos e grupos contra comportamentos de outros [...] (BECKER, 1981 apud MISSE, 2006, p. 57-58).

Portanto, a criminalização de determinados comportamentos é estabelecida coletivamente, pois: “[...] O crime não é um acontecimento individual, mas social. Não está no evento, mas na relação social que o interpreta [...]” (MISSE, 2008, p. 20).

Os estudos sobre violência ganharam espaço nas pesquisas das Ciências Sociais a partir dos anos 1970 e na atualidade a visibilidade para estudos nessa área ficou ainda maior em função de uma série de incentivos financeiros por parte do governo brasileiro. No ano de 2002, Sérgio Adorno fez um balanço das três linhas explicativas mais recorrentes sobre as investigações no Brasil. Segundo Adorno (2002), essas pesquisas apontam três vertentes de explicação como: mudanças na sociedade e nos padrões convencionais de delinquência e violência; crise do sistema de justiça criminal, e; desigualdade social e segregação urbana. Essas vertentes possuem proximidades com a teoria de Durkheim ao destacar a necessidade de construir uma nova moral que consiga dar conta de elaborar novas regras que represente o novo sistema social.

Para o sociólogo Émile Durkheim (2007), o crime é considerado normal, porque ocorre em todas as sociedades, no entanto ele só é aceito desde que não extrapole determinado limite socialmente estabelecido. A consciência coletiva¹ exerce uma força sobre a sociedade, sendo seu papel manter a sociedade coesa e de definir o que pode ou não ser aceito coletivamente. O rompimento das leis e regras da época e o “clamor” por justiça são responsáveis por unir a sociedade em torno de um objetivo: punir o infrator.

Apesar de defender a normalidade do crime e a utilidade do mesmo para a transformação da sociedade, Durkheim pontua que:

[...] Certamente pode ocorrer que o próprio crime tenha formas anormais; é o que acontece quando, por exemplo, ele atinge um índice exagerado. Não é duvidoso, com efeito, que esse excesso seja de natureza mórbida. O que é normal é simplesmente que haja uma criminalidade, contanto que esta atinja e não ultrapasse [...] (DURKHEIM, 2007, p. 67).

Quando esse limite estabelecido socialmente é superado, tem-se um estado patológico. Tomando os princípios explicativos de Durkheim, as altas taxas de letalidades no Brasil, e especialmente em Foz do Iguaçu, podem ser um exemplo. As significativas taxas de

mortes violentas, e, especialmente, de jovens, potencializa aquilo que Durkheim chama de “estágio patológico”. No entanto, existe uma naturalização desses índices elevados, fazendo com que as pessoas se acostumem com o cenário de violência enfrentado no cotidiano (WAISELFISZ, 2008).

A naturalização desses índices elevados ocorre devido à grande exposição e enfoque maior sobre alguns tipos de violências e criminalidades por meio da mídia. Esse processo ocorre devido à violência ter se tornado: “[...] o alimento predileto da imprensa sensacionalista; o sangue e o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender, e o reino do índice de audiência deveria alçar à primeira página, à abertura dos jornais televisivos [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 22). Com isso:

Os meios de comunicação contribuem para a difusão do medo e da insegurança, expondo de forma teatral uma sociedade violenta e desordenada. Alguns programas de televisão expõem cotidianamente imagens de violência como forma de chocar e representar a realidade comum. Como se todos aqueles fatos violentos ocorressem continuamente, em todos os cantos do país; a banalização do mal faz com que a violência ganhe um status de “destino nacional”. O quadro de pânico e fobia que é gerado vitimiza a sociedade, e “a expectativa do perigo iminente faz com que as vítimas potenciais aceitem facilmente a sugestão ou a prática da punição ou de extermínio preventivo dos supostos agressores potenciais”. (COSTA, 1993 apud PINTO, 2008, p. 237).

Alimenta, assim, os meios midiáticos com essa forma de noticiário:

[...] Levadas pela concorrência por fatias de mercado, as televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas [...] E a mesma busca do sensacional, portanto do sucesso comercial, pode também levar a selecionar variedades que [...] podem despertar um imenso interesse ao adular as pulsões e as paixões mais elementares (com casos como os raptos de crianças e os escândalos capazes de suscitar a indignação popular), ou mesmo formas de mobilização puramente sentimentais e caritativas ou, igualmente simbólico, com os assassinatos de crianças ou os incidentes associados a grupos estigmatizados. (BOURDIEU, 1997, p. 73-74).

Além da lógica de mercado e a acirrada concorrência, os meios de comunicação, no caso a televisão, é controlada também em grande medida pela política e a economia, e essa censura faz: “[...] a televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica.” (BOURDIEU, 1997, p. 20). A falta de autonomia torna-se mais evidente ao referenciar o poder simbólico que o Estado exerce sobre esse meio devido a: “[...] capacidade de definir,

¹ Consciência coletiva ou consciência comum se caracteriza como o: “[...] conjunto das crenças e dos sentimentos comuns a média dos membros de uma mesma sociedade [que] forma um sistema determinado que tem vida própria [...]” (DURKHEIM, 2010, p. 50).

por suas ações, suas decisões e suas intervenções no campo jornalístico (entrevistas, entrevistas coletivas etc.), a *ordem do dia* e a hierarquia dos acontecimentos que se impõem aos jornais.” (BOURDIEU, 1997, p. 104, grifos do autor). Portanto:

A televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem às relações sociais entre os jornalistas, *relações de concorrência* encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também *relações de conveniência*, de cumplicidade objetiva, baseadas nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou à sua não-formação). Daí decorre que esse instrumento de comunicação aparentemente desenfreado, que é a televisão, tem freio. (BOURDIEU, 1997, p. 50-51, grifos do autor).

As consequências oriundas dessa interferência do Estado nos meios de comunicação são imensas, pois possuímos um órgão governamental que defende uma classe econômica em específico e que não representa de maneira completa a consciência coletiva da sociedade a qual abrange. Além de instituir um sistema policial em que: “[...] a polícia, que deveria ser o principal braço do Estado para zelar pela paz social, passa a ser ela mesma um grande problema de segurança pública [...]” (CERQUEIRA, LOBÃO, CARVALHO, 2005, p. 21). E por diversas vezes comete ações criminosas e que muitas vezes não são punidos.

A falta de autonomia da televisão ocasionada pela forte influência da economia e da política pode gerar consequências graves, pois segundo Bourdieu (1997, p. 28, grifos do autor), a imagem tem o poder de: “[...] produzir o que os críticos literários chamam *o efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver”. Esse efeito:

[...] pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro [...] (BOURDIEU, 1997, p. 28).

A construção e a propagação dessas ideias são originárias dos discursos defendidos pelos repórteres e apresentadores, pois: “[...] a simples narração, o fato de relatar [...] implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou desmobilização).” (BOURDIEU, 1997, p. 28). A imprensa contribui: “[...] para a formação de estereótipos e na difusão do medo em relação a certas ações e tipos sociais.” (OLIVEIRA, 2008, p. 155-156). Característica que pode ser verificada na narração utilizada pelos apresentadores de programas sensacionalistas, em que há uma construção, mas também uma

reprodução, de discursos que acarretam na mobilização e legitimação de determinadas ações, tanto policiais quanto da própria população.

2.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: ELABORANDO SIGNIFICADOS E CONSTRUINDO UMA IMAGEM DO REAL

O “poder” da mídia de influenciar os indivíduos ao retratar o cotidiano só é possível devido às representações. Esse termo permeia os estudos da sociologia desde seu início. Partindo da definição clássica de Durkheim, as representações coletivas: “[...] originam-se das relações que se estabelecem, tanto entre os indivíduos, de tal forma combinados, quanto entre os grupos secundários que se interpõem entre o indivíduo e a sociedade total.” (DURKHEIM, 1994, p. 41). Portanto: “[...] as representações coletivas são exteriores às consciências individuais, é porque elas não provêm dos indivíduos tomados isoladamente, mas em seu conjunto [...]” (DURKHEIM, 1994, p. 43). Dessa maneira, essa se mostra por meio da consciência coletiva, orientando as interpretações e as práticas sociais. Isso acontece porque desempenha coerção, semelhante a exercida pelos fatos sociais².

As representações coletivas funcionam como: “[...] tipos de conduta ou de pensamento não apenas [...] exteriores ao indivíduo, como também [...] dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não.” (DURKHEIM, 2007, p. 02). Segundo Oliveira (2012), essa capacidade coercitiva torna-se mais evidente quando as representações se transformam em crimes e podem receber punições.

As representações que a sociedade expressa são construídas por meio de: “[...] uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber.” (DURKHEIM, 1996, p. XXIII). As experiências e os significados acumulados dão origem às representações coletivas que perpassam o cotidiano e são transmitidas por gerações. As representações coletivas são distintas das representações individuais, pois o que:

[...] as representações coletivas traduzem é o modo como o grupo se pensa em suas relações com os objetivos que os afetam. Ora, o grupo não é constituído da mesma

² Os fatos sociais: “[...] consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele [...]” (DURKHEIM, 2007, p. 03).

maneira que o indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza. Representações que não exprimem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos, não poderiam depender das mesmas causas. Para compreender a maneira como a sociedade representa a si mesma e o mundo que a cerca, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares, que se deve considerar. Os símbolos com as quais ela se pensa mudam conforme o que ela é [...] (DURKHEIM, 2007, p. XXIII).

Essas experiências construídas e acumuladas servem para interpretar e compreender a realidade:

[...] Mas, se os detalhes, se as formas concretas particulares nos escapam pelo menos nos representamos aos aspectos mais gerais da existência coletiva de maneira genérica e aproximada, e são precisamente essas representações esquemáticas e sumárias que constituem as prenoções de que nos servimos para as práticas correntes da vida. Não podemos portanto, pensar em pôr em dúvida a existência delas, uma vez que a percebemos ao mesmo tempo que a nossa. Elas não apenas estão em nós, como também, sendo um produto de experiências repetidas, obtém da repetição – e do hábito resultante – uma espécie de ascendência e de autoridade. Sentimos sua resistência quando buscamos libertar-nos delas. Ora, não podemos deixar de considerar como real o que se opõe a nós. Tudo contribui, portanto, para que vejamos nelas a verdadeira realidade social. (DURKHEIM, 2007, p. 19).

Deve-se considerar que as sociedades possuem organizações e classificações diferentes, conseqüentemente as maneiras de representar são distintas, portanto: “[...] diz respeito àquilo que é pensado ou da transposição para o nível mental daquilo que se acredita ser a realidade. Mas diz respeito também às práticas, uma vez que as representações permitem compreender as últimas [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 82). Além de traduzir o modo como o grupo pensa sobre as representações coletivas: “[...] têm antes de tudo por função exprimir uma realidade que elas não são; ao contrário, elas vêm dela.” (DURKHEIM, 1897, livro 2, p. 81).

Nesta busca de representar a realidade, acreditando ser de fato a realidade, é que se encontram os telejornais policiais, pois demonstram “fatos reais”, mas o sentido que se tem a partir deles trata-se de uma representação da realidade, e não a realidade em si. Deve-se considerar que as narrativas, as falas, as imagens e as maneiras de mostrar o ocorrido, colaboram na construção da representação e da interpretação da realidade.

De maneira simplória e geral as representações coletivas podem ser compreendidas como: “[...] formas de retratar, de encarnar e de compreender a realidade [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 83). Essa surge da união dos indivíduos, por vezes é associada ao conceito de pré-noções, ou seja, aquilo que se pensa de uma determinada coisa.

Durkheim (1994) argumenta que o conjunto de representações definido pela consciência, determina as atitudes, pois a ordem não pode produzir o mesmo efeito se o sujeito não a entendeu e compreendeu completamente. Por meio dos estudos de Durkheim é possível compreender como as representações interligam e influenciam nas práticas sociais e as ações individuais, permite também abordar as práticas sociais como racionais (OLIVEIRA, 2012).

Além da sociedade, Durkheim acrescenta que as representações coletivas encontram-se na memória, pois:

[...] a representação não se conserva por si mesma, ou seja, que quando uma sensação, uma imagem, uma ideia, cessa de estar presente em nós, cessa instantaneamente de existir, sem deixar nenhum rastro de si [...] Quando uma causa qualquer chegar novamente a excitá-lo, a mesma vibração se reproduzirá, reaparecendo também, por reação na consciência, o estado psíquico que já se havia produzido, nas mesmas condições, quando da primeira experiência. (DURKHEIM, 1994, p. 13-14).

Compreende-se, portanto, que as representações vividas, quando deixadas de ser reforçadas, permanecem na memória, mas quando essa recebe algum estímulo reaviva ou pode fazer surgir uma nova representação. Pois, constituídas as primeiras representações: “[...] elas se tornam [...] realidades parcialmente autônomas que gozam de uma vida própria e que têm o poder de atrair-se, repelir-se, de formar entre si sínteses de natureza diversas [...] As representações novas [...] têm por causa outras representações coletivas [...]” (DURKHEIM, 1994, p. 50).

A partir da releitura crítica do conceito de representações coletivas de Durkheim, o francês Serge Moscovici utiliza o termo “representações sociais” e a compreende como:

[...] homogênea e vivida por todos os membros de um grupo, da mesma forma que partilham uma língua. Ela tem por função preservar o vínculo entre eles, prepará-los para pensar e agir de modo uniforme. Ela é coletiva por isso, e também porque perdura pelas gerações e exerce uma coerção sobre os indivíduos, traço comum a todos os fatos sociais. (MOSCOVICI, 2001, p. 47).

Portanto, as representações sociais se constituem enquanto um sistema de recepção de novas informações, que geram formas de compreensão e significação das coisas, as quais relacionam os sistemas de pensamento e entendimento aos comportamentos e práticas sociais. A crença nessa significação é compartilhada pelos membros do grupo. A mudança no termo

“representações coletivas” para “representações sociais”, ocorreu segundo Moscovici (2001, p. 62), devido a necessidade de:

[...] De um lado, era preciso considerar uma certa diversidade de origem, tanto nos indivíduos quanto nos grupos. De outro, era necessário deslocar a ênfase sobre a comunicação que permite aos sentimentos e aos indivíduos convergirem; de modo que algo individual pode tornar-se social ou vice-versa. Reconhecendo-se que as representações são, ao mesmo tempo, construídas e adquiridas, tira-se-lhes esse lado preestabelecido, estático, que as caracterizava na visão clássica. Não são os substratos, mas as interações que contam [...].

O ponto chave para essa mudança de termo caracterizou-se na compreensão de que as representações são elaboradas nas trocas e interações entre os indivíduos. Compreendendo a diversidade e a falta de homogeneidade na sociedade moderna: “[...] Moscovici analisou os processos através dos quais os indivíduos elaboraram explicações sobre questões sociais e como isso de alguma forma relaciona-se com a difusão das mensagens pelos veículos de comunicação, dos comportamentos e organização social [...]” (GAMA, SANTOS, FOFONCA, 2010, p. 02).

As representações não fazem do indivíduo apenas receptor, esse compreende e age sobre as representações também as modificando. Elas permeiam o cotidiano através de gestos e palavras: “[...] Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais.” (JODELET, 2001, p. 17-18). Mas não se restringem apenas no cognitivo e nos comportamentos individuais, as representações sociais existem também enquanto práticas comunicativas e atuam: “[...] como agentes da realidade, modificando-a. Sua formação ocorre através de influências recíprocas, de negociações implícitas no transcorrer de conversações, nas quais as pessoas se orientam a modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos.” (STRASSBURGER, 2015, p. 06-07).

Segundo Jodelet (2001, p. 27), toda representação social é uma: “[...] representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam; a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações) [...]”. As representações sociais surgem da união dos indivíduos, por vezes é associada ao conceito de pré-noções, ou seja, aquilo que se pensa de uma determinada coisa. Essas construções do real se dão, segundo Jodelet, porque o indivíduo: “[...] precisa se situar no mundo, explicar esse mundo e se explicar dentro dele, entender o mundo e nele se entender [...]” (PORTO, 2014, p. 62).

Deve-se ressaltar que as representações sociais variam, pois dependem: “[...] dos grupos nos quais estão inseridos os atores sociais que as formulam.” (PORTO, 2014, p. 65). Portanto, as representações podem variar dentro de uma mesma sociedade e de uma sociedade para outra. Essas distinções decorrem: “[...] em função dos múltiplos pertencimentos socioeconômicos e culturais nos quais os indivíduos e/ou grupos de indivíduos se inserem.” (PORTO, 2014, p. 68).

São esses significados que regem nossas relações cotidianas, organizando e orientando nossas condutas, pois:

[...] a ação social e representação social, sem serem sinônimos ou equivalentes, são fenômenos solidários: as subjetividades presentes nas representações sociais interferem, direta ou indiretamente, nos processos de organização das ações e relações sociais, ou seja, nos espaços nos quais o social se produz e se reproduz como espaço de interação [...] (PORTO, 2014, p. 69).

Buscando compreender as relações entre representações sociais e ações sociais, cumprindo assim, com a função pertinente aos sociólogos, cabe: “[...] buscar as relações entre o fenômeno e suas representações, não é por considerar que as últimas sejam sinônimo do real e sim por assumi-las como um dado de realidade ao ser submetido à análise.” (PORTO, 2014, p. 69). Nessa busca de compreender o caminho entre representações e ações as mídias aparecem como um campo proveitoso, pois se constituem em:

[...] um dos principais produtores de representações sociais, as quais, para além de seu conteúdo como falso ou verdadeiro, têm função pragmática como orientadoras de condutas dos atores sociais [...] não por serem as representações sinônimas de verdade, mas por se constituírem em veículos privilegiados de crenças, valores e anseios de distintos setores da sociedade. (PORTO, 2009, p. 211).

Portanto, no intuito de representar a realidade, acreditando ser de fato a realidade, é que se encontram os telejornais policiais, pois demonstram “fatos reais”, mas o sentido que se tem a partir deles trata-se de uma representação da realidade, e não a realidade em si. Deve-se considerar que as narrativas, as falas, as imagens e as maneiras de mostrar o ocorrido, colaboram na construção das representações e da interpretação da realidade.

Grande parte dos significados e representações que aderimos no decorrer de nossa vida está veiculada aos meios de comunicação, o que faz pensar a mídia enquanto difusora de novas representações sociais. Dessa maneira podem repensar os meios de comunicação de massa como:

[...] um fenômeno pelo qual uma pessoa influencia ou esclarece outra que, por sua vez, pode fazer o mesmo em relação à primeira. Seus elementos básicos são o emissor, o receptor, a mensagem, o código e o veículo. É um fenômeno básico e universal de influência recíproca, fazendo parte de um processo mais amplo, o da informação, através da difusão de conhecimentos numa escala nunca antes imaginada [...] (GAMA, SANTOS, FOFONCA, 2010, p. 06).

No entanto, as representações e as maneiras de transmiti-las são variadas, podendo possuir maior variação ainda ao se tratar de representações da mídia. A formação de representações sociais através dos meios de comunicação segundo Moscovici:

[...] depende da qualidade e do tipo de informações sobre o objeto social que o indivíduo dispõe, do seu interesse pessoal sobre aspectos específicos do objeto e da influência social no sentido de pressionar o indivíduo a utilizar informações dominantes no grupo. Ele propõe uma relação particular entre sistemas de comunicação e as representações sociais [...] As representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e, sobretudo, difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações. (apud GAMA, SANTOS, FOFONCA, 2010, p. 07).

As representações difundidas pelas mídias podem ser compreendidas como representações consideradas “dominantes”, pois segundo Porto:

[...] apenas alguns indivíduos, grupos ou setores da sociedade se constituem em protagonistas desse processo. Os demais, que formam, de fato, a maioria, apenas consomem conteúdos (normas, valores etc.) que não produziram. Ora, poucos deixarão de admitir que a mídia, em suas diferentes facetas, mas com claro predomínio dos meios televisivos, tem protagonizado de modo crescente essa função pragmática de “explicar o mundo” e produzir significado para fatos e acontecimentos sob a forma de representações sociais. (PORTO, 2009, p. 216-217).

Compreender a mídia enquanto formadora e transmissora das representações sociais dominantes contraria o modelo de conceber o indivíduo enquanto formador e transformador de suas representações. No entanto, isso implica no ponto de que, segundo Moscovici (2001), há determinadas profissões que tem por função criar representações, as quais são difundidas para a população geral. As representações são:

[...] produto de uma divisão do trabalho que as distingue com alguma autonomia. Sabemos que existe uma categoria de pessoas que têm por ofício criá-las. São todos aqueles que se dedicam à difusão dos conhecimentos científicos e artísticos: médicos, terapeutas, trabalhadores sociais, animadores culturais, especialistas das mídias e do marketing político. Em muitos aspectos, eles se assemelham aos

criadores de mitos das civilizações mais antigas: seu saber-fazer é codificado e transmitido, conferindo aos que o possui uma autoridade segura. Seria preciso dar mais atenção a essa divisão do trabalho e aos especialistas que recorrem a métodos supondo um conhecimento da vida psíquica e uma visão do aspecto coletivo [...] (MOSCOVICI, 2001, p. 63).

Assim as representações dominantes são construídas e difundidas. Apesar de atingir a todos ou a grande maioria, deve-se considerar que essas representações podem variar entre os indivíduos e de uma sociedade para outra. É nesse meio, entre a pressão exercida pelas representações dominantes na sociedade que o indivíduo: “[...] pensa ou exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldadas. Portanto, cada tipo de mentalidade é distinto e corresponde a um tipo de sociedade, às instituições e as práticas que lhe são próprias.” (MOSCOVICI, 2001, p. 49).

Porém, conceber a mídia como transmissora das representações dominantes, faz enxergar os meios de comunicação de massa como um dos:

[...] instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, ou seja, a visão social. Neste contexto, a sociedade individualista e a ideologia se transformaram em publicidade e as representações libertaram-se definitivamente do real. (GAMA, SANTOS, FOFONCA, 2010, p. 05).

As representações proporcionam significados e interpretações sobre a realidade, no entanto, por vezes essas representações são manipuladas, construídas e disseminadas alterando a própria concepção de realidade, pois: “[...] o poder performático das palavras e dos discursos, a força com a qual as representações instauram versões da realidade, comuns e partilhadas.” (JODELET, 2001, p. 32).

Nessa linha de representações intermediadas pelas mídias enquadra-se as representações da violência por meio dos telejornais policiais, os quais utilizam-se da violência como mercadoria: “[...] a qual, com amplo poder de venda no mercado da informação, é transformada em objeto de consumo e faz com que a sua realidade passe a fazer parte do dia a dia mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente [...]” (PORTO, 2009, p. 220).

Por mais que se diga “a câmera não pode mentir”, através da condução da fala, do som, do cenário: “[...] A forma como a realidade é construída e representada por meio de narrativas midiáticas pode direcionar o sentido da notícia [...]” (KLEINSCHMITT, 2016, p. 64). Isso pode ser visualizado com maior nitidez ao se tratar de notícias de violências na mídia

televisiva, porque dentre as funções de distração que a televisão proporciona, essa serve também para: “[...] estabelecer códigos e valores de comportamento para que os indivíduos interajam com as estruturas institucionais da sociedade.” (KLEINSCHMITT, 2016, p. 62). Portanto, qualquer notícia que venha reportar algum modelo de conduta que fuja ao padrão de comportamento valorizado pelas representações sociais é hostilizada.

O poder de convencimento da informação transformado em imagens ocorre devido as imagens exercerem: “[...] um efeito de evidência muito poderoso: mais do que o discurso, sem dúvida, elas parecem designar uma realidade indiscutível; mesmo que sejam, igualmente, o produto de um trabalho mais ou menos explícito de seleção e de construção” (CHAMPAGNE, 1993, p. 62 apud PORTO, 2009, p. 214). É como se a imagem fala-se por si só, como prova do fato, algo inatingível pela manipulação.

No entanto, nem sempre o que é apresentado condiz com a realidade, e muitas vezes essa realidade apresentada não é vivenciada pelos telespectadores. Não fazer parte da realidade dos telespectadores, colabora na construção do imaginário, podendo acarretar em estereótipos sobre determinadas localidades. A construção desse imaginário, pode não condizer com a realidade vivida pelos moradores dessas localidades, os quais podem sofrer com estigmas decorrentes dessas representações. Justamente nesse aspecto que os efeitos da televisão se estabelecem, pois:

[...] O “poder da televisão” reside no fato de esta provocar uma coincidência entre imagem e o real. Não se trata de uma mera reprodução da realidade, mas do poder de construir imagens simbólicas. Seus efeitos sociais se fazem sentir quando forma o campo da opinião pública e também quando opera a transformação de situações telecomunicadas e, portanto, não experimentadas, em situações vividas, com todas as consequências na mobilização de emoções, sentimentos e condutas sociais. (TEIXEIRA, 2014, p. 162-163).

Assim, a fala da mídia pode influenciar na visão que se pode ter de determinadas ações, lugares e práticas:

Mas, se uma realidade é conhecida não pelo que é, mas pelo que *se pensa que é*, então, estudos de interface entre criminologia e mídia devem considerar a influência da cultura midiática sobre a forma como os indivíduos veem o crime, pensam acerca dele, o temem ou o praticam. Assim, pode-se elaborar pesquisas inovadoras ao se conduzir análises sobre a relação entre narrativas midiáticas e sentidos construídos sobre a prática criminosa, o prazer e o medo do crime e o indivíduo – vítima ou agressor – envolvido na ação criminosa. (MELO, 2014, p. 172, grifos do autor).

Assim, busca-se por meio da análise das representações das mortes violentas nos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas, perceber modos de endereçamento e padrões de manipulações nas construções das notícias e como essas representações presentes nos telejornais podem acarretar na construção de julgamentos de juízos de valor.

2.4 JORNALISMO TELEVISIVO: A CONSTRUÇÃO E A DEFESA DO DISCURSO

Os meios de comunicações e a televisão ao retratarem fatos do cotidiano, transmitem e constroem representações sociais:

Mas estes registros não estão isentos de problemas, ou acima de manipulação, e eles não são nada mais que representações, ou traços, de um complexo maior de ações passadas. Devido ao fato de os acontecimentos do mundo real serem tridimensionais e os meios visuais serem apenas bidimensionais, eles são, inevitavelmente, simplificações em escala secundária, dependente, reduzida das realidades que lhes deram origem. (LOIZOS, 2008, p. 138).

Assim, as representações proliferadas pela mídia constituem-se em interpretações que podem reger o imaginário popular. E por meio desse constrói-se maneiras de interpretar a realidade a nossa volta, a nos interpretar e a guiar nossas condutas. Como as representações são transmitidas e compartilhadas, o poder da mídia se sobressai devido seu grande alcance e seu poder de manipulação. Deve-se considerar também que a mídia faz parte de um modelo capitalista, em que a busca por audiência se faz presente. Com isso:

O crime entra na agenda jornalística como um tema que atrai público, está na pauta porque eleva o nível de consumo midiático pela audiência. O crime narrado pela mídia e o drama moderno do teatro de arena, exposto para manter a atenção e o interesse do público. Como cerimônia, contém o ritual no qual os indivíduos são heróis, vilões e vítimas, criando uma ordem social própria, na qual os sentidos são imputados sumariamente, num discurso emocional que comove e estimula o consenso sobre o dano, a culpa e a punição (MELO, 2014, p. 170).

Apesar de se constituírem em conteúdo predileto de audiência, não são todos os tipos de crimes violentos que ingressam na mídia como pauta. Há crimes violentos que: “[...] ocupam a imprensa rotineiramente e outros que são reduzidos ou apagados do discurso jornalístico.” (MELO, 2014, p. 170). Como é o caso das mortes violentas, pois apesar de serem um grave problema social, o destaque dado a esse tipo de criminalidade é maior que outras tipificações penais, como furtos, roubos, estelionato, etc. que ocorrem com maior frequência e destoam a realidade. O destaque dado pela mídia televisiva às mortes violentas

contribui com a sensação de medo e de insegurança da população local. Isso acontece devido a televisão ter o poder de criar sua própria realidade, em que ela pode ocultar mostrando, ou seja: “[...] mostrando o que é preciso mostrar, mas [...] construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade.” (BOURDIEU, 1997, p. 24).

Os fatos que se tornam destaque, se tornam devido a maneira de representar, de mostrar o surpreendente. A ação simbólica da televisão consiste: “[...] justamente em chamar a atenção para fatos com grande potencial de surpreender, como sexo e violência, os quais, embora sejam relevantes, pelo modo como são abordados, não toca em nada de estrutural.” (TEIXEIRA, 2014, p. 162).

O sofrimento do outro é produzido como espetáculo por meio de narrativas que buscam mobilizar as emoções do público, a fim de prender os espectadores (TEIXEIRA, 2014). Em sua tese, Alex Niche Teixeira analisou e comparou telejornais que dramatizavam crimes e violências, nos programas analisados constatou que: “Há uma clara preferência pela abordagem de crimes violentos contra a pessoa, marcadamente a tipificação legal do homicídio [...]” (TEIXEIRA, 2011, p. 42). Essa afirmação se estende também aos telejornais analisados nessa dissertação, pois, em grande medida os casos de mortes violentas são destaques desses programas, apresentadas como notícia principal. Exaltam características e trajetórias de vida das vítimas ou dos acusados, com o objetivo de despertar no público emoções, julgamentos e aproximação com suas realidades rotineiras.

A construção da urgência e dos possíveis julgamentos por parte do próprio programa como dos telespectadores, interliga-se com a função dos apresentadores e repórteres, os quais, por meio da narração, constroem e legitimam tal discurso. Para Bourdieu (1997, p. 44), o papel do apresentador: “[...] É o que sempre impressiona os espectadores. Eles bem veem que o apresentador faz intervenções restritas. É ele quem impõe o assunto, quem impõe a problemática [...]”.

Há estratégias na construção, na maneira de transmitir o noticiário e conduzir o programa, em que o apresentador: “[...] manipula a urgência; utiliza-se do tempo, da urgência, do relógio, para cortar a palavra, para apressar para interromper.” (BOURDIEU, 1997, p. 46). Dessa forma, ele agrega maior ênfase no fato desejado ao construir certa urgência e insegurança. Para Barata (2005): “[...] está claro que o alarmismo utilizado pelos meios de comunicação inflama os medos e as inseguranças no imaginário coletivo, podendo-se inclusive falar em ‘violência da representação’.” (apud TEIXEIRA, 2009, p. 59). Uma prática

corriqueira nas falas dos apresentadores ou repórteres de noticiários televisivos caracteriza-se pela:

[...] impressão de que a pressão dos jornalistas exprima suas visões ou seus valores próprios, ou pretendam, com toda boa-fé, fazer-se os porta-vozes da “emoção popular” ou da “opinião pública”, orienta por vezes muito fortemente o trabalho dos juízes. E alguns falaram de uma verdadeira transferência do poder de julgar. (BOURDIEU, 1997, p. 82).

De um modo geral, jornalistas, repórteres e apresentadores acreditam serem os porta-vozes do discurso televisivo e da opinião pública, com isso expressam seus comentários com ênfase, denominando-se como autoridades, no intuito de contribuir: “[...] para orientar toda a produção no sentido da conservação dos valores estabelecidos [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 108).

Um dos pontos que merece menção e é destacado por Melo (2014), diz respeito ao discurso elaborado pela agenda jornalística ao utilizar-se do discurso emocional, para comover e gerar um consenso sobre a culpa e a punição. Em grande medida o discurso predominante em relação as notícias de crimes remetem a lógica da vingança, em que há a legitimação do sofrimento do criminoso. No entanto, apesar das transformações na concepção da pena ocasionada no decorrer da história, observa-se que: “[...] a pena permaneceu, pelo menos em parte, uma obra de vingança. Diz-se que não fazemos o culpado sofrer por sofrer; não é menos verdade, porém, que achamos justo que sofra.” (DURKHEIM, 2010, p. 59). Esse caráter de vingança faz com que defendamos a ideia de que: “[...] o criminoso deve sofrer proporcionalmente a seu crime [...]” (DURKHEIM, 2010, p. 82).

Com isso, observa-se que apesar dos noticiários conterem notícias da realidade e sobre a realidade, não se trata da realidade de fato que é exposta. Pois, a imprensa jornalística é composta por padrões de manipulação, mesmo que de modo sutil manipula e distorce a realidade, seja por meio de cortes de falas, a escolha da notícia para dar destaque, a quem dar voz de autoridades, entre outros elementos.

O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade. A maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real. É uma realidade artificial, não-real, irreal, criada e desenvolvida pela imprensa e apresentada no lugar da realidade real. (ABRAMO, 2016, p. 37-38).

Por meio desses elementos de manipulação, se constrói representações cotidianamente na mídia, seja televisiva, impressa, online ou pelo rádio. Esses padrões de manipulações podem ocorrer por mero descuido ou intencionalmente. Mas que independente do real sentido motivacional, contribui na construção das representações sociais.

3 OS TELEJORNALIS POLICIAIS: UMA ETNOGRAFIA DOS PROGRAMAS

Neste capítulo abordo alguns temas que contribuem para uma melhor compreensão dos telejornais policiais Tribuna da Massa e 24 Horas. Perpasso pela trajetória de inserção da televisão no Brasil e no Paraguai, observando também como ocorreu a adesão ao modelo de telejornalismo policial. Primeiramente trato de algumas questões pontuais, como o surgimento da transmissão televisiva, como foi o início dos telejornais e a influência desses nos modelos dos telejornais analisados. Em seguida, apresento a configuração dos programas apresentados, além de discorrer sobre o formato de cada um e como se constitui “o endereçamento” de cada programa, atentando-se as características gerais dos telejornais e já traçando comparações entre os modos de endereçamento utilizados pelos referidos programas.

3.1 TRIBUNA DA MASSA: O FORMATO DO PROGRAMA NO BRASIL

A Televisão passou por um longo trajeto entre surgimento e implantação e em cada país houve uma maneira diferenciada de adesão. Não cabe aqui discorrer sobre esse percurso, mas é possível salientar que: “O marco institucional mais importante no processo de surgimento da televisão ocorreu em 1922 na Inglaterra [...] [o] consórcio formado pelas seis maiores empresas do setor levou o nome de British Broadcasting Company (BBC) [...] (TEIXEIRA, 2009, p. 37). Entretanto, somente em 1950 inaugurou-se oficialmente a televisão no Brasil, com as transmissões da TV Tupi de São Paulo: “[...] Durante seus primeiros 15 anos de existência a televisão brasileira manteve-se [...] com baixa audiência e pequena expressão econômica”. Em 1956, havia apenas 250 mil receptores em todo país, concentrados no eixo Rio – São Paulo [...]” (TEIXEIRA, 2009, p. 42).

A partir da segunda metade da década de 1990 houve uma mudança no direcionamento nas temáticas abordadas pelos programas televisivos. A realidade, o cotidiano, a vida e o drama de pessoas comuns começam a ganhar maior ênfase na programação. Inicia-se um período em que:

[...] passaram a apresentar em seus quadros histórias íntimas, dramáticas e reais. Os desastres e acidentes, as emoções e intimidades espalharam-se por diferentes programas da TV, não constituindo um gênero específico, mas definindo uma mudança nos padrões da programação. Com suas próprias histórias, anônimos e desconhecidos tornaram-se fundamentais em programas de auditório dominicais, telejornais “policiais”, *reality shows* e programas de aconselhamento psicológico. (LANA, 2007, p. 12).

A tendência de programas populares atingiu também os telejornais, fazendo com que surgissem os denominados telejornais “policiais”, “dramáticos” ou “sensacionalistas”. No entanto, esse modelo de programa voltado em transmitir a criminalidade real, surgiu inicialmente na Alemanha em 1967, no canal BZF, com o programa:

[...] Aktenzeichen XY Ungelöst [...] o primeiro a simultaneamente reconstruir dramaticamente casos criminais reais e pedir ajuda dos espectadores para prender acusados. Trabalhando desde o princípio em colaboração com a Polícia da Alemanha Ocidental, com transmissão abrangendo a Áustria e a Suíça [...] (TEIXEIRA, 2011, p. 40).

Duas décadas depois, especificamente em 1984, estreia na Inglaterra o *Crimewatch UK* pela BBC, de Londres, inspirado no modelo alemão. Em 1988 inicia-se nos Estados Unidos pela emissora FOX o *America's Most Wanted*. Na França no início da década de 1990 era exibido o *Temóin no. 1* do canal TF1 (TEIXEIRA, 2009).

O surgimento desse modelo de telejornalismo “dramático”, telejornais policiais, coincide com a reviravolta nos quadros televisivos de uma forma geral. Esse tipo de telejornalismo é marcado pela falta de pudores em mostrar a violência, por vezes não se hesita em exibir cenas de mortes, pois: “[...] quando se trata dos outros, essa dignidade não é tida como necessária. Quanto mais remoto e exótico o lugar, maior a probabilidade de termos imagens frontais completas dos mortos e agonizantes [...]” (SONTAG, 2003, p. 61). Um dos momentos que ilustram esse tipo de situação ocorreu no programa “Aqui Agora”, exibido na televisão brasileira na segunda metade dos anos 1990, o qual chegou a mostrar um suicídio ao vivo (LANA, 2007).

Seguindo essa linha de programas populares, que tem como foco mostrar casos e crimes envolvendo cidadãos “comuns”, optou-se pelo telejornal “Tribuna da Massa” do Brasil, especialmente por este ser exibido na Tríplice Fronteira (BR/PY/ARG) e possuir caráter local ao destacar notícias de crimes e violências dos respectivos municípios e da região de fronteira.

O mesmo é exibido pela Rede Massa afiliada ao SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), de segunda a sábado, em duas edições, às 7h e ao meio dia. Este programa tem caráter local, assim, apesar do Tribuna da Massa ser exibido para todo o Paraná, as notícias possuem caráter local para as diferentes regiões, como Curitiba e região metropolitana, Ponta Grossa, Francisco Beltrão, Foz do Iguaçu, entre outros municípios e regiões. No entanto, a

minha análise se refere apenas ao programa “Tribuna da Massa”, apresentado ao meio dia por Luciano Alves em Foz do Iguaçu e região. O telejornal é apresentado de segunda a sexta das 12:00 as 13:30, dividido em cinco blocos, e aos sábados das 12:30 as 13:00, com apenas três blocos.

O Tribuna da Massa segue uma linha de programas populares que compõem a programação televisiva brasileira desde 1966, com programas como “O Homem do Sapato Branco” e “Domingo de Verdade”, seguindo mais a fundo, esse modelo de telejornal de maneira mais sensacionalista, com um apelo maior a população tem suas raízes na TV brasileira a partir de 1979 como o programa “Cadeia”, na sequência surgiram vários telejornais seguindo o mesmo modelo como “Linha Direta” (1990), “Aqui Agora” (1991), “Cidade Alerta” (1995), “190 Urgente” (1996), “Brasil Urgente” (2001), entre outros³.

O modelo de telejornalismo analisado se diferencia do modelo tradicional, pois este presa pela suposta “neutralidade” do apresentador, pelo distanciamento entre o apresentador e a notícia: “[...] o âncora/apresentador deve transmitir a sensação de uma pessoa calma, relaxada, confiante e segura.” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 77). Porém, no modelo de telejornalismo policial o sentimentalismo e o drama se fazem presentes. Seja por parte dos apresentadores, com seus discursos carregados de emoções e julgamentos de valor, ou por parte da construção das reportagens, por meio de músicas, destaque em algumas imagens, comentários, etc.

Uma das características dos telejornais policiais sensacionalistas é o apelo a participação dos telespectadores, transmitindo uma parcela de responsabilidade para a população por meio do “disque denúncia” ou da própria participação no programa, como se esses estivessem fazendo “segurança pública”. Isso ocorre devido a: “[...] a ideia de que o crime [é] uma ameaça à sociedade e que a comunidade [tem] um papel importante a desempenhar [...]” (TEIXEIRA, 2011, p. 41). Esse apelo a participação dos telespectadores por meio de ligações para o disque denúncia também se faz presente no telejornal analisado, em várias passagens em que o apresentador utiliza a frase “Denuncie, colabore com a polícia, e faça você também segurança pública” (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

Outros momentos do programa destinados a participação da população e dos telespectadores, ocorre por meio dos quadros: Fala Massa, Tribuna do Cão, Oportunidades, Minha Vida em 1 Minuto, Caravana da Massa, além de enquetes por meio do aplicativo Whatsapp e enquetes no site do programa. Essa tendência de proporcionar a participação da

população na programação televisiva, segundo Teixeira (2011), se enquadra como uma tendência contemporânea do campo da comunicação identificada a partir:

[...] da consolidação da televisão como meio de massa. A primeira diz respeito à mistura de informação com entretenimento. A segunda consiste em proporcionar à audiência uma forma de participação ou interação com a programação. Entre outros aspectos, a dramatização, enquanto trabalho de incremento emocional da narrativa acerca dos casos reais, tem a capacidade de mobilizar a audiência para que esta utilize o canal oferecido, geralmente telefônico, e colabore com denúncias sobre o paradeiro dos foragidos visando sua captura pela polícia. (TEIXEIRA, 2011, p. 40).

Na maioria das vezes, os comentários do apresentador sobre as notícias são carregados de julgamentos, juízos de valor, dramatizações, ao buscar aproximar ao máximo o acontecido com o cotidiano dos telespectadores, cujo objetivo é atingir e despertar sentimentos, isso acontece, pois:

A utilização cada vez maior de recursos dramatizados, em que o apelo emocional se impõe sobre a racionalidade na divulgação de notícias, está ligada em grande medida à competição entre as empresas jornalísticas pela necessidade de manter ou conquistar um maior público de espectadores-consumidores [...] Ou seja, é o índice de audiência que determina o montante de investimento que os anunciantes cortarão, manterão, ou aumentarão nesta ou naquela emissora (BOURDIEU, 1997 apud TEIXEIRA, 2014, p. 172-173).

A descrição do programa Tribuna da Massa, disponível na página online, traz a seguinte definição: “Com foco na comunidade o programa aborda temas do cotidiano, notícias da cidade, prestação de serviços, numa relação interativa com o espectador, que também sugere pautas e participa ativamente por meio de telefone, e-mail, e mídias sociais.” (REDE MASSA, 2017, p. 1). Com isso, constrói-se a noção de participação da população, como se o programa tornasse uma extensão da comunidade, uma fonte de denúncia, ajuda de caráter social, um lugar aberto para exposição da “opinião pública”, além desse ser exibido ao vivo, fator que potencializa a participação dos telespectadores. Características similares aos programas populares já referenciados.

No entanto, a participação da população restringe-se a quadros do programa destinados a exibir determinadas matérias como o Tribuna do Cão, o qual é um espaço destinado a exibir fotos e dados de cães desaparecidos, que passa o contato de seus donos para possível resgate. Além do Fala Massa e Minha Vida em 1 Minuto, sendo esses momentos destinados aos telespectadores falarem um pouco sobre suas vidas, e o quadro oportunidades,

³ Para mais detalhes ver Anexo 1.

destinados a pessoas desempregadas falarem suas experiências profissionais e quais áreas pretendem trabalhar. Destaca-se também a exibição de matérias de caráter político e social, como campanhas de saúde, combate à dengue, regularização do título de eleitor e notícias de cunho nacional.

A temática central do programa refere-se a segurança pública com a exibição de notícias de práticas legalmente criminalizadas, como tráfico de armas e drogas, contrabando e descaminho, roubos e furtos, homicídios e demais letalidades, acidentes de trânsito, etc. Essas temáticas se apresentam relevantes, mas o ponto central do programa é o foco nas representações das mortes violentas em Foz do Iguaçu.

Com isso, percebe-se a construção de um cenário, em que há sutilmente o direcionamento por meio da música escolhida para a exibição da chamada de cada notícia. As músicas possuem entonação forte para abordar notícias de crime ou acidentes com vítimas fatais. Quando a temática das notícias muda, a música de fundo muda, adaptando-se a temática e o discurso adotado. Assim, músicas de caráter mais alegre e despojado para notícias de cunho social e festivo, e músicas de entonação forte e tristes para assuntos de crimes e tragédias. Isso acontece, pois: “[...] Os sons são condicionados por seus contextos sociais e por isso são marcados por eles. Neste sentido, podemos considerar os sons como um meio de representação.” (BAUER, 2008, p. 367).

Antes de iniciar o quadro “Tribuna do Cão” o apresentador utiliza a música “*Who Let The Dogs Out*” de Baha Men, e faz uma coreografia, demonstrando assim caráter descontraído para o momento. Há também a dramatização por parte do apresentador, construindo sempre um discurso pré e pós notícia, com apelo do apresentador para com a população, para que denunciem crimes, recorrendo até a polícia civil e militar, pedindo respostas urgentes sobre os fatos.

Destaca-se também a grande quantidade de notícias provenientes de cidades vizinhas e da região. Contudo, no que diz respeito às notícias apenas de Foz do Iguaçu, é recorrente aquelas em que abordam bairros de periferias em específico, como é o caso do Jardim Jupira e a Favela do Bolo. Ao anunciar uma matéria de letalidade o apresentador diz: “A guerra continua no Jupira”, fato que chama a atenção para os termos utilizados, podendo assim acarretar na estigmatização da população que vive nessa localidade (GOFFMAN, 1975).

Nota-se também que há o acompanhamento de determinadas notícias, desde seu acontecimento, suas investigações até seu desfecho. Característica apontada por Bourdieu ao se referir ao papel de “bombeiro incendiário”, pois os comentários do apresentador do

noticiário acabam por reproduzir a lógica midiática, por que: “[...] Vemos reconstituir-se uma lógica da vingança contra a qual toda a lógica jurídica, e mesmo política, constituiu-se. Acontece também que os jornalistas, na falta de manter a distância necessária à reflexão, desempenhem o papel do bombeiro incendiário.” (BOURDIEU, 1997, p. 92). Colocando em evidência determinada notícia ele cria um acontecimento:

[...] para em seguida denunciar os que vêm pôr lenha na fogueira que eles próprios acenderam, isto é, a Frente Nacional, que, evidentemente, explora ou tenta explorar “a emoção despertada pelo acontecimento”, como dizem os próprios jornais que a criaram ao colocá-lo na primeira página, ao repisá-lo no início de todos os jornais televisivos etc.; e que em seguida podem garantir para si uma vantagem de virtude, de bela alma humanista, denunciando com grande clamor e condenando sentenciosamente a intervenção racista daquilo que eles contribuíram para produzir e a que continuam a oferecer seus mais belos instrumentos de manipulação. (BOURDIEU, 1997, p. 92-93).

Os elementos apontados acima por Bourdieu vão ao encontro com a prática do apresentador Luciano Alves. Ao construir seu discurso sobre a notícia a ser apresentada e a cada dia recorrer novamente ao fato, ele apresenta as investigações de maneira que desperte sentimentos na população, destacando assim a notícia que acredita necessária.

Destaca-se também o caráter despojado do apresentador em separar certas imagens das reportagens e debochar do(s) envolvido(s) no(s) crime(s), recorrendo ao uso de músicas e piadas para completar o deboche. Esta atitude fica explícita nas matérias exibidas em abril de 2016 e maio de 2017. Em abril de 2016 na reportagem: “Mecânico bêbado dirige caminhão de cliente”, em que o apresentador pede para “congelar a imagem” focalizando no rosto do mecânico que se encontrava embriagado e faz piadas com a situação. Outra reportagem que demonstra o deboche por parte do programa e do apresentador pode ser verificada na reportagem do dia 25 de maio de 2017, em que a reportagem é sobre o caso de um homem que foi preso por estar com maconha, no entanto durante a reportagem a entrevista com o acusado era voltada apenas por ele estar embriagado, e quando a reportagem encerra, coloca-se a música “Marvada Pinga” de Inezita Barroso.

Outra característica relevante diz respeito a ênfase dada pelo apresentador as notícias, pois antes de iniciá-las ele recorre a discurso que denuncia a urgência. Ocorrendo assim, a construção de uma história ou maneira de contar a notícia que virá na sequência, onde a música muda, o volume intensifica-se e o discurso adotado pelo apresentador busca criar maior revolta, comoção, urgência, etc., dependendo da matéria exibida. Apela-se também a

comoção dos telespectadores, buscando comparar a notícia com a vida e o cotidiano dos telespectadores e de suas famílias.

Verifica-se que há estratégias na construção, na maneira de transmitir o noticiário e conduzir o programa, em que o apresentador: “[...] manipula a urgência; utiliza-se do tempo, da urgência, do relógio, para cortar a palavra, para apressar para interromper.” (BOURDIEU, 1997, p. 46). Dessa forma, agregando maior ênfase no fato desejado, construindo certa urgência e insegurança. Prática corriqueira nas falas dos apresentadores ou repórteres de noticiários televisivos caracteriza-se pela:

[...] impressão de que a pressão dos jornalistas exprimam suas visões ou seus valores próprios, ou pretendam, com toda boa-fé, fazer-se os porta-vozes da “emoção popular” ou da “opinião pública”, orienta por vezes muito fortemente o trabalho dos juízes. E alguns falaram de uma verdadeira transferência do poder de julgar. (BOURDIEU, 1997, p. 82).

Tomando seu discurso como representante da opinião pública, legitimando assim certas práticas e a intensificação de operações policiais na fronteira. O apresentador também incentiva a população a denunciar os crimes, observa-se que até os policiais em determinadas matérias parabenizam a população por denunciarem e acreditar no trabalho policial.

3.2 24 HORAS: O FORMATO DO PROGRAMA NO PARAGUAI

A primeira transmissão de sinal local de televisão no Paraguai ocorreu em 29 de setembro de 1965, em Asunción, pelo Canal 9 TV Cerro Corá. Com o surgimento dos canais locais Canal 7 TV Itapúa e Canal 8 Televisora Del Este, formou-se o Sistema Nacional de Televisão (SNT). Em 1981, com a inauguração do canal Teledifusora Paraguaia, iniciou-se as transmissões a cores. Posteriormente surgiram outros canais, como: TV2 (1996), Telefuturo (1997), Paravisión S.A. (2005) e Latele, Canal 11 (2008) (Câmara de Anunciantes do Paraguai – CAP, 2017).

A programação da televisão paraguaia inicialmente era composta por séries e programas internacionais de sucesso mundial, como “Os Três Patetas”, entre outros. Posteriormente, foram introduzidos programas nacionais. O primeiro telejornal se chamava “*Sucesos Paraguayos*” apresentado pelo jornalista Alcibíades González Delvalle, algumas notícias eram filmadas em preto e branco e sem som, e o apresentador comentava as imagens, ao vivo, no estúdio (CAP, 2017). Apesar da introdução de programas nacionais na televisão

paraguaia, mantiveram-se programas e telenovelas internacionais, como as telenovelas argentinas, mexicanas e brasileiras. A transmissão de novelas brasileiras permanece comum ainda nos dias de hoje.

Segundo a Revista CAP (2017), as décadas de 1980 e 1990 foram tempos de mudanças significativas para a televisão paraguaia, além da instituição da democracia no país. Foi exatamente na década de 1990 que três programas iniciaram e permanecem até hoje na programação televisiva paraguaia: La Mañana de Cada Día, 24 Horas e Platea Deportiva (CAP, 2017). Nesse período, portanto, se inicia as transmissões do telejornal 24 Horas, apresentado por Benjamín Fernández Bogado. Esse telejornal, assim como a Tribuna da Massa, se enquadra no modelo de telejornal policial, ocupando-se em transmitir crimes envolvendo cidadãos “comuns”, além de dar enfoque a crimes de violências e segurança pública, enquadrando-se ao modelo de telejornal abordado nessa dissertação.

O 24 Horas é exibido pela SNT - Cerro Corá, de segunda a sexta, as 19:50 horas no Paraguai e as 21 horas no horário brasileiro, disponível ao vivo e na íntegra no site oficial do programa. Por não ter encontrado um telejornal que se enquadre ao modelo proposto de abrangência local, optei pelo programa 24 Horas. No entanto, apesar dele possuir transmissão nacional, para se adequar aos objetivos desta análise, analiso apenas as notícias de mortes violentas ocorridas em Ciudad Del Este e em seu conglomerado urbano, composto por Presidente Franco, Hernandárias e Minga Guazú, pois são municípios que constituem a Tríplice Fronteira em foco.

Atualmente, o telejornal é apresentado por Yolanda Park e Carlos Troche, em Asunción, no Paraguai. O programa é exibido de segunda a sexta, das 19:50 as 21:00, no horário do Paraguai, e está dividido em quatro blocos. A versão disponibilizada no site do programa trata-se de uma versão editada, sem intervalos comerciais, com duração média de 50 minutos. O site do referido telejornal também disponibiliza uma versão online que é transmitida em tempo real, com os intervalos comerciais e os patrocinadores.

O 24 Horas, apesar de se enquadrar como um telejornal policial, se diferencia em alguns aspectos do Tribuna da Massa e programas de caráter sensacionalista. Apesar de ter enfoque em crimes, violências e violações, possui um modelo de jornalismo próximo ao tradicional, pois utiliza bancada, possui dois apresentadores principais, e os comentários dos apresentadores às reportagens são restritos. No entanto, a maneira em que se representam as mortes é direcionada, pois: são dados destaques à algumas cenas; altera-se a música de fundo de acordo com o sentimento e a mensagem que se quer transmitir com a reportagem;

entrevista-se vários familiares ou pessoas próximas a vítima ou do acusado; os repórteres têm maior poder de fala; as matérias têm duração por volta de 2 a 5 minutos, porém o tempo da reportagem depende do grau de importância direcionado ao caso; entre outros elementos que constroem o direcionamento do programa. O tempo médio das reportagens se diferencia das reportagens brasileiras, pois há casos de a matéria durar até 13 minutos. Se comparado com as notícias do Tribuna da Massa, as reportagens duram o tempo médio de no máximo 5 minutos.

Outra característica de telejornais policiais sensacionalistas que se faz presente no 24 Horas é a participação dos telespectadores. Essa participação é viabilizada pelo disque denúncia, pela participação durante as reportagens, no quadro “*Reportes Ciudadanos*” que se caracteriza por um quadro em que os telespectadores enviam vídeos via aplicativo Whatsapp com reclamações sobre saúde, trânsito, violência, golpes, curiosidades, etc.

Como o telejornal possui caráter nacional há a exibição de matérias de caráter político e social, entretenimento como divulgação de eventos, resumos de novelas e previsão do tempo. Porém, essas matérias não são apresentadas todos os dias, com exceção da previsão do tempo, as demais matérias são apresentadas de acordo com a pauta do dia. Nas sextas-feiras é apresentado o quadro “SNT Al Natural” com reportagens sobre animais, pontos turísticos e meio ambiente, com duração média de sete minutos, porém, quando se tem muitas matérias o quadro não é apresentado.

No site do telejornal existe a seguinte definição: “Nele você encontra tudo o que você pode querer em um informativo: crônicas e reportagens especiais elaborados com profissionalismo, clareza e profundidade. Os sucessos que são notícias nos níveis social, policial e econômico, do Paraguai e do mundo, com o selo de qualidade do SNT.” (24 HORAS, 2017, p. 1, tradução nossa). Com a definição acima, observa-se a necessidade de transmitir a imagem de um telejornal de credibilidade que abrange vários assuntos com profundidade e qualidade.

Assim como em outros telejornais, no 24 Horas também há o acompanhamento de determinados casos, desde seu acontecimento, acompanhamento dos desdobramentos, investigações, julgamentos, prisões, etc. Há o incentivo dos apresentadores e dos repórteres, para que os telespectadores que tenham maiores informações sobre o caso denunciem a polícia, e assim possam contribuir para a “solução” do caso. Nessa situação de recorrer por dias aos desdobramentos dos casos, o discurso dos apresentadores pode não despertar tantos sentimentos nos telespectadores, como o discurso performático de outros apresentadores. No entanto, o modo como a matéria é construída e o acompanhamento por vários dias ao mesmo

caso, podem despertar sentimentos na população, causando assim o mesmo efeito de comoção causado com os comentários e falas dos apresentadores performáticos.

Em relação aos apresentadores, estes ao anunciar a notícia, recorrem a uma espécie de resumo, como se contasse a história brevemente. A música de fundo no estúdio indica o tema da matéria, ou seja, músicas que remetem a suspense e entonação forte para casos de mortes, assaltos, etc., e músicas de tom alegre para notícias festivas e descontraídas. Quando se inicia a reportagem as músicas de fundo também acompanham o desenrolar da notícia, podendo alterar-se. Destaca-se o jogo de imagens construído nas matérias, pois inúmeras vezes são mostradas as vítimas, os locais dos crimes, as fotos das vítimas e dos acusados, além de recorrerem às entrevistas com testemunhas, familiares ou conhecidos dos envolvidos, e autoridades sobre o assunto, como policiais, advogados, etc.

3.3 MODOS DE ENDEREÇAMENTO E PARÂMETROS COMPARATIVOS ENTRE OS TELEJORNALIS

Ao falar sobre programas televisivos deve-se considerar que existem categorias e diferenciações entre os gêneros televisivos, pois:

Os gêneros são formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto midiático. Em geral, os programas individualmente pertencem a um gênero particular, como a ficção seriada ou o programa jornalístico, na TV, e é a partir desse gênero que ele é socialmente reconhecido. No caso da recepção televisiva, por exemplo, os gêneros permitem relacionar as formas televisivas com a elaboração cultural e discursiva do sentido. (GOMES, 2011, p. 32)

Assim, observa-se variações na programação televisiva, no entanto compõem o mesmo gênero, como: “[...] Os telejornais, programas de entrevistas, documentários televisivos, as várias formas de jornalismo temático (esportivos, rurais, musicais, econômicos) são variações dentro do gênero: podemos chamá-los subgêneros ou formatos. [...]” (GOMES, 2011, p. 32-33). Dentro dos subgêneros da programação televisiva o foco dessa pesquisa trata-se especificamente de telejornais, os quais podem ser compreendidos como:

[...] uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação. A concepção de que o jornalismo tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível e de que o faz através das várias organizações jornalísticas é uma construção: é da ordem da cultura o jornalismo ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas [...] (GOMES, 2011, p. 19).

Portanto, a função do telejornalismo é tornar uma notícia pública, no entanto, a maneira que se publicita o fato pode ter variações, manipulações e diferenças no enfoque e direcionamento ao relatar o fato. Assim: “[...] a notícia é uma construção e não uma representação ‘fiel’ da realidade [...]” (GOMES, 2011, p. 21).

A representação da notícia no telejornalismo possui duas maneiras de narrar o fato, utiliza-se desses meios para comunicar, direcionar e convencer o telespectador, de que, o que está sendo posto é verdadeiro, pois:

[...] o gênero notícia televisiva expõe duas narrativas paralelas: a narrativa visual, que se coloca como um documento do que realmente aconteceu, assim demonstrando a pretensão da objetividade, e a narrativa falada que contribui com informação complementar, ainda que permaneça relativamente distinta, sem comprometer o status da narrativa visual como pura informação. Para a audiência, essa convenção de gênero contribui para a potencial heterogeneidade da experiência com o jornalismo. Qualquer que seja sua justificação econômica ou organizacional, a convenção resulta numa estrutura de mensagem que é relativamente aberta a um leque de interpretações. (JENSEN, 1986, p. 65 apud GOMES, 2011, p. 27).

Apesar desse leque de possíveis interpretações as duas narrativas, sendo a visual e a falada, podem ser utilizadas também para direcionar as interpretações e as conclusões dos fatos. Isso acontece por meio dos modos de endereçamento, ou seja: “[...] aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência.” (MORLEY; BRUNSDON, 1978 apud GOMES, 2011, p. 33).

Esse se apresenta como uma estruturação que direciona o espectador a uma posição a partir da qual ele deve ler a programação que está assistindo. O modo de endereçamento pode ser compreendido como um posicionamento dos telespectadores, posicionamento que pode ser posto pelo programa ou construído em conjunto com sua audiência (GOMES, 2011). O modo de endereçamento parte da maneira como: “[...] um programa específico se relaciona com seus telespectadores a partir da construção de um estilo e, ao fazer isso, configura e reconfigura o próprio gênero.” (GOMES, 2011, p. 41).

Para compreender como ocorrem esses modos de endereçamentos, nos programas jornalísticos televisivos, é necessário verificar vários elementos utilizados na construção dos mesmos:

[...] deve considerar os elementos que configuram os dispositivos propriamente semióticos da TV, os elementos da linguagem televisiva – os recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som empregados pelos programas jornalísticos – e os elementos propriamente verbais. A análise deve nos levar ao que é específico da

linguagem televisiva, tal como construída num determinado programa e, conseqüentemente, tal como socialmente partilhado pela audiência [...] (GOMES, 2011, p. 37).

Para tanto, será abordado alguns pontos comparativos entre os telejornais Tribuna da Massa, do Brasil e 24 Horas, do Paraguai. Apesar de ambos os telejornais abordarem a problemática da violência e da segurança pública, possuem formatos diferentes, um com teor mais sensacionalista com apelo nos comentários e nas falas do apresentador, e o outro com maior aproximação a um telejornal tradicional, porém com reportagens direcionadas, em que as edições das matérias e o direcionamento aparecem de modo mais claro, proporcionando maior ênfase para determinados fatos.

As vinhetas de abertura de ambos os telejornais são curtas, com duração de oito segundos no Tribuna e 16 segundos no 24 Horas. As imagens na abertura do Tribuna da Massa remetem ao perímetro urbano, com imagens de prédios, palavras e códigos de programas de computadores e o logotipo do telejornal, as cores predominantes são o azul e o amarelo, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Abertura e logotipo do Tribuna da Massa (2014-2017)



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Já a abertura do 24 Horas é composta por um globo terrestre formado por pontos de luz que formam os países, em volta do globo passam linhas que podem representar a cobertura de notícias por todo o planeta, e por fim aparece o logotipo do telejornal, as cores predominantes são o azul e o vermelho, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Abertura e logotipo do 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

As cores presentes na abertura do programa compõem também o cenário, o uso recorrente da cor azul nos programas jornalísticos ocorre:

[...] por se tratar de uma marca culturalmente reconhecida pela audiência. Portanto, cabe lembrar que “a própria expressão das cores deve ser pensada como uma estrutura que se adapta ao veículo/suporte da comunicação, aos objetivos e às intenções dos meios de comunicação e ao meio cultural no qual é gerada e no qual atua” (GUIMARÃES, 2003, p. 21 apud OLIVEIRA, 2011, p. 124-125).

As cores dos cenários, portanto, demonstram objetivo ou significado do que pretendem transmitir, sendo comum em telejornais policiais a utilização de cores quentes, como a cor vermelha:

[...] por se tratar de um programa com a temática policial e, conseqüentemente com a associação da cor vermelha com a violência, a urgência e o perigo. A utilização de cores dentro deste programa vai desde os tons e texturas do cenário, do figurino do apresentador, às cores e formas das vinhetas de abertura e encerramento do programa ou de seus blocos, do uso de gráficos, infográficos, legendas etc. [...] (OLIVEIRA, 2011, p. 125).

Além dos pontos comuns faz parte da constituição do cenário do programa: “[...] os apresentadores, suas roupas, o décor, o horário, as vinhetas, a hierarquização das notícias em

relação às outras, além da própria cena da informação [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 124). Essas características demonstram os modos de endereçamentos e as representações que pretendo demonstrar.

Como já dito, as cores da vinheta de abertura do programa também compõem as cores dos cenários, com predominância do azul e do vermelho no 24 Horas e azul e amarelo no Tribuna da Massa, conforme podemos verificar nas Figuras 3 e 4, a seguir.

Figura 3 – Cenário e plano geral de câmera no 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Figura 4 – Cenário e plano geral de câmera no Tribuna da Massa.



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Observa-se que no 24 Horas existe uma bancada. Ao iniciar o telejornal, aparece a imagem dos apresentadores entrando no estúdio e param em frente à bancada, cumprimentam os telespectadores, apresentam as principais notícias e chamam algum repórter externo para aparecer ao vivo ou inicia uma edição com as principais notícias do dia.

Após a apresentação das principais notícias os apresentadores aparecem sentados atrás da bancada, com um recorte de câmera que aparece apenas em: “[...] Plano Americano (PA), dos cotovelos para cima, mostrando parte da bancada na qual se apoia. Toda a dimensão corporal está restrita aos braços, mãos e rosto [...]” (BORJA, 2011, p. 230). Esse modelo aproxima-se dos telejornais tradicionais, em que a movimentação e os comentários dos apresentadores são restritos.

No Tribuna da Massa não há bancada, proporcionando maior liberdade de expressão e movimentos ao apresentador, que anda por todo o cenário. Esse modelo de estúdio/cenário é comum nos programas sensacionalistas, mais conhecidos como jornalismo show, em que proporciona maior liberdade de dramatização, comentários, encenação e às vezes até coreografia por parte do apresentador. A ausência de bancada é:

[...] uma tendência que se apresentava em programas mais antigos e consagrados como, por exemplo, *Aqui Agora* e *Globo Repórter*. Este modelo de cenário permite que o âncora obtenha um desempenho corporal maior, permitindo que desempenhe um papel de apresentador de um jornalismo *show*. A visão que o telespectador tem

do cenário no vídeo é de um espaço compacto, isso porque os movimentos de câmera dentro do programa são bem tradicionais, ancorados basicamente no plano americano (PA) e no primeiro plano (PP). (OLIVEIRA, 2011, p. 125, grifos do autor).

Os planos de câmera utilizados por ambos os telejornais são comuns aos outros jornais e programas televisivos, trata-se da:

[...] distância íntima – que corresponde ao primeiro plano – até a social. O plano americano (enquadramento até a cintura) representa a distância pessoal, a da comunicação cara a cara, que implica uma distância maior que a íntima, mas que admite, por exemplo, o contato de mãos entre os interlocutores. A distância social – que é a imposta por um objeto qualquer entre os interlocutores – teria seu equivalente no plano médio (os personagens aparecem de corpo inteiro). E a maior das distâncias – entre o público e o apresentador – é a distância pública que corresponde ao plano geral (em que se podem visualizar o cenário e os personagens por completo), mas, sem dúvida, os enquadramentos em plano americano são os mais utilizados no jornalismo televisivo, pois detêm a chamada distância pessoal em relação ao telespectador. (MACHADO, 1996, p. 105-106 apud OLIVEIRA, 2011, p. 125-126).

Os referidos planos de câmera podem ser observados nas imagens três e quatro, em que se utilizam o plano geral, a partir da qual possibilita-se ver parte do cenário e os apresentadores por completo. Já as Figuras 5 e 6 demonstram o plano americano, em que a imagem dos apresentadores se restringem ao primeiro plano até a cintura.

Figura 5 – Plano Americano no 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Figura 6 – Plano Americano no Tribuna da Massa



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Não há um padrão de como se inicia o Tribuna da Massa, por vezes o apresentador está em frente a tela principal do estúdio, outras vezes aparece “batendo” na tela da câmera encenando que está “batendo” na tela da televisão do espectador, pede licença para “entrar” na casa do espectador. Ao iniciar, o apresentador cumprimenta os telespectadores com a frase: “Oh de casa, tudo certo? Tudo belezinha? Como vocês estão? Tudo na paz? Então tá certo” (TRIBUNA DA MASSA, 2017). Assim busca criar maior proximidade com o público. Outras vezes o apresentador inicia o programa cumprimentando o apresentador e a equipe do programa Show de Bola que é exibido no horário anterior a Tribuna da Massa, e na sequência anuncia as principais manchetes por meio de uma reportagem.

O 24 Horas inicia com a entrada dos apresentadores no cenário/estúdio e param em frente a bancada, cumprimentam ao público e o apresentador ao seu lado e apresentam as principais notícias do dia, chamando a reportagem ou fazendo alguma chamada externa com repórteres que apresentam alguma notícia em específico.

Outra característica similar entre os telejornais é a edição no início do telejornal com as principais notícias do dia. Trata-se de anunciar as principais manchetes, em um vídeo curto e em seguida dar sequência ao telejornal. Em relação a essa forma de apresentar as principais notícias, o Tribuna da Massa apresenta esse “resumo com as principais notícias” de segunda a sexta, mas aos sábados não é apresentado. Já no 24 Horas não ocorre de modo regular, pois

não são em todas as edições que apresentam. No entanto, quando há esse tipo de reportagem, as vezes apresentam as principais manchetes, recorrendo aos repórteres externos, as vezes abrem para o intervalo comercial, depois retomam o programa. Por vezes não são apresentadas as principais manchetes, e apresentam direto as notícias, principalmente, quando tem alguma notícia que é dada maior atenção no dia. Nestes dias, fazem uma espécie de *trailer* que se repete durante a programação, como no dia 25 de abril de 2017, referente aos assaltos a *Prosegur* em Ciudad Del Este.

Existem diferenças entre os patrocinadores e anunciantes nos telejornais analisados, essa diferenciação ocorre devido a abrangência dos mesmos. O Tribuna da Massa possui caráter local, assim seus anunciantes e patrocinadores são majoritariamente composto por empresas locais. Por sua vez, o 24 Horas possui abrangência nacional, com isso seus anunciantes são empresas de caráter nacional ou internacional. A maneira em que são mostradas as marcas anunciantes também acontece de modo diferenciado, pois no Tribuna da Massa há propagandas e até mesmo “merchã” dos produtos durante o programa, além dos intervalos comerciais. O apresentador Luciano Alves, participa dos anúncios das marcas anunciadas, seja por meio de anúncio das mercadorias no estúdio, como podemos ver na Figura 7, ou nas reportagens gravadas exclusivamente para passar no programa. Há também propagandas no intervalo comercial em que o apresentador reforça o nome da empresa durante o programa.

Figura 7 – Propaganda durante o Tribuna da Massa



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Os anunciantes do Tribuna da Massa, caracterizam-se como empresas populares, a maioria com crediários longos. Os anunciantes durante o programa⁴ compõem em sua maioria por supermercados, lojas de materiais de construção, planos de saúde e odontológico, cursos profissionalizantes, clínica veterinária, rede de farmácias, loja de móveis, concessionária de motos, pizzaria, lojas de confecções para público adulto e infantil, gráfica, restaurante, ótica, entrega de gás de cozinha, além de anúncios da programação da Rede Massa e eventos no município de Foz de Iguaçu. As propagandas no intervalo comercial⁵ seguem a mesma linha, com anúncios de supermercados, farmácias, lojas de confecções, ferramentas, materiais de construções, veículos, móveis e eletrodomésticos, planos de saúde, clínicas médicas, construtora, agências de financiamentos, pizzaria, etc., além de propagandas do governo estadual e federal, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), campanhas de vacinação e contra a dengue, alistamento no exército e justiça eleitoral.

A única propaganda que aparece discretamente é da marca Audithorium, que aparece no início do programa, assim que mostra a imagem do apresentador, na parte de baixo da tela aparece “Luciano Alves veste Audithorium”. O apresentador não menciona a marca em nenhum momento no programa (Figura 8).

⁴ Anunciantes durante o Tribuna da Massa: Plano Saff, Líder Supermercado, Gráfica Grapel, Descontão, Panorama Home Center, Supergasbras, Óticas Carol, Construtora Pulcinelli, Honda Motec, Odontossan, Cell Shop, Varejo Paulista, Farmácia Preço Justo, Cebrac, Amarisol, Baby Cão Clínica veterinária, Proeste, Shop Car (Japa Multimarcas e Sarrana Multimarcas), KF Supermercados, Zanon Móveis, Buteco do Palazzo, Blumenau Kids, A Gazeta, Acesso Saúde, Mega Pizza, Auto Posto Palazzo, Tegovale, Caderno Imobiliário Gazeta do Iguaçu, Ferreira Bebidas, Blumenau Malhas.

⁵ Anunciantes no intervalo comercial do Tribuna da Massa: Blumenau Malhas, Ítalo Supermercados, Feirão de Imóveis, Hospital de Olhos de Cascavel, Super Muffato, Estatex, Setga Ferramentas, Acesso Saúde, BR Ferro e Aço, Tarini Móveis, Blumenau Kids, KF Supermercados, Manica, Tele Sena, Doutor Lubrificas, Mega Pizza, Supermercado Gisele, Lojas MM, Ney Supermercado, Construtora Atria, Casa D’Antônio, Consalter Supermercado, Jeep Chiapetti, Tarini Móveis, Ademilar Consórcios, Frimesa, Crislaine Materiais para Construção, Alegria, Clínica Médica Popular, Anjos Colchões, Zendai, 27ª Fercalce, Farma Útil, Arte Tintas, QI Impressão Digital, Sicredi, Aprendiz Paranaense, Ney Supermercado, JD Home Center, Samuka Lanches e Pastelaria, Pedrini, Havan, Martelli, Ramar Móveis, Daisy Materiais para Construção, Mercado Jajá, Aplicar, Viana Materiais para Construção, Fábio Rodas, Super Gisele, UDC Centro Universitário, Sanepar, Itamed,

Figura 8 – Marca de roupa utilizada pelo apresentador do Tribuna da Massa



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

No telejornal 24 Horas esse tipo de propaganda que anuncia a marca de roupa que o apresentador está usando também se faz presente. No entanto, 24 Horas contém dois apresentadores principais Carlos Troche e Yolanda Park, porém somente é mencionada explicitamente a marca de roupa que Carlos Troche usa, na parte inferior da tela aparece a seguinte frase: “*Carlos Troche veste en L’UOMO*”. Não há menção explícita da marca de roupa utilizada pela apresentadora Yolanda Park (Figura 9). Aparece apenas discretamente a frase “*Yolanda Park se maquila con REVLON*”, sendo mencionada a marca de maquiagem que a apresentadora utiliza, juntamente com duas marcas, as quais não foram possíveis identificar devido o logotipo das mesmas serem pequenos. A frase mencionada aparece na mesma tarja da marca mencionada, tornando quase imperceptível (Figura 10).

Figura 9 – Marca de roupa utilizada pelo apresentador do 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Figura 10 – Marca de maquiagem utilizada pela apresentadora do 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Os anúncios durante o programa ocorrem de maneira discreta, apenas com tarjas na parte inferior da tela em que aparece o logotipo, o nome das marcas ou frases, no início do programa e no retorno dos intervalos comerciais. Os apresentadores não mencionam as marcas. Durante o telejornal as marcas anunciantes são empresas de beleza e cosméticos,

roupas, salão de beleza, jogos concorrendo prêmios, lavanderia, planos de internet, entre outros⁶. Ao iniciar o quadro SNT Al Natural e durante a exibição do quadro são anunciadas as marcas que o patrocinam. Os patrocinadores são empresas de eletrodomésticos, veículos, cooperativa, seguradora, laticínio e água mineral⁷. Durante os intervalos comerciais as marcas anunciadas referem-se a produtos de limpeza, operadora telefônica, planos de internet, rede de supermercados, venda de celulares, ar condicionados, absorventes, lojas de motos e automóveis, jogos, cerveja, cosméticos e produtos de higiene pessoal (shampoo, condicionador, desodorante, creme dental, fraldas, lenços umedecidos), produtos alimentícios (chocolate, macarrão, suco, café, carnes e defumados, sucos, bebida láctea, água mineral, refrigerante, vinho, molho), eventos, transportadoras, móveis e eletrodomésticos, cola e seguradora⁸.

Os trajes utilizados pelos apresentadores e repórteres no 24 Horas é sempre social, Carlos Troche e os demais repórteres e apresentadores de alguns quadros usam camisa e calça social, gravata, terno e sapato social, a apresentadora Yolanda Park e as repórteres mulheres usam vestidos, blusinhas e saias, blazer e calça social, macacão, e sapato de salto alto. As roupas usadas pela apresentadora e pelas repórteres na maioria das vezes são justas e com decotes.

As roupas usadas por Luciano Alves no Tribuna da Massa são mais despojadas, como calça jeans, camisa social de manga longa ou $\frac{3}{4}$ e sapato social, esporadicamente usa jaqueta de couro ou terno. Os trajes utilizados pelos repórteres externos também são despojados como camisa social e calça jeans, e as repórteres mulheres camisa social, blusas ou blazer, sempre com decotes discretos e sem marcar o corpo.

A partir das falas do apresentador Luciano Alves e das empresas anunciantes no telejornal, supõe-se que os organizadores do programa acreditam que a classe trabalhadora, com rendimento econômico baixo, compõe a clientela do programa. As falas do apresentador são de modo direcionado, buscando se aproximar dos telespectadores, por vezes o

⁶ Empresas anunciantes durante o 24 Horas: Dakar, Personal, 5asec Textile Expert, Clan Cáceres spa. Executive, Paola Boutique, Joseph Coiffure, Verónica Veja Asesora de imagen, Seneté.

⁷ Anunciantes durante o quadro SNT Al Natural: Zulia Electrodomésticos Sociedad anonima, General Seguros, Interfin, Lacteos D.A., Água Torrente, Euroimport, Cooperativa 8 de Marzo, Diesa, San Antonio Equipamentos.

⁸ Intervalo comercial: Capaclor, Claro, Pastas Anitas, Capasu Camara Paraguaia de Supermercados, Tigô, Alex S.A., Carrier, Personal, Nosotras, Kenton, Chacomer, Gonzalez Gimenez, Seneté, Budweiser, Head & Shoulders, Nestle, Pantene, Familiar, Puro Sol, Nescafé, El Retrovisor, Teletón, Hidrolageno, Huggies, Ruben Dario Comercial S.R.I., Petrobras, Midea, Nivea, Upisa Frigorífico, Éccole, Arcor, Casa Gruter, Lácteos D.A., Água Torrente, Pilsen, General Seguros, Colgate, Dermaglós, Pepsi, Vinhos Santa Helena, Sun e Governo Federal.

apresentador diz “Oh dona de casa” (TRIBUNA DA MASSA, 2017). Essa aproximação através das falas ocorre devido o contexto comunicativo em que o programa televisivo atua:

[...] os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta. Um programa jornalístico sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente (“você, amigo da Rede Globo”, “para o amigo que está chegando em casa agora”, “esta é a principal notícia do dia”, “Agilidade, dinamismo e credibilidade é o que queremos trazer para você”, “você é meu parceiro, nós vamos juntos onde a notícia está”) – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador. (GOMES, 2011, p. 39).

As falas dos apresentadores do 24 Horas não remetem a um público específico, no entanto, há implicitamente uma estrutura do programa que remete ao público direcionado, por meio do cenário, da postura dos apresentadores e das empresas anunciantes. A interação por parte do apresentador se faz presente no Tribuna da Massa, nas interações do apresentador com a equipe com os câmeras, diretor, apresentadores de outros programas. Característica que não acontece no telejornal paraguaio.

Outro ponto comparativo entre os telejornais diz respeito a maneira de apresentar os títulos das reportagens durante o telejornal: “[...] as manchetes geralmente são textos curtos e de impacto que conduzem interpretações e demonstram parcialidade, apresentando um resumo sensacionalista das notícias que são chamadas pelo apresentador [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 127).

Seguindo esse padrão de apresentar as manchetes, ambos utilizam o título da reportagem juntamente com o logotipo do telejornal, na parte inferior da tela. No entanto, no Tribuna da Massa é posto apenas um título e esse acompanha toda a reportagem. Já no 24 Horas a frase que anuncia o fato é dividido em duas partes, a primeira permanece a mesma durante toda a reportagem, e a segunda se altera no decorrer da reportagem, conforme são contados aspectos novos do fato a segunda parte da frase é alterada, podendo essa ser alterada mais de cinco vezes durante uma mesma reportagem.

A maneira de apresentar a notícia possui semelhança entre os telejornais, pois no Tribuna da Massa o apresentador conta uma breve história narrando o fato, buscando aproximar à realidade dos espectadores, chama a reportagem, e após a reportagem o apresentador expressa sua opinião e seus sentimentos sobre o fato. O apresentador:

[...] Envolva-se com os fatos noticiados e transmite para o telespectador seus sentimentos de raiva, tristeza e revolta, sofrendo com as mesmas angústias que

atormentam o telespectador. Com esse posicionamento, o apresentador tenta mostrar que está do lado do povo e em busca de medidas que solucionem os problemas que afligem a sociedade [...] (FREITAS, 2011, p. 253).

No 24 Horas os apresentadores sutilmente deixam transparecer seus sentimentos. Quando vão apresentar a notícia relatam brevemente a notícia, apresentam a reportagem e algumas vezes fazem alguns comentários sobre a mesma.

Ao anunciarem a notícia, ambos narram um resumo do caso, aproximando o fato com a vida dos telespectadores. Na sequência inicia-se a reportagem acompanhada de imagens, sons, testemunhas, etc. Porém, “Normalmente, os dois modos, o visual e o verbal, irão contar a mesma história, pois essa é uma convenção na televisão. Há, contudo, a possibilidade de conflito, ou contradição (ou ironia e sarcasmo) [...]” (ROSE, 2008, p. 358). Assim, as imagens postas na reportagem aparecem para justificar e “provar” o fato já narrado pelos apresentadores, ou ainda como pretexto para comentários posteriores. Nesses comentários, mesmo que restritos aos apresentadores são como se esses se colocassem como porta vozes da população, ao:

[...] se colocar como uma autoridade no assunto tratado posiciona-se no lugar de juiz da sociedade, substituindo ou tentando substituir as instituições do judiciário, ou assumindo o papel do próprio Estado, que controla e disciplina os desvios sociais [...] Desta forma oferece ao repórter o papel do vigilante da sociedade: está ali para acompanhar e denunciar as falhas dos sistemas sociais públicos e privados, alertando a sociedade sobre os riscos que corre e chamando-a para a ação social. (OLIVEIRA, 2011, p. 132).

A diferenciação no modo de apresentar a notícia e comentar sobre ela, se estrutura a partir do modelo de apresentador, pois há nitidamente a diferenciação entre o modelo de apresentadores nos dois telejornais. O apresentador Luciano Alves do Tribuna da Massa se enquadra no modelo de apresentador performático, conhecido também como “apresentador ator” apontado por Borja (2011), características que podem ser visualizadas na maneira de narrar as reportagens, utiliza-se de dramatização, muda a entonação de voz, faz gestos exagerados, grita, entre outros pontos de sua performance.

Luciano Alves pode ser compreendido como “mediador performático” a qual: “[...] refere-se ao modo do apresentador se comportar, como expressões faciais, modalização da voz de forma eloquente, um desempenho corporal com movimentos mais expansivos e agitados [...] Boa parte da comunicação interpessoal não se dá apenas pela fala, mas, sobretudo, por meio dos gestos.” (OLIVEIRA, 2011, p. 130).

Características que não estão presentes nos apresentadores do 24 Horas, a condução exercida por eles tem maior proximidade com o modelo tradicional, em que o âncora mantém distanciamento do fato e busca não demonstrar sentimentalismo pelos fatos narrados. Assim, eles fazem comentários restritos e buscam não demonstrar sentimentos. A condução de Carlos Troche e Yolanda Park se aproxima de “apresentador intérprete” ou “meta enunciador”, em que o: “[...] mediador que interpreta o texto através de gestos faciais e modalização da voz de forma discreta.” (BORJA, 2011, p. 230-231).

Essa diferenciação entre o comportamento dos apresentadores pode ser exemplificados a partir da explicação de Eliseo Verón (1983), que classifica os apresentadores em:

[...] “apresentador-ventríloquo” e “apresentador moderno” ou “meta-enunciador”, baseado na gestualidade e no posicionamento diante das câmeras. O “apresentador-ventríloquo” é aquele que funciona como ponto de passagem do discurso, caracterizado pelo factual e pelo descritivo. Seus gestos são mínimos e o olhar é a única forma de contato com o telespectador. Já com o “meta-enunciador”, expande-se a dimensão corporal e todo o corpo é mediatizado na relação com o telespectador [...] Além dos gestos, o apresentador modaliza o discurso também através da entonação da voz. (BORJA, 2011, p. 230).

A importância dada o desempenho dos apresentadores ocorre devido ser um ponto central: “[...] dos modos de endereçamento dos programas telejornalísticos [...] que se organizam muito claramente a partir da competência performática de seus apresentadores, e em programas de entrevista, mas também está presente nos mais discretos telejornais [...]” (GOMES, 2011, p. 38-39).

A liberdade de se expressar decorrentes do modelo de apresentador também recai sobre os tipos de comentários feitos pelo mesmo. Nota-se que o apresentador do Tribuna da Massa faz críticas as autoridades políticas, a justiça ou a legislação vigente:

O programa, ao buscar fazer o papel de benemérito da sociedade, de paladino da justiça, ou de quem presta um serviço social de denúncia e vigilância, tenta se colocar acima do papel que caberia ao Estado, e é nesse momento que a noção de pacto sobre o papel do jornalismo fica mais evidente no telejornal [...] [ao] propor um pacto de que está vigilante, de olho no mundo do crime e nos tribunais para cobrar a condenação dos “criminosos” ou, simplesmente, para dizer ao telespectador que se o Estado não cumpre o seu papel [...] está ali para cobrar explicações e exigir que algo seja feito. (OLIVEIRA, 2011, p. 136).

Essa característica de cobrar da justiça e se mostrar vigilante em favor da população, ocorre rotineiramente no Tribuna da Massa. No entanto, não se faz presente no 24 Horas, por

se tratar de modelos diferentes de apresentadores e diferenças no direcionamento do telejornal. Apesar das diferenciações entre o modelo de apresentadores, nenhum deles utiliza-se de “bordões” ou frases chavões.

Durante as reportagens os apresentadores e repórteres recorrem à especialistas dos assuntos, como advogados, juízes, policiais, etc., para dar mais detalhes do fato ou para justificarem os discursos apresentados na reportagem ou pelos próprios apresentadores. Esse recurso de utilizar uma “autoridade” como “fonte oficial” do caso, trata-se segundo Abramo (2016) de “oficialismo”, ou seja, uma versão do caso é apresentada:

[...] mas de preferência, a versão oficial. A melhor versão oficial é a da autoridade, e a melhor autoridade, a do próprio órgão de imprensa [...] Ela sempre vale mais do que as versões de autoridades subalternas, sempre muito mais que a dos personagens que não detêm qualquer forma de autoridade e, evidentemente, sempre infinitamente mais do que a realidade [...] (ABRAMO, 2016, p. 45-46).

Outro momento recorrente nas reportagens dos telejornais é denominado como 3º Padrão Global, em que a “Autoridade Resolve”, esse pode ter duas naturezas, primeiro quando se trata de um fato “natural”, a autoridade anuncia as providências a serem tomadas ou que já foram realizadas, por outro lado, ao se tratar de um:

[...] fato social (greve, passeata, reunião de partido, sessão do Parlamento, homicídio, assalto etc.) a autoridade reprime o Mal e enaltece o Bem, e também anuncia as soluções já tomadas ou a tomar, para as duas situações. Nos dois casos, a autoridade tranquiliza o povo, desestimula qualquer ação autônoma e independente do povo, mantém a autoridade e a ordem, submete o povo ao controle dela, autoridade. (ABRAMO, 2016, p. 52).

Outro recurso utilizado nos telejornais são transmissões e reportagens ao vivo, no 24 Horas ocorre com maior frequência que no Tribuna da Massa. O uso dessa ferramenta: “[...] ainda são o melhor exemplo do modo como os programas buscam o reconhecimento da autenticidade de sua cobertura por parte da audiência [...]” (GOMES, 2011, p. 39-40). Isso acontece por que: “Os dois recursos mais importantes no programa são os efeitos sonoros e o ‘ao vivo’. Os primeiros são constantemente utilizados durante o programa e ajudam na construção de sentido do discurso do mediador, intensificando o clima de denúncia, ou revolta, ironia etc. [...]” (BORJA, 2011, p. 237).

As imagens ao vivo ocorrem também para mostrarem imagens dos centros das cidades, Foz do Iguaçu e Asunción, com o objetivo principal de falar do clima e da temperatura, mas chegam a comentar do trânsito na cidade. As imagens são feitas do alto da

torre da emissora. Geralmente no 24 Horas essas imagens do centro da cidade são exibidas no início do programa, já no Tribuna da Massa costuma-se ser exibidas no final.

Os dois telejornais analisados utilizam a participação da população e dos telespectadores durante o telejornal, por meio de disque denúncia, enquetes pelo aplicativo Whatsapp e disponíveis no site do programa, e quadros do próprio telejornal. Essa característica de utilizar de imagens e vídeos dos telespectadores para construção de quadros e matérias ampara-se no fato de que:

[...] o surgimento, a consolidação do jornalismo de tipo cidadão, com a proliferação dos recursos de interatividade, dos *blogs*, *chats*, do jornalismo *open source* e de sites de disponibilização de vídeos que tendem a reconfigurar os valores jornalísticos e a relação entre jornalismo e público. No caso específico do telejornalismo, verificamos, por exemplo, que cada vez mais as grandes emissoras têm utilizado imagens de amadores, em particular de filmes produzidos com telefones celulares – imagens, portanto, que não seguem quaisquer dos critérios profissionais de controle e verificação da informação – como modo justamente de ampliar a autenticidade e a veracidade dos programas telejornalísticos [...] (GOMES, 2011, p. 23).

A utilização de imagens e vídeos enviados pelos telespectadores se faz presente nos dois telejornais analisados. No Tribuna da Massa de modo mais restrito, em que as imagens e os vídeos tem um certo direcionamento, sendo utilizadas nos quadros “Tribuna do Cão”, em que exhibe apenas as imagens dos animais de estimação que estão desaparecidos, já nos quadros “Fala Massa” e “Minha Vida em 1 Minuto”, os vídeos enviados têm um direcionamento seja como forma de divulgar um “currículo” na busca de se conseguir um emprego, ou apenas para falar um pouco sobre sua vida.

No telejornal paraguaio 24 Horas a utilização dos vídeos enviados pelos telespectadores compõem o quadro “*Reporteres Ciudadanos*”, em que a temática é livre, o quadro é construído a partir dos vídeos enviados pelos telespectadores, seja para reclamar de saúde, transporte, educação, denunciar algum tipo de crime, etc. O quadro é direcionado em exhibir imagens e vídeos da população, mas não há restrições dos assuntos abordados.

Essa prática de utilizar de imagens e vídeos dos telespectadores: “[...] aparece também como um forte apelo para a audiência e, de modo a manter o telespectador preso no fluxo televisivo, no telejornalismo as imagens são estruturadas de acordo com a estética de produção de mercadoria [...]” (GOMES, 2011, p. 27).

A utilização das imagens enviadas pelos telespectadores demonstra-se como uma maneira de inserir a participação dos telespectadores ao programa, buscando criar o sentimento de pertencimento, proporcionando o poder de fala e de pauta. Porém, os vídeos e

imagens exibidas, mesmo que pareça com maior liberdade, não deixa de ser selecionados, e exibindo assim imagens e vídeos direcionados, que se enquadre na estética e no foco do telejornal.

De maneira geral as comparações realizadas no decorrer do tópico podem ser visualizadas de maneira sintetizada na tabela abaixo:

Tabela 01 – Modos de endereçamento dos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas

Modos de endereçamento geral dos programas	Brasil – Tribuna da Massa	Paraguai – 24 Horas
Quantidade de blocos e duração do telejornal e dos blocos	5 blocos Duração: 01h30min, com intervalos.	4 blocos Duração: 01h00min, com intervalos.
Vinheta de abertura	Duração de oito segundos, As imagens na abertura do Tribuna da Massa remetem ao perímetro urbano, com imagens de prédios, palavras e códigos de programas de computadores e o logotipo do telejornal, as cores predominantes são o azul e o amarelo.	Duração de 16 segundos, as imagens são compostas por um globo terrestre formado por pontos de luz que formam os países, em volta do globo passam linhas que podem representar a cobertura de notícias por todo o planeta, e por fim aparece o logotipo do telejornal, as cores predominantes são o azul e o vermelho.
Cores do cenário	Predominância do azul e amarelo.	Predominância do azul e do vermelho.
Bancada	Ausência de bancada.	Presença de bancada
Reportagem com principais notícias do dia.	Sim, de segunda a sexta, somente na edição de sábado não é apresentada.	Sim, utilizam desse recurso, mas não em todas as edições.
Propagandas durante o programa.	Anunciantes e patrocinadores são majoritariamente compostos por empresas locais. Durante o programa o apresentador anuncia os produtos e as marcas, além dos intervalos comerciais. O apresentador Luciano Alves, participa dos anúncios das marcas anunciadas, seja por meio de anúncio das mercadorias no estúdio, ou nas reportagens gravadas exclusivamente para passar no programa. Há também propagandas no intervalo comercial em que o apresentador reforça o nome da empresa durante o programa.	Anunciantes são empresas de caráter nacional ou internacional. Os anúncios durante o programa ocorrem de maneira discreta, apenas com tarjas na parte inferior da tela em que aparece o logotipo, o nome das marcas ou frases, no início do programa e no retorno dos intervalos comerciais. Os apresentadores não mencionam as marcas.
Empresas anunciantes durante o programa	Caracterizam-se como empresas populares, a maioria com crediários longos. As empresas anunciantes compõem em sua maioria por supermercados, lojas de materiais de construção, planos de saúde e odontológico, cursos profissionalizantes, clínica	Durante o telejornal as marcas anunciantes são empresas de beleza e cosméticos, roupas, salão de beleza, jogos concorrendo prêmios, lavanderia, planos de internet, entre outros.

	veterinária, rede de farmácias, loja de móveis, concessionária de motos, pizzaria, lojas de confecções para público adulto e infantil, gráfica, restaurante, ótica, entrega de gás de cozinha, além de anúncios da programação da Rede Massa e eventos no município.	
Empresas anunciantes nos intervalos comerciais	Segue a mesma linha dos anúncios durante o programa, com anúncios de supermercados, farmácias, lojas de confecções, ferramentas, materiais de construções, veículos, móveis e eletrodomésticos, planos de saúde, clínicas médicas, construtora, agências de financiamentos, pizzaria, etc., além de propagandas do governo estadual e federal, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), campanhas de vacinação e contra a dengue, alistamento no exército e justiça eleitoral.	As marcas anunciadas referem-se a produtos de limpeza, operadora telefônica, planos de internet, rede de supermercados, venda de celulares, ar condicionados, absorventes, lojas de motos e automóveis, jogos, cerveja, cosméticos e produtos de higiene pessoal (shampoo, condicionador, desodorante, creme dental, fraldas, lenços umedecidos), produtos alimentícios (chocolate, macarrão, suco, café, carnes e defumados, sucos, bebida láctea, água mineral, refrigerante, vinho, molho), eventos, transportadoras, móveis e eletrodomésticos, cola e seguradora.
Figurino dos apresentadores e repórteres	As roupas usadas por Luciano Alves no Tribuna da Massa são mais despojadas, como calça jeans, camisa social de manga longa ou $\frac{3}{4}$ e sapato social, esporadicamente usa jaqueta de couro ou terno. Os trajes utilizados pelos repórteres externos também são despojados como camisa social e calça jeans, e as repórteres mulheres camisa social, blusas ou blazer, sempre com decotes discretos e sem marcar o corpo.	Os trajes utilizados são sempre sociais, Carlos Troche e os demais repórteres e apresentadores de alguns quadros usam camisa e calça social, gravata, terno e sapato social, a apresentadora Yolanda Park e as repórteres mulheres usam vestidos, blusinhas e saias, blazer e calça social, macacão, e sapato de salto alto. As roupas usadas pela apresentadora e pelas repórteres na maioria das vezes são justas e com decotes.
Classe que compõem os telespectadores do programa	Pelas falas do apresentador e das empresas anunciantes no telejornal, supõe-se que os organizadores do programa acreditam que a classe trabalhadora, com rendimento econômico baixo, compõe a clientela do programa.	Não mencionam nenhum termo que possa identificar a que classe eles acreditam formar a audiência do programa.
Título das reportagens	O título da reportagem juntamente com o logotipo do telejornal, na parte inferior da tela. É posto apenas um título e esse, acompanha toda a reportagem.	O título da reportagem juntamente com o logotipo do telejornal, na parte inferior da tela. O título da reportagem é dividido em duas partes, a primeira permanece a mesma durante toda a reportagem, e a segunda se altera no decorrer da reportagem, conforme são contados aspectos novos do fato

		a segunda parte da frase é alterada, podendo essa ser alterada mais de cinco vezes durante uma mesma reportagem.
Maneira dos apresentadores anunciarem o fato	O apresentador conta uma breve história narrando o fato, buscando aproximar à realidade dos espectadores, chama a reportagem, e após a reportagem o apresentador expressa sua opinião, seus sentimentos sobre o fato e pede colaboração da população por meio do disque denúncia.	Comentário antes da reportagem apenas para relatar brevemente a notícia, apresenta a reportagem e raramente fazem alguns comentários sobre a mesma.
Modelo de apresentadores	Luciano Alves do Tribuna da Massa se enquadra no modelo de apresentador performático, conhecido também como “apresentador ator”, utiliza-se de dramatização, muda a entonação de voz, faz gestos exagerados para anunciar ou comentar as reportagens. Utiliza de jornalismo show, com liberdade de desempenho.	Os apresentadores Carlos Troche e Yolanda Park pertence ao modelo tradicional, em que o âncora mantém distanciamento do fato e busca não demonstrar sentimentalismo pelos fatos narrados. Assim, eles fazem comentários restritos e buscam não demonstrar sentimentos. Pode também ser denominados como apresentador intérprete ou meta enunciador.
Imagens ao vivo	Sim, as imagens ao vivo ocorrem para mostrarem imagens dos centros de Foz do Iguaçu, com o objetivo de falar do clima e da temperatura, e do trânsito na cidade. Algumas vezes quando acontece algum fato como morte violenta durante a exibição do programa, e algum repórter está no local.	Sim, com grande frequência. As chamadas ao vivo podem ser para mostrar imagens do centro de Asunción, para falar do clima e da temperatura, para apresentar alguns repórteres que estão em algum local que serão exibidas reportagens sobre algum acontecimento, como acidente, manifestações, etc.
Participação da população nos telejornais	A participação ocorre em quadros e enquetes, pelo aplicativo whatsapp, site do programa, vídeos enviados pelos telespectadores, e durante algumas reportagens.	A participação acontece por meio de um quadro específico para exibir vídeos enviados pelos telespectadores via whatsapp e durante as reportagens por meio de entrevistas, que é muito frequente.
Interação dos apresentadores com a equipe (câmera, editores, etc.)	O apresentador interage com câmeras, diretor, apresentadores de outros programas e os telespectadores.	Não ocorre interação.
Os apresentadores fazem críticas as autoridades políticas, a justiça ou a legislação vigente.	Sim, durante comentários posteriores as reportagens.	Não.

Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

4 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES

O presente capítulo apresenta alguns apontamentos sobre a fala do crime proposto por Caldeira (2000), e como essa está presente no cotidiano. Como as falas e comentários no cotidiano sobre as violências e crimes acabam reforçando determinados estereótipos e a sensação de medo e insegurança. A fala do crime encontra na mídia um espaço fértil de proliferação, amparando-se em programas e notícias sobre crimes, violências e letalidades. As reportagens buscam demonstrar nas notícias a realidade, no entanto, devido os processos de edições e manipulações mesmo que de modo sutil deixam de demonstrar a realidade de fato, e passam então a demonstrar uma realidade construída. Assim, o telespectador conhece aquela realidade a partir de recortes, de edições que possuem um determinado direcionamento ideológico, seja buscando maior audiência, satisfação dos patrocinadores, etc.

A maneira de representar as mortes violentas nos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas, possuem algumas diferenciações na maneira de mostrar as vítimas, os suspeitos, à maneira de anunciar e comentar os casos. Características que serão apresentadas neste capítulo. Também será exposto o perfil das vítimas de mortes violentas que compõem o recorte da pesquisa. Além de buscar demonstra os Padrões Globais de Manipulação proposto por Abramo (2016), presentes nas reportagens de mortes violentas nos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas. Por fim, algumas considerações sobre a intensificação do medo e insegurança causada na população devido às exposições das violências na mídia televisiva.

4.1 A FALA COTIDIANA E A SENSACÃO DE DIFUSÃO DA VIOLÊNCIA

A violência ou os comentários sobre a mesma está presente nos lugares mais diversos no cotidiano, os sentimentos de insegurança e medo contagiam. Esses pontos podem ser proliferados pela “fala do crime” como aponta Caldeira (2000). Segundo ela a fala do crime são:

[...] todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que tem o crime e o medo como tema – é contagiante [...] A fala do crime é também fragmentada e repetitiva. Elas surgem nas mais variadas interações, pontuando-as, repetindo a mesma história ou variações da mesma história, comumente usando apenas alguns recursos narrativos [...] Assim, a fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhado e reproduzido, e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada [...] A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações. Além disso, a fala do crime também ajuda a violência a

proliferar ao legitimar reações privadas ou ilegais – como contratar guardas particulares ou apoiar esquadrões da morte ou justiceiros –, num contexto em que as instituições da ordem parecem falhar (CALDEIRA, 2000, p. 27).

A fala do crime, portanto, difunde os casos de violência e por meio da reprodução dessas falas atingem o imaginário das pessoas guiando as maneiras de pensar e agir, assim como as representações sociais. É por meio da fala do crime que se passa a usar determinados termos depreciativos para se referir a determinados grupos, legitimando assim a violência (CALDEIRA, 2000). Essa fala é:

[...] composta por categorias rígidas, utilizadas para classificar simbolicamente o mundo. A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais. Essa criminalização simbólica é um processo social dominante e tão difundido que até as próprias vítimas dos estereótipos (os pobres, por exemplo) acabam por reproduzi-lo, ainda que ambigualmente (CALDEIRA, 2000, p. 10).

As representações sociais podem ser intensificadas por essa fala do crime, reforçando estereótipos e categorizando determinados setores da sociedade, bairros e práticas. A fala do crime e as representações das violências encontram na mídia um campo fértil, já que a capacidade de difusão desse meio é intensa. Além de conseguir atingir um grande número de pessoas a mídia busca audiência e disputa um mercado, dependendo, portanto de seu conteúdo, assim os meios de massa: “[...] a depender de seus conteúdos, se não são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, funcionam, quando menos, como um canal de estruturação de sociabilidades violentas, já que neles a violência é, não raro, apresentada como um comportamento valorizado. [...]” (PORTO, 2009, p. 226-227). Valorizado desde que seja da polícia contra o “criminoso”, no sentido de hostilizar e combater o “mal”, que muitas vezes é personificado em determinadas práticas ou grupos. A valorização de comportamentos violentos também ocorre em relação ao comportamento policial sob um suspeito de cometer algum ato criminoso, a ação violenta passa a ser esperada e valorizada pela população. Mesmo que não seja valorizada, mas é algo esperado ou que pode ser justificado. Essa valorização pode ser percebida pelo destaque recebido nas reportagens e nos programas.

Isso acontece porque “[...] Há uma conexão entre crime, mídia e cultura: o fascínio contemporâneo da imprensa em noticiar a ação violenta relaciona o medo dos indivíduos de serem vítimas de um crime e o imperativo da modernidade de promoção do entretenimento”

(MELO, 2014, p. 166). É nessa fatia de mercado que as representações da violência e a fala do crime se instalam, ao aproximar os casos de violências das realidades cotidianas dos telespectadores, demonstrando ao telespectador que pode ser uma possível vítima. Assim, aumentando o medo entre a população.

A disputa por significações também se faz presente na mídia, fazendo com que prevaleça o significado posto pela mesma, assim deve-se considerar que há um “[...] intercambio midiático fluído e sem fim, na qual a audiência, ainda que ativa, age sob o efeito do sentido emitido pelos meios de comunicação” (Ferrell et al., 2008 apud MELO, 2014, p. 168).

Considerando a busca por audiência, as influências das representações no imaginário dos telespectadores devem ater que: “O discurso do jornalismo seria ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos, com implicações advindas do histórico, do social, do cultural, do ideológico. O texto seria uma estrutura decorrente de forças exteriores e anteriores a ele. [...]” (STRASSBURGER, 2015, p. 08). As representações postas pela mídia são reproduções de realidades que partem de elementos exteriores e anteriores a ela. No entanto, ao buscar demonstrar uma realidade, pode haver recortes, edições e manipulações, fazendo com que a realidade seja distorcida ou até ocultada, quando não criadas outras significações.

A manipulação de imagem: “[...] pode ser mais sutil e oculta, mas ela é claramente ideológica [...]” (LOIZOS, 2008, p.140), há por traz de cada detalhe uma significação. A maneira de representar as mortes violentas pode parecer semelhantes, comuns uma simples ação de informar aos telespectadores sobre uma notícia. Porém, cada imagem, música, recorte, entonação de voz, frase, etc., possui um sentido e um significado, que acaba por reforçar, justificar ou despertar sentimentos e representações nos telespectadores.

Semelhante a Porto (2009), Perseu Abramo (2016), vê os telespectadores como receptores das representações sociais construídas pela mídia. Para ele o telespectador tem acesso a “realidade” apenas do modo que a mídia o apresenta ou a constrói:

[...] cada leitor tem, para si, uma imagem da realidade que na sua quase totalidade não é real. É diferente e até antagonicamente oposta à realidade. A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi artificialmente criado para ele justamente a fim de que ele se mova nesse mundo irreal. (ABRAMO, 2016, p. 38).

Essa realidade é criada por meio dos padrões de manipulação que estão presentes desde as filmagens, edições e apresentação do fato. Assim o leitor ou espectador: “[...] é

induzido a ver o mundo como ele não é, mas sim como querem que ele o veja. [...]” (ABRAMO, 2016, p. 49). As manipulações nos meios de comunicações ocorrem, pode haver variações na intensidade, às vezes com maior ou menor intensidade, mas acontece. As manipulações podem ter duas vertentes economicistas de explicação:

[...] A primeira desloca para a figura do *anunciante* a responsabilidade última e maior pelo produto final da comunicação: segundo essa vertente, é por imposição – direta ou indireta – desse anunciante (privado ou estatal) que o empresário se vê obrigado a manipular e distorcer. A segunda vertente centra a explicação na *ambição de lucro* do próprio empresário de comunicação: ele distorce e manipula para agradar seus consumidores, e, assim, vender mais material de comunicação e assim aumentar seus lucros: a responsabilidade é do próprio empresário de comunicação, mas a motivação é econômica. (ABRAMO, 2016, p. 59, grifos do autor).

As manipulações, podem ter origens diferentes, mas um resultado final em comum, que transforma então essa manipulação de informações em manipulação da realidade (ABRAMO, 2016). Proporcionando o acesso a população a uma realidade manipulada e diferente do “real”, ao espectador “[...] não é dada qualquer oportunidade que não a de consumir, introjetar e adotar como critério de ação, a opinião que lhe é autoritariamente imposta, sem que lhe sejam igualmente dados os meios de distinguir ou verificar a distinção entre informação e opinião. [...]” (ABRAMO, 2016, p. 47). Pois, o material consumido ampara-se em imagens, filmagens, entrevistas com testemunhas e autoridades no assunto, além dos comentários dos apresentadores, que demonstram credibilidade ao assunto. Restando ao telespectador acreditar, e agir conforme as orientações repassadas.

Analisando a mídia e a imprensa, Abramo (2016), diz que existem quatro padrões de manipulação da imprensa, sendo eles os padrões de ocultação, manipulação, fragmentação e de inversão, cada qual possui características e subdivisões de manipulações.⁹ Além desses padrões, Abramo (2016), se refere aos Padrões Globais, sendo esses específicos do jornalismo de rádio e televisão, elementos que serão utilizados para analisar a maneira de representar as mortes violentas nos telejornais analisados.

⁹ Não será exposto especificações dos padrões de manipulação da imprensa apontados por Perseu Abramo, para melhor conhecimento dos referidos padrões ver ABRAMO, Perseu. Significado Político da Manipulação na Grande Imprensa. Padrões de manipulação na grande imprensa / Perseu Abramo; com colaborações de Laura Caprigliole [et al.]. – 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

4.2 PADRÕES GLOBAIS E REPRESENTAÇÕES: COMPARAÇÕES ENTRE AS REPORTAGENS DE MORTES VIOLENTAS

A metodologia utilizada é a análise qualitativa dos dados obtidos em programas televisivos, que são transmitidos diariamente, no Brasil e no Paraguai. O programa Tribuna da Massa não disponibiliza a edição completa do programa em seu site, apenas algumas reportagens. Desse modo, gravei as edições completas no horário em que era exibido na televisão. O programa 24 Horas disponibiliza ao vivo a edição completa no site do programa, e disponibiliza todos os dias uma versão editada no site, a edição direciona-se apenas em retirar os intervalos comerciais. Portanto, para analisar os casos de mortes violentas baixei as edições disponibilizadas no site, e para verificar os intervalos comerciais gravei algumas edições ao vivo, também disponíveis no site.

Os procedimentos de investigação baseiam-se em análise comparativa de documentos iconográficos (programas televisivos). A amostra inicial da pesquisa consistiu em 37 dias (01 de maio a 12 de julho de 2017) de gravações do Tribuna da Massa e 162 dias (02 de janeiro a 31 agosto de 2017) de edições baixadas do 24 Horas. A partir dessa primeira amostra, foi selecionado nove dias no Tribuna da Massa, com dez casos e 11 mortes violentas, e nove dias de edições baixadas do 24 Horas, com dez mortes violentas.

As mortes violentas exibidas no Tribuna da Massa ocorreram todas em Foz do Iguaçu, as mortes violentas exibidas no 24 Horas foram registradas quatro mortes em Presidente Franco, quatro em Ciudad Del Este e duas em Hernandárias.

Como já referenciado, as edições do telejornal 24 Horas foram baixados do site e as edições do Tribuna da Massa foram gravadas diariamente por meio de clipagem. Durante o período de gravações do Tribuna da Massa houve vários problemas, devido à dificuldade em conseguir transmissão com sinal digital de qualidade, que durante praticamente toda a pesquisa não foi possível. Com isso, algumas vezes se fez necessário recorrer a recortes de reportagens disponíveis no site do programa. Devido à precariedade do sinal digital na época ter gerado algumas imagens travadas e cortes de som. Também houve algumas falhas no site do 24 Horas, não disponibilizando algumas edições ou não transmitindo ao vivo o telejornal. Assim, o recorte da pesquisa teve de se estender. Por isso, o material coletado pode demonstrar alguns problemas de imagem e som, com recortes de reportagens exibidos no site, e com imagem de baixa qualidade. Porém, as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa não comprometeram a análise.

O início dos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas são marcados por apresentarem um resumo das principais manchetes do dia, seja pela fala dos apresentadores ou por uma matéria editada com partes das reportagens que serão exibidas no decorrer do programa. Há também, dias em que além dos apresentadores frisarem os casos de mortes violentas que serão apresentados, na sequência das falas, é exibido recortes de imagens e das reportagens que serão apresentados.

Além dos comentários dos apresentadores no início do telejornal, os apresentadores fazem comentários antes da exibição de cada reportagem, narrando resumidamente o caso que será mostrado. São comentários breves, que destacam algumas características do caso, como: a idade da vítima, a arma utilizada, quantidade de disparos, facadas ou golpes recebidos pela vítima, a cidade e o local em que ocorreu a morte, algumas características do acusado pela morte (quando se tem um suspeito) e antecedentes criminais da vítima, quando possui. Além dessas características observadas, as falas de Luciano Alves que antecedem as reportagens das mortes violentas também apontam para o bairro e o período do dia em que a morte ocorreu.

Apesar de destacarem características similares no anúncio dos casos, a maneira de narrar o fato são distintas, pois como já referenciado o modelo de apresentadores são distintos, assim no 24 Horas os apresentadores narram o fato buscando não demonstrar sentimentos, e a música de fundo presente no estúdio é a mesma da abertura do programa. Já no Tribuna da Massa há um apelo explícito nas falas do apresentador, pois Luciano Alves muda a entonação de voz e as pausas durante as palavras, a música de fundo presente no estúdio muda drasticamente, buscando despertar sentimentos nos telespectadores.

A maneira de anunciar as reportagens, por mais simples e restrita que seja carrega imparcialidades, pois: “[...] Mesmo que os discursos se afirmem isentos e imparciais, não há neles senão marcas da posição de quem os enunciam. As indicações do enunciador podem ser mais ou menos perceptíveis, ter maior ou menor amplitude, mas sempre estarão presentes no enunciado de alguma maneira” (STRASSBURGER, 2015, p. 08). Mesmo que aparentemente os comentários dos apresentadores do 24 horas pareçam imparciais com comentários restritos, a escolha das notícias não é neutra.

Os comentários dos apresentadores no 24 Horas se restringe basicamente na apresentação do caso antes da exibição da reportagem completa, quando a reportagem encerra apenas mudam de tema e apresentam a reportagem seguinte. Já houve comentários dos apresentadores posteriores às reportagens, no entanto, no recorte adotado, não houve comentários por parte dos apresentadores sobre as mortes violentas analisadas.

Essa restrição de fala não ocorre no Tribuna da Massa, pois, o apresentador Luciano Alves comenta os casos. Os comentários destinam-se em pedir à população que denuncie possíveis suspeitos ou pistas que passam colaborar nas investigações policiais. Os comentários são direcionados para quem possui mais informações sobre o caso, conhece algum suspeito ou conversou com a vítima, para que ligue e denuncie.

A fala do apresentador aproxima o caso exibido com o telespectador e demonstra que o disque denúncia é um canal seguro, eficaz para colaborar com as investigações policiais e ajudar a "fazer segurança pública". Durante esses comentários o apresentador também presta condolências às famílias das vítimas, reforça algumas características dos casos, como a quantidade de disparos, as pessoas que estavam na companhia da vítima, reforça o local em que a morte aconteceu, o nome e idade da vítima, faz algumas perguntas questionando possíveis testemunhas, e demonstra revolta. Busca despertar sentimentos nos telespectadores, pois além da mudança na entonação da voz, traz mais detalhes do caso, pede a colaboração da população, a música de fundo remete a suspense. Em todos os casos analisados do Tribuna da Massa não se tinha acusados de terem causado as mortes. Na maioria das vezes, além da fala do apresentador aparece na tela: "Denúncia Homicídios: 0800 643 2977 homicidiosfoz@pc.pr.gov.br", reforçando o número do disque denúncia e o e-mail da delegacia de homicídios de Foz do Iguaçu.

Esse incentivo por parte do apresentador pedindo aos telespectadores que denunciem, colaborem com as investigações, façam "segurança pública" como diz Luciano Alves. Essa busca por participação além de buscar a resolução dos casos, busca também fazer com que os espectadores se tornem: "parte ativa a verem a si mesmos como parte de um grupo maior, o fenômeno dos programas televisivos sobre a "realidade" de um modo geral permite identificar que a responsabilidade social se dissolve na teleparticipação. [...]" (TEIXEIRA, 2011, p. 41). Essa sensação de "dever cumprido" pode ser reforçado na própria fala de Luciano Alves ao reforçar por inúmeras vezes durante o programa "denuncie, faça segurança pública". A noção de participação e responsabilidade se encerra na denúncia.

Durante a exibição dos dois telejornais, realizam "chamadas" anunciando a reportagem destaque do dia, que será exibida na sequência no telejornal, essas chamadas podem ocorrer várias vezes durante a programação. No 24 Horas essa prática também é comum, porém nenhum dos casos de mortes violentas analisados no referido programa foi alvo de destaque recebendo esse tipo de comportamento. Já no Tribuna da Massa sete dos dez casos analisados foram alvo de destaque no programa, e foram exibidos nessas chamadas.

A exibição dos corpos das vítimas durante as reportagens do Tribuna da Massa e do 24 Horas ocorrem de maneiras distintas. No Tribuna da Massa mostra-se nitidamente o corpo, partes do corpo, tatuagens e pertences da vítima, as vezes aparece ofuscado o rosto ou evita-se de mostra-lo, focando apenas em partes do corpo. É mostrado o local em que ocorreu a morte, marcas de sangue, familiares e populares que estejam no entorno do local, fotos do rosto da vítima, seja por passagens por antecedentes criminais ou fotos 3x4 para identificar a vítima. As versões apresentadas pelo telejornal são oriundas da polícia e testemunhas, porém, durante as reportagens são exibidas às entrevistas com os policiais que contam uma versão do caso. Mas as versões ditas por populares ou testemunhas são apenas relatadas pelo repórter e não por entrevistas com testemunhas. Não mostrar as testemunhas pode também ser uma forma de proteção, já que nenhum dos casos analisados tem pistas dos responsáveis pelas mortes.

Nas reportagens de mortes violentas apresentadas no 24 Horas não se mostra o corpo nitidamente, a imagem do corpo é ofuscada, dificultando até mesmo na compreensão da imagem. Mostram várias fotos da vítima durante a reportagem, entrevistam parentes, testemunhas, policiais, as entrevistas é uma característica que se destaca, pois entrevistam mais que uma testemunha ou familiar da vítima. Entre os dez casos de mortes violentas analisados no 24 Horas, apenas na morte exibida em 09/06/2017 não utilizaram o recurso de ofuscar o corpo da vítima. A não utilização desse recurso pode ter partido do fato de que segundo a reportagem a vítima de morte violenta estava praticando um roubo quando entrou em confronto com a polícia e morreu. Os outros casos mesmo que a vítima tenha antecedentes criminais não estava cometendo um crime no momento da morte. A exposição do corpo deste caso assemelha-se com o modo de exposição do corpo utilizada no Tribuna da Massa.

Durante a reportagem repetem-se várias vezes as imagens do local em que ocorreu a morte e a imagem do corpo, mesmo que não seja de maneira nítida, imagens das viaturas da polícia e ambulâncias, a arma utilizada. Em algumas ocasiões a tela é dividida em duas partes, uma com imagens do local do crime e da vítima e outra com entrevistas, ou até reconstituição do crime. Porém, nos casos analisados apenas a reportagem da primeira morte violenta exibida no dia 26/05/2017, houve esse modelo de edição da reportagem.

Apesar da construção das reportagens serem diferentes, possuem alguns pontos comuns, uma das características é o modo que os repórteres e os apresentadores conduzem a reportagem e a informação, todos utilizam:

[...] uma linguagem simples e de palavras sensacionalistas, e o costume de fazer as passagens no local em que foram praticados os delitos, mostrando muito sangue, imagem de corpos pelo chão ou sendo carregados pela polícia. Além disso, há a busca de apelo emocional nos textos e a humanização do relato por meio de entrevistas com parentes das vítimas ou com as próprias vítimas. [...] (OLIVEIRA, 2011, p. 141).

Além do apelo emocional presentes nas falas dos repórteres e apresentadores, nas imagens dos corpos, marcas de sangue e entrevistas com os familiares das vítimas, outro elemento são os títulos das reportagens. Estão presentes nas exibições das reportagens em ambos os telejornais, são frases que dão título aos casos, ou seja, as manchetes.

Esse recurso, segundo Abramo (2016), é o frasismo, ou seja, “[...] o abuso da utilização de frases ou de pedaços de frases sobre uma realidade para substituir a própria realidade. [...]” (ABRAMO, 2016, p. 44-45). Essas frases geralmente são frases curtas e de efeitos, no Tribuna da Massa é exibido uma frase que acompanha toda a exibição da reportagem, e durante as edições apresentadas nos sábados a maioria ou até todas as reportagens não exibem o título das reportagens. Porém, no 24 Horas conforme é apresentado mais características dos casos, a frase altera-se. A construção dos títulos das reportagens no 24 Horas é composta inicialmente pelo nome da cidade em que aconteceu o fato, uma pequena frase descrevendo o ocorrido, e a terceira parte da frase altera-se durante a reportagem. Como pode ser visualizada nas Figuras 11 e 12.

Figura 11 – Título das reportagens no 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Figura 12 – Título das reportagens no Tribuna da Massa



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

Durante as reportagens analisadas essa última parte da frase chegou a ser alterada sete vezes. A quantidade de alterações realizadas no título da manchete depende também da duração da reportagem e do destaque destinado ao caso.

Outros recursos utilizados nas reportagens dos telejornais analisados são as músicas, que na maioria das vezes remetem a suspense, imagens do sofrimento de familiares ao saberem das mortes, e até mesmo entrevistas com familiares da vítima, as:

[...] Imagens do sofrimento da família são enfatizadas no vídeo, auxiliado por uma música de suspense, com vinhetas de tiros e gritos. Esse efeito sonoro conhecido como BG é um recurso largamente utilizado na edição das matérias [...] pois os sons de tiros, sirenes, gritos e música de suspense dão um tom de realismo e de dramaticidade às matérias, buscando atrair ainda mais a atenção dos telespectadores. [...] (OLIVEIRA, 2011, p. 142).

Além de explorar o momento de sofrimento das famílias em um momento tão delicado que é a morte, os dois telejornais realizam acompanhamentos de caso, ou seja, após a exibição do caso no dia do ocorrido, por dias, semanas ou meses depois produzem uma nova reportagem para falar dos desdobramentos dos casos, se encontraram pistas ou acusados e como está a família. Ao noticiar novamente o fato, são exibidas novamente imagens das mortes, entrevistas com familiares, algumas vezes é mostrado partes do julgamento do acusado. O recurso citado acima de explorar o sofrimento da família, utilizar música de suspense, sons de sirene e até mesmo imagens é algo também utilizado nas reportagens de acompanhamentos de casos.

Durante o período de maio a julho de 2017, foram acompanhados 22 casos de mortes violentas no Tribuna da Massa. Durante o período de janeiro a agosto de 2017 houve 51 dias de edições com acompanhamentos de casos de mortes violentas no 24 Horas. Nem todos os acompanhamentos de casos exibidos nos dois telejornais, são referentes a mortes violentas nos municípios da fronteira analisada. No entanto, nota-se que ambos mantêm essa prática de mostrar as investigações e os desdobramentos dos casos, que não deixa de ser uma forma de aproveitar do caso e galgar maior audiência.

Dentre as reportagens de acompanhamentos de casos de mortes violentas nos dois telejornais, destacam-se duas reportagens exclusivamente sobre mortes violentas. No dia 07 de julho de 2017, no Tribuna da Massa foi exibido uma reportagem segundo o apresentador sobre 26 casos de mortes violentas ocorridas em 90 dias em Foz do Iguaçu, antes de iniciar a reportagem Luciano Alves ainda diz:

Agora vamos mostrar a cronologia dos crimes de homicídios registrados em Foz do Iguaçu. Você vai assistir agora 26 casos de homicídios que foram registrados em 90 dias. E a polícia, aqueles que foram elucidados e os crimes que ainda estão sob investigação. Muitas famílias vão sentir, mas nossa obrigação é mostrar, pra mostra também que estamos acompanhando cada passo do que é registrado aqui na fronteira. (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

A reportagem segue mostrando imagens das reportagens dos casos, mostrando o dia que foi registrado à morte, o nome da vítima, a quantidade de tiros ou golpes recebidos pela vítima, se já se sabe quem cometeu o crime, se o caso já foi esclarecido e o bairro que ocorreu o caso. As imagens mostram principalmente o corpo das vítimas, a recolha pelo IML e o desespero dos familiares ao saberem da morte. Foram exibidas duas reportagens neste dia sobre as mortes violentas. A primeira reportagem dura mais de dez minutos, é exibida caso a caso, a segunda reportagem mostra trechos de uma entrevista com o delegado da delegacia de homicídios de Foz do Iguaçu e o mesmo comentam sobre alguns dos casos. O apresentador e o delegado reforçam a importância das denúncias realizadas pelo disque denúncia.

No dia 08 de março de 2017 foi exibido uma reportagem sobre 11 casos de feminicídios registrados de janeiro a março e exibidos pelo 24 Horas, foram 10 mortes, somente uma delas foi registrado na fronteira analisada e consta no recorte de casos apresentados, e um caso de estupro. Yolanda Park anuncia a reportagem dizendo:

Vamos trocar de tema porque falando do dia internacional da mulher, temos que fazer um recorte do que aconteceu nos primeiros meses no nosso país e são mais de

dez mulheres que foram vítimas de feminicídio. Claro algumas sobreviveram, mas deve-se falar da brutalidade que foram tratadas (24 HORAS, 2017).

A reportagem tem uns cinco minutos de duração e segue mostrando os nomes e fotos das vítimas, imagens dos corpos e do local em que foram encontrados, entre nomes e imagens dos acusados, policiais que atenderam os casos e familiares das vítimas. Após a reportagem os apresentadores não fazem nenhum comentário, apenas mudam de tema.

As duas reportagens referentes aos acompanhamentos dos casos de mortes violentas podem ser analisadas de duas maneiras, de um lado busca-se demonstrar um compromisso com a população em acompanhar e mostrar os desdobramentos das investigações dos casos. De outro lado, observa-se a exploração do sofrimento dos familiares e dos casos, como uma forma de aumentar a audiência, reexibindo essas mortes. A atenção destinada para os casos de feminicídios na reportagem do 24 Horas podem ser em decorrência deste tipo de crime possuir maior recorrência no Paraguai.

O perfil das vítimas de mortes violentas que compõe o recorte dessa pesquisa é formado por dez homens e uma mulher no lado brasileiro, e seis homens e quatro mulheres, entre as idades de 20 a 37 anos no Brasil e de 20 a 57 anos no Paraguai. Apenas um dos casos registrados no Brasil a vítima não residia em Foz do Iguaçu, todos os outros eram moradores da cidade. Já no Paraguai seis vítimas residiam no município em que ocorreu a morte, duas residiam no Brasil e duas não foram informados o município que residiam. Cinco dessas mortes ocorreram em via pública, na rua, e quatro casos nas residências das vítimas, no lado brasileiro. No Paraguai apenas dois casos aconteceram em via pública (Rua), três casos na residência da vítima, um em frente à residência da vítima, um em estabelecimento comercial, um em um matagal, outro em um campo (área rural), e um corpo encontrado no Rio Paraná. No Brasil em oito casos foi utilizado arma de fogo e em dois casos faca, no Paraguai em 7 casos foi utilizado arma de fogo, em dois casos faca e em um caso um pedaço de madeira.

Nos casos registrados no Brasil a quantidade de disparos por arma de fogo varia de um a dez disparos, e em um dos casos não foi possível identificar a quantidade de disparos que a vítima recebeu, os disparos acertaram basicamente tórax e cabeça. Nos dois casos utilizados faca, uma vítima recebeu apenas uma facada no coração e outra nas costas, tórax e pescoço. Já no Paraguai a quantidade de disparos por arma de fogo varia de dois a seis disparos, em três casos que foram utilizados arma de fogo não informaram a quantidade de disparos, apenas em um dos casos foi informado que os disparos atingiram nuca e tórax da

vítima, nos outros casos não foram informados. Nos dois casos utilizados faca, em um deles a vítima recebeu duas facadas e no outro caso apenas foi dito várias facadas.

Em relação aos horários em que foram constatadas essas mortes, foram três no período da manhã, três no período da tarde e quatro no período da noite, no Brasil. No Paraguai, foram quatro durante o dia, não havendo especificação se no período da manhã ou tarde, cinco no período da noite e um caso não foi informado. Sobre as informações repassadas no período das exibições das reportagens do Tribuna da Massa apenas um caso sabia-se que a morte decorreu de uma abordagem policial, nos demais casos não foi apontado nenhum suspeito. Nos casos exibidos no 24 Horas em três casos tratava-se de crimes passionais, em que os suspeitos de terem praticado as mortes são pessoas próximas às vítimas como filho e esposo; uma morte causada por assaltantes, outra pela polícia, e em cinco casos não foram apontados suspeitos. O perfil das vítimas também pode ser visualizado na tabela abaixo.

Tabela 02 - Perfil das vítimas de mortes violentas na Tríplice Fronteira

	Brasil	Paraguai
Sexo	10 homens e 1 mulher	6 homens e 4 mulheres
Idade	De 20 a 37 anos	De 20 a 57 anos, em dois casos não foi informado a idade da vítima.
Morador da Cidade	Apenas 1 não era morador da cidade	6 vítimas residiam no município em que ocorreu a morte, 2 residiam no Brasil e 2 não foram informados.
Local da morte	5 casos em via pública (Rua), 4 casos nas residências das vítimas, 1 caso em estabelecimento comercial (lanchonete).	2 casos em via pública (Rua), 3 casos na residência da vítima, 1 em frente à residência da vítima, 1 estabelecimento comercial, 1 em um matagal, 1 em um campo (área rural), 1 no Rio Paraná.
Arma utilizada	Em 8 casos foi utilizado arma de fogo, Em dois casos faca.	Em 7 casos foi utilizado arma de fogo, em dois casos faca e em um caso um pedaço de madeira.
Quantidade de disparos	A quantidade de disparos por arma de fogo varia de um a 10 disparos, e em um dos casos não foi possível identificar a quantidade de disparos que a vítima recebeu, os disparos acertaram basicamente tórax e cabeça. Nos dois casos utilizados faca, uma vítima recebeu apenas uma facada no coração e outra nas costas, tórax e pescoço.	A quantidade de disparos por arma de fogo varia de 2 a 6 disparos, em 3 casos que foram utilizados arma de fogo não informaram a quantidade de disparos, apenas em um dos casos foi informado que os disparos atingiram nuca e tórax da vítima, nos outros casos não foram informados. Nos dois casos utilizados faca, em um deles a vítima recebeu duas facadas e no outro caso apenas foi dito várias facadas. E a vítima que foi golpeada com um pedaço não foi informado a quantidade de golpes recebido pela vítima.
Horário da morte	3 casos no período da manhã, 3 no período da tarde e 4 no período da noite.	4 casos ocorreram durante o dia, não havendo especificação se no período da manhã ou tarde; 5 casos no período da noite e 1 caso não foi informado.
Suspeito de causar a	Apenas um caso sabe-se que a morte decorreu de uma abordagem	Três casos os acusados de terem praticado as mortes trata-se de pessoas próximas às vítimas

morte	policial, nos demais casos não foi apontado nenhum suspeito.	como filho e esposo. Em outros casos foram assaltantes e a polícia, e em 5 casos não foram apontados suspeitos.
-------	--	---

Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

A duração das reportagens de mortes violentas no 24 Horas dura entre 01h30min a 04h30min, e no Tribuna da Massa entre 1:15 a 5:35, no tempo de duração está incluso os comentários dos apresentadores antes da reportagem, e depois das reportagens no caso do Tribuna da Massa. Já nos casos analisados não houve comentários dos apresentares do 24 Horas após as reportagens. De um modo geral, o tempo destinado às reportagens sobre letalidades é o mesmo para outros tipos de crimes nos dois telejornais, o que diferencia é apenas a atenção dada às mortes violentas em relação aos outros tipos de crimes, referente às reportagens de acompanhamentos de casos. Para os outros tipos de crimes não se realiza esse tipo de acompanhamento, alguns casos referentes a julgamentos com envolvimento de políticos acabam sendo citados, porém não recebem a mesma atenção destinada aos casos de mortes violentas.

Os termos utilizados pelos apresentadores ao se dirigirem aos acusados não são termos pejorativos, os termos utilizados por Luciano Alves foram assassino e atirador, e os termos utilizados pelos apresentadores do 24 Horas foram assaltantes, em um dos casos que a morte foi decorrente de um assalto, e outro termo utilizado foi sujeito. Esses termos também não são recorrentes nas falas dos apresentadores, foram citadas apenas cinco vezes durante todo o recorte.

Apesar de não utilizar termos agressivos ao se referir aos suspeitos de causarem as mortes, o apresentador Luciano Alves por meio do programa se coloca na situação de portador da opinião pública. Como fez no dia 23 de maio de 2017, ao pedir a polícia para dar maiores esclarecimentos sobre os casos de mortes violentas que estavam acontecendo no Jardim São Paulo, em Foz do Iguaçu. Questionou a polícia, falando que a mesma devia se pronunciar e explicar sobre o que está acontecendo, porque não cabe a ele apresentador se pronunciar e acalmar a população, e que o programa está aberto para a polícia se pronunciar.

As falas do apresentador neste dia, o incentivo que fez para a população participar pelo whatsapp enviando mensagens sobre como está a segurança no bairro, o que deve melhorar, entre outros pontos levantados pelo apresentador. Essa prática pode ser compreendida por meio daquilo que Bourdieu (1997), caracteriza como o papel do “bombeiro incendiário”, pois, ao mostrar e retransmitir as mortes, e pedir a população quais os pontos

falhos na segurança no bairro, reforça o medo entre a população. Depois da situação de insegurança reforçada por meio do programa, o apresentador joga a responsabilidade para a polícia, cabendo a ela acalmar a população. Ao cobrar da polícia maiores esclarecimentos: “[...] O mediador estaria se posicionando como um porta-voz do povo, disposto a intervir em nome da população. Esse posicionamento em prol do povo ajuda na construção de uma relação de empatia e confiança entre o mediador e o telespectador. [...]” (FREITAS, 2011, p. 254). Demonstrando assim que o apresentador e o programa estão do lado da população e estão dispostos a cobrar esclarecimentos em nome do povo.

Na mesma edição, no início da reportagem sobre o medo e a insegurança no bairro Jardim São Paulo, uma mulher diz: “Que tá feio tá né, a gente vê na televisão, né. A gente assiste na televisão vê né. Só que dá medo dá né” (TRIBUNA DA MASSA, 2017). Observa-se nessa frase e na reportagem sobre a insegurança no bairro, a participação do programa em reforçar o medo entre os moradores do bairro.

Não houve durante o recorte, nenhuma fala dos apresentadores do 24 Horas sobre as mortes violentas que se aproxime das afirmações feitas no Tribuna da Massa. No entanto, não significa que a maneira de mostrarem e representarem essas mortes não reforce elementos no imaginário de seus telespectadores.

Não foi possível estabelecer comparações se há diferenciações no modo de representar as mortes dependendo do bairro em que a morte ocorre, devido ao fato do telejornal 24 Horas ter caráter nacional. No entanto, verificam-se claramente diferenciações ao mostrar uma morte de uma pessoa que possui antecedentes criminais ou estava cometendo algum crime quando morreu, em relação a outras vítimas que não possuem isso ocorre nos dois telejornais. Essa diferenciação pode ser visualizada nas reportagens nos dias 09 de junho de 2017 no 24 Horas e 23 de junho de 2017 no Tribuna da Massa.

O destaque da morte violenta exibida pelo 24 Horas se diferencia das demais mortes exibidas no telejornal pois, todos os demais casos mostram o corpo da vítima de maneira ofuscada, algumas vezes dificultando até mesmo compreender a imagem. No entanto, como a vítima de morte violenta ocorrida no dia 09 de junho estava cometendo um assalto quando foi morta, segundo as informações exibidas na reportagem, seu corpo é mostrado nitidamente. Por diversas vezes é mostrado o corpo caído no chão ao lado de uma moto, com uma arma próxima a sua mão e sangue no chão. Não é mostrado o rosto da vítima, no entanto a maneira que é mostrado seu corpo se diferencia do modo de mostrarem todas as outras vítimas no telejornal.

Além da diferenciação da maneira em que exibiram as imagens do corpo da vítima, ao anunciar a reportagem à apresentadora Yolanda Park diz: “Em Ciudad Del Este um pressuposto delinquente motorizado foi abatido. Por ter cometido um assalto à mão armada, e enfrentou agentes da polícia nacional que finalmente acabaram com sua vida.” (24 HORAS, 2017), em sua fala é possível destacar a ênfase em dizer que ele foi morto por estar cometendo um crime, e ao dizer “finalmente” passa um sentimento de alívio, por a polícia ter findado uma vida, que era uma ameaça para população.

A reportagem inicia com uma música agitada com som de bateria, imagens: da vítima de costas caída no chão, do capacete no chão em frente a vítima, a moto ao lado do corpo, imagem da mão da vítima próximo a uma arma de fogo, marcas de sangue nas mãos e no chão. A reportagem segue com entrevistas com o jovem que foi assaltado, um policial e uma testemunha. O policial apresenta uma versão do caso e o repórter reforça que a vítima possuía antecedentes por roubo agravado. As imagens da vítima caída no chão repetem várias vezes durante a reportagem, ao encerrar a reportagem a música de fundo tem seu volume intensificado, mas agora se ouve som de bateria e guitarra. Durante a reportagem mudou-se a frase da manchete sete vezes, como já referenciado isso demonstra o destaque dado ao caso e refere-se também a duração da reportagem.

Outro caso semelhante, e que teve destaque no Tribuna da Massa ocorreu em 23 de junho de 2017. A reportagem se trata de um caso de morte violenta no bairro Porto Meira de Foz do Iguaçu, a reportagem é dividida em dois momentos, no primeiro é apresentado o fato e no segundo é apresentado alguns envolvimento da vítima em abordagens policiais na cidade de Foz, com o objetivo de destacar que o mesmo possuía antecedentes criminais e envolvimento com práticas ilegais.

Com uma música que remete a suspense no estúdio, o apresentador Luciano Alves narra minimamente, com poucas palavras o acontecido e inicia-se a primeira reportagem. A matéria inicia com imagens do local, da vítima no chão, da arma de fogo caída ao seu lado, da câmera de segurança do estabelecimento, da ambulância do corpo de bombeiros, a viatura da polícia e dos policiais. As imagens são acompanhadas pela fala da repórter que narra o fato pelas seguintes frases:

O crime foi registrado nesse estabelecimento, na Avenida General Meira, área sul de Foz. No local, um rapaz caído ao lado de uma arma, o Siate chegou a ser chamado mas a vítima já estava morta. Câmeras que poderiam ter registrado a ação do assassino, não estão funcionando. A princípio, o que aconteceu aqui foi um assalto frustrado (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

Na sequência da notícia, a repórter apresenta mais informações através da fala:

A informação apurada pela equipe de investigação da delegacia de homicídios é de que no momento do assalto não tinha nenhum cliente na lanchonete, estava apenas a proprietária acompanhada de duas funcionárias. As três vítimas foram rendidas pelo marginal e obrigadas a irem para traz daquele freezer. Para a polícia foram apresentadas duas versões da história (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

A segunda reportagem referente ao caso é deixada para a parte final do programa, com o intuito de prender audiência. Ela inicia com a fala do apresentador, acompanhada de gestos e música de fundo com entonação forte, com batidas de tambores:

Assaltante morto no Porto Meira é identificado, porque a polícia acredita que o jovem realmente estava praticando o crime quando acabou sendo assassinado, tá. A delegacia de homicídios está à procura de quem? Do atirador. O homem assassinado era velho conhecido da polícia, vejam (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

Novamente a matéria inicia seguindo os moldes do 1º Padrão Global, com imagens acompanhadas de músicas e a fala da repórter que narra a versão posta pela polícia que “acredita” ser o que aconteceu:

[a vítima] foi identificado por amigos, o corpo permanece no Instituto Médico Legal a espera de familiares para a liberação, o rapaz de 24 anos foi morto por pelo menos 10 tiros de pistola. [o rapaz] teria sido assassinado por um desconhecido enquanto praticava um assalto nessa lanchonete na Avenida General Meira, região sul da cidade. Testemunhas já foram ouvidas e por meio do depoimento delas é que investigadores conseguiram identificar o possível suspeito desse homicídio. A expectativa é que ele se apresente aqui na delegacia nas próximas horas com a arma do crime. [...] (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

A fala da repórter é acompanhada com imagens da frente da lanchonete, local em que aconteceu o fato, imagens da vítima caída no chão, a arma ao seu lado, policiais e populares na frente do local, e a repórter em frente à delegacia de homicídios de Foz do Iguaçu. A repórter narra às duas versões apresentadas à polícia e em seguida diz: “O suspeito morto era bastante conhecido no meio policial”. Inicia então imagens de duas matérias já apresentadas nos dias 17 de novembro de 2016 e 30 de maio de 2017, no Tribuna da Massa, acompanhadas das seguintes falas: “Em novembro do ano passado chegou a trocar tiros com o grupo ROCAM na Comunidade Da Batalha no Morumbi”, inicia-se a fala de um Policial Militar (Fruet) do grupo da ROCAM:

Esse moleque efetuou disparo, nós rachamos o zóio dele de tiro, enchemo o rabão dele de tiro, mas, porém, o satanás ajuda esses demônio né, pelo jeito não acertou nenhum, porque ele não caiu. Conseguiu se embrenhar em meio ao mato, correu dentro da água, o polícia pulou na água atrás dele aí, mas o lazarento se enfiou num buraco lá e não conseguimos encontrar mais (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

A partir da fala do policial observa-se também o que Caldeira chama de “a fala do crime”, a qual:

[...] constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais. Essa criminalização simbólica é um processo social dominante e tão difundido que até as próprias vítimas dos estereótipos (os pobres, por exemplo) acabam por reproduzi-lo, ainda que ambigualmente (CALDEIRA, 2000, p. 10).

Por meio da fala do crime, da repetição das narrativas sobre crimes e violências, assim como exposta na fala do policial, passa-se a justificar o uso da violência, pois se constrói estereótipos de separação entre quem representa o “bem” e quem representa o “mal”. Assim, por meio desses modelos de discurso geram-se categorias que: “[...] justificam termos depreciativos utilizados contra determinados grupos e legitimam, com isso, a violência. [...]” (FAISTING, CARBONARI, 2016, p. 30-31).

Na sequência continua a ser exibido cenas de outra operação policial pelo grupo ROCAM em Foz do Iguaçu, em que a repórter diz: “Recentemente no dia 30 de maio, foi flagrado consumindo entorpecentes durante uma operação, também do ROCAM no Jardim Jupira. [...] já esteve preso por tráfico de drogas e receptação.” (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

Assim que encerra a reportagem, voltando aos estúdios, novamente com músicas de “batidas de tambores” que remetem a suspense, o apresentador do telejornal faz um breve comentário, carregado de juízo de valor, condenando o “caminho” em que o assaltante/vítima de morte “procurou”: “Escolheu um caminho que só podia dar nisso né, mas a polícia está ainda tentando saber quem é o atirador.” (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

Com esse comentário, o apresentador apenas reforça a utilização do 3º ato do Padrão Global proposto por Abramo (2016), em que “[...] a própria emissora, por seu apresentador ou comentarista, reforça o papel resolutório, tranquilizador e alienante da autoridade; ou a substitui ou a contesta quando a mensagem da autoridade não é suficientemente controladora da opinião pública.” (ABRAMO, 2016, p. 52). Além de reforçar o julgamento construído pela

reportagem e pelas falas de julgamento de valor e condenação do “caminho” de práticas ilegais.

A partir da estrutura da reportagem, das falas da repórter, do policial e do apresentador, da maneira em que a reportagem foi conduzida, percebe-se nitidamente o juízo de valor presente nos trechos acima, por meio das imagens e das falas é construído a história da vítima. Na qual, ilustra-se o modelo de manipulação “inversão da opinião pela informação”, em que:

[...] o órgão de imprensa apresenta a opinião no lugar da informação, e com a agravante de fazer passar a opinião pela informação. O juízo de valor é inescrupulosamente utilizado como se fosse um juízo de realidade, quando não como se fosse a própria mera exposição narrativa/descriptiva da realidade. O leitor/espectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha de uma coisa que ele desconhece, porque o seu conhecimento lhe foi oculto, negado e escamoteado pelo órgão. (ABRAMO, 2016, p. 46-47).

Recorrendo, aos antecedentes criminais da vítima, por meio de uma “história” de envolvimento com práticas ilegais e seu fim trágico, é como se a vítima torna-se a “personificação do mal”, em que não haveria outra saída para o caminho que ele escolheu. O destaque recai para a ficha criminal, enfatizando os envoltimentos em crimes e práticas ilegais. A morte acaba por ser justificadas, como um combate entre “bem e mal”.

Em segundo plano, o atirador que causou a morte, está sendo procurado, pois cometeu um crime, no entanto, é como se a morte gerada no caso fosse justificada devido o envolvimento do rapaz com práticas ilegais. A voz de autoridade é dada aos policiais, que dão a versão do crime. E apesar de “o mal” ter sido combatido, busca-se por pistas para encontrar o atirador, no entanto, o destaque não é para “quem matou”, mas sim “para quem morreu”. Outra característica é de que apesar de ter “combatido” o mal, passa-se a sensação de continuidade do trabalho da polícia em relação ao caso.

Nos dois casos exibidos, no Tribuna da Massa e no 24 Horas, é possível perceber semelhanças, ao se tratar de vítimas de mortes violentas que estavam cometendo crimes ao serem mortos, possuíam antecedentes criminais e pelos dois motivos são mostrados como a própria “personificação do mal”, o “mal a ser abatido”, e um sentimento de alívio por suas mortes. Algo que não poderia terminar de outra maneira devido o caminho que escolheram como reforça Luciano Alves. A morte desses acaba por ser justificadas, como um combate

entre “bem e mal”, em que a polícia representa o bem, assim suas atitudes se justificam em exterminar o mal personificado nos assaltantes que se tornaram vítimas.

Partindo dos Padrões Globais apontados por Abramo (2016), é possível analisar a maneira em que o telejornal policial Tribuna da Massa e 24 Horas demonstram suas reportagens, além dos padrões de manipulações presentes nas escolhas das notícias, nas edições e na própria exibição. Alguns padrões tornam-se perceptíveis nas reportagens demonstradas acima. Nota-se nas reportagens o objetivo de reforçar que ambos estavam cometendo crimes, que já possuíam antecedentes criminais e envolvimento com práticas ilegais.

Apesar da maneira de construção das reportagens serem comuns, elas se enquadram no que Abramo (2016), diz ser o 1º Ato do Padrão Global, denominado como “Exposição do Fato”, esse se caracteriza por ser apresentado por “[...] ângulos menos racionais e mais emocionais, mais espetaculares e mais sensacionalistas. As imagens e sons mostram [o fato, o acontecimento] [...]. As imagens são amparadas por textos lidos ou falados.” (ABRAMO, 2016, p. 51). Deve-se destacar que as imagens das vítimas mortas no chão são nítidas, focaliza-se várias vezes o rosto (na reportagem do Tribuna), as mãos e os pés.

Durante as reportagens são entrevistados policiais que relatam versões apresentadas a polícia, esse recurso de utilizar uma “autoridade” como “fonte oficial” do caso, trata-se segundo Abramo (2016), de “oficialismo”. O espaço de fala destinado a essas pessoas ocorre devido os mesmos serem considerados uma fonte segura e especialistas na área: “[...] a maior parte das matérias buscam ancoragem em sujeitos autorizados a falar e em dados estatísticos, tendendo a criar um sentido de credibilidade ao próprio discurso construído e que, em geral, ressalta a violência do lugar” (STRASSBURGER, 2015, p. 14). Os recursos de oficialismo ou dados estatísticos são recursos que buscam demonstrar maior credibilidade aos fatos apresentados.

Além da versão oficial apresentada pela polícia e pela imprensa, outro padrão apresentado por Abramo que está presente na reportagem no caso no 24 Horas é o 2º ato do Padrão Global a “Sociedade Fala”, que ocorrem quando: “As imagens e sons mostram detalhes e particulares, principalmente dos personagens envolvidos. Eles apresentam seus testemunhos, suas dores e alegrias, seus apoios e críticas, suas queixas e propostas. (ABRAMO, 2016, p. 51). Esse 2º ato pode ser visualizado ao entrevistar a vítima de assalto e a testemunha da morte e as mesmas darem detalhes do ocorrido. Na reportagem do caso

apresentado no Tribuna da Massa não se utilizou-se do ato a “Sociedade Fala”, já que não houve entrevistas com testemunhas ou familiares.

Outro momento presente nas duas reportagens é denominado 3º Padrão Global, em que a “Autoridade Resolve”, que são as falas de autoridades quando anunciam as providências a serem tomadas ou que já foram realizadas. O 3º padrão pode ser identificado a partir das falas da repórter: “Cabe agora à delegacia de homicídios apurar o que realmente aconteceu”, e do tenente: “Isolamos o local, acionamos criminalística, homicídios, e eles vão fazer o levantamento no local e prosseguir com as investigações.”, no caso do Tribuna da Massa. No 24 Horas o 3º ato a “autoridade resolve” resolveu com a morte do assaltante e também na fala do repórter: “Atualmente a polícia busca o cúmplice [da vítima], visto que quando foi autuado na companhia de outro delinquente” (24 HORAS, 2017). Nas falas são apontadas as ações já realizadas e quais são as próximas a serem tomadas, assim demonstrando tranquilidade, e que as medidas cabíveis estão sendo realizadas.

Outra característica comum nos dois casos é a de que apesar de ter “combatido” o mal, dá a sensação de continuidade do trabalho da polícia em relação ao caso. Pois, no caso brasileiro continua as buscas pelo acusado do crime, mesmo que ele tenha feito um “bem para a sociedade” cometeu um crime. No caso paraguaio continua as buscas pelo cúmplice de assalto que fugiu no momento do crime.

De modo geral, os vinte casos analisados do Tribuna da Massa e do 24 Horas utilizam dos padrões globais postos por Abramo (2016). O 1º Ato denominado “Exposição do Fato” está presente em todas as reportagens, seja na utilização de músicas, fotos e imagens das vítimas, do local do crime, imagens do sofrimento da família e amigos, título das reportagens e narração durante as reportagens, entre outros elementos. Que tem por intuito apresentar o ocorrido de maneira mais sensacionalista, buscando despertar sentimentos nos telespectadores.

O 2º Ato a “Sociedade Fala”, se faz presente em seis reportagens do telejornal 24 Horas, nos dias 24/01, 30/01, 17/04, 01/05, 26/05 e 09/06. Por entrevistas com testemunhas, familiares da vítima, vizinhos da vítima e policiais, que dão versões sobre o ocorrido e a vida e comportamentos das vítimas. Essa característica de entrevistar várias pessoas durante as reportagens é comum nas reportagens do 24 Horas, independente do tema das reportagens. No entanto, essa prática não é tão comum no Tribuna da Massa, nos dez casos de mortes violentas analisados em nenhuma das mortes foram entrevistadas testemunhas ou familiares para falarem sobre o caso. As únicas pessoas entrevistadas foram policiais, que falaram sobre as

versões contadas por testemunhas e repassadas a polícia, esse elemento de dar voz apenas ao setor policial e a própria imprensa pode ser considerado, segundo Abramo (2016), como o recurso denominado “Oficialismo”.

Observou-se a prática do oficialismo em nove reportagens do 24 Horas, nos dias 16/01, 30/01, 07/02, 20/02, 17/04, 01/05, 26/05 e 09/06 de 2017. Em quatro reportagens do Tribuna da Massa, exibidas nos dias 22/05, 30/05, 16/06 e 23/06 de 2017. As entrevistas são majoritariamente com policiais que atenderam as ocorrências, delegado ou oficial da perícia forense, relatam as versões repassadas por testemunhas e contam mais detalhes dos casos.

Outro elemento utilizado nas reportagens analisadas é o 3º Ato “Autoridade Resolve”, quando por meio de entrevistas a autoridade no assunto relata as ações já tomadas pelos órgãos competentes para resolver a situação, e as atitudes que serão realizadas na sequência. Além das autoridades, por vezes: “[...] a própria emissora, por seu apresentador ou comentarista, reforça o papel resolutório, tranquilizador e alienante da autoridade; ou a substitui ou a contesta quando a mensagem da autoridade não é suficientemente controladora da opinião pública” (ABRAMO, 2016, p. 52). Os repórteres e apresentadores também cumprem esse papel de tranquilizar a população ressaltando as ações realizadas pela polícia e os passos dados nas investigações.

Este 3º Ato foi observado em seis reportagens no 24 Horas e em três casos no Tribuna da Massa. Nessas reportagens policiais ou o repórter relataram as ações já realizadas pela polícia e apontam que a mesma segue com investigações. Nas reportagens do 24 Horas geralmente essa função é desempenhada pelos policiais nas entrevistas concedidas ao telejornal, no Tribuna da Massa apenas em um caso o policial faz esse papel, nas demais reportagens o apresentador em seus comentários antes e depois da reportagem ou na durante a própria reportagem narra as ações realizadas pela polícia. No entanto, em nenhum dos casos exibidos no Tribuna da Massa sabe-se que causou as mortes, assim não se tem o sentimento de finalização, durante as reportagens é falado que ainda não se tem pistas e nos comentários após as reportagens o apresentador reforça a necessidade de denunciarem por meio do disque denúncia.

Outro elemento destacado nas reportagens são os antecedentes criminais das vítimas, dos casos analisados uma vítima no Paraguai possuía antecedentes criminais, e quatro vítimas no Brasil. Os antecedentes variam de roubo, porte ilegal de arma de fogo, confronto com a polícia, consumo de entorpecentes, violência doméstica, homicídio e tentativa de homicídio.

Outro elemento que merece menção, é o modo em que se mostra a vítima e o acusado nos referidos telejornais. Como já mencionado no Tribuna da Massa os corpos das vítimas são mostrados nitidamente, mostrando todo o corpo, marcas de sangue, tatuagem, em alguns momentos apenas se evita mostrar o rosto da vítima. Já no 24 Horas o corpo é mostrado de modo ofuscado, apenas em uma caso o corpo foi exibido de maneira nítida e focalizado em algumas partes do corpo. Nesta situação, a vítima que teve o corpo mostrado de maneira nítida, segundo informações presentes na reportagem estava cometendo um assalto quando foi morto. Acredita-se que essa diferença no modo de exibir o corpo seja decorrente da vítima estar praticando um crime quando foi morta.

A maneira de mostrar os acusados também possui diferenciações entre os telejornais. Nos casos de mortes violentas analisados somente em um caso foi exibido imagens do acusado de causar a morte, no entanto, a imagem do mesmo apareceu de maneira ofuscada por se tratar de um menor de idade. Os casos exibidos no Tribuna da Massa durante as reportagens não se sabiam quem eram os autores das mortes, no 24 Horas alguns dos autores das mortes violentas se mataram em seguida, não tiveram seus corpos ou fotos dos mesmos divulgadas, em outros casos não se sabe quem cometeu as mortes.

No entanto, considerando outros tipos de crimes exibidos nos telejornais, ou até mesmo de mortes violentas, mas que não entraram no recorte. Há diferenciações na maneira de exibir imagens ou fotos dos acusados. No Tribuna da Massa quando se sabe quem é o acusados as imagens são mostradas nitidamente, no momento da apreensão ou fotos do mesmo. No 24 Horas os rostos dos acusados não são mostrados, todos os momentos em que imagens dos acusados são exibidas no telejornal eles aparecem com um capuz na cabeça, pode ser exibido apenas imagens dos acusados ou entrevistas com os mesmos, porém em todos os momentos os acusados utilizam o capuz. Como pode ser visualizado na Figura 13.

Figura 13 – Maneira que os acusados são exibidos no 24 Horas



Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

A maneira de mostrar os acusados e as vítimas nos dois telejornais seguem normas próprias dos programas, pois não existe no Paraguai uma lei específica que proíba mostrar o rosto do acusado, apenas o mesmo não deve apresentar o acusado como culpado, somente como suspeito. No Brasil, a lei que regulamentava esse tipo de exposição era a Lei da Imprensa que foi revogada em 2009, pelo Supremo Tribunal por ser incompatível com a Constituição Federal.

De maneira geral, os pontos de comparações entre a maneira de representar as mortes violentas nos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas podem ser visualizadas na Tabela 3.

Tabela 03 – Comparações entre as maneiras de representar as mortes violentas

Reportagens de Mortes Violentas	Tribuna da Massa – Brasil	24 Horas - Paraguai
Amostra	1ª amostra: 37 dias de gravações, 1º de maio a 12 de julho de 2017. 2ª amostra: nove dias com dez casos e 11 mortes.	162 dias de edições baixadas, 02 de janeiro a 31 agosto de 2017. 2ª amostra: nove dias com dez casos e dez mortes.
Comentários dos apresentadores sobre as reportagens	O apresentador tem poder de fala antes e depois das reportagens. Seus comentários são carregados de emoções e juízos de valor, auxiliados por músicas que remetem a suspense no estúdio. Sobre os casos de mortes violentas analisados os	Os apresentadores apenas anunciam o caso antes das reportagens, busca-se não demonstrar sentimentos pelos casos e a música no estúdio é a mesma da vinheta de abertura do programa. Quando encerra a reportagem apenas mudam de tema.

	comentários do apresentador posterior as reportagens destinam-se em pedir a população que denuncie possíveis suspeitos ou pistas que passam colaborar nas investigações policiais.	
“Chamadas” com imagens das reportagens que serão exibidas no decorrer do programa	Prática frequente no telejornal, dentro de recorte analisado sete dos dez casos foram alvo de destaque no programa, e foram exibidos nessas chamadas.	No 24 Horas essa prática também é comum, porém nenhum dos casos de mortes violentas analisados no referido programa foi alvo de destaque recebendo esse tipo de comportamento.
Maneira de mostrar os corpos das vítimas de mortes violentas	Mostra-se nitidamente o corpo, partes do corpo, tatuagens e pertences da vítima, as vezes aparece ofuscado o rosto ou evita-se de mostra-lo, focando apenas em partes do corpo. É mostrado o local em que ocorreu a morte, marcas de sangue, familiares e populares que estejam no entorno do local, fotos do rosto da vítima, seja por passagens por antecedentes criminais ou fotos 3x4 para identificar a vítima. As versões apresentadas pelo telejornal são oriundas da polícia e testemunhas, porém durante as reportagens é mostrado as entrevistas com os policiais que contam uma versão do caso. Mas as versões ditas por populares ou testemunhas são apenas relatadas pelo repórter e não por entrevistas com testemunhas.	Não é mostrado o corpo nitidamente, a imagem do corpo é ofuscada, dificultando até mesmo na compreensão da imagem. Mostram várias fotos da vítima durante a reportagem, entrevistam parentes, testemunhas, policiais, etc., as entrevistas é uma característica que se destaca, pois entrevistam mais que uma testemunha ou familiar da vítima. Nos casos analisados apenas em um caso foi mostrado o corpo da vítima de maneira nítida, acredita-se que essa diferenciação seja pelo fato da vítima estar praticando um assalto no momento em que foi morta.
Título das reportagens (frasismo)	Um título durante toda a reportagem.	A construção dos títulos das reportagens é composta inicialmente pelo nome da cidade em que aconteceu o fato, uma pequena frase descrevendo o ocorrido, e a terceira parte da frase altera-se durante a reportagem. A alteração da última parte da frase depende da duração da reportagem, nos casos analisados chegou a ser trocado sete vezes.
Acompanhamento de casos	Recurso utilizado com frequência no programa, durante o período analisado, foram acompanhados 22 casos de mortes violentas. Nem todos os acompanhamentos são de casos ocorridos na fronteira. Porém destaca-se a reportagem exibida no dia 07 de julho de 2017, no Tribuna da Massa foi exibido uma reportagem segundo o apresentador sobre 26 casos de mortes violentas ocorridas em 90 dias em Foz do Iguaçu.	Prática comum no programa, durante o período analisado houve 51 dias de edições com acompanhamentos de casos de mortes violentas. Nem todos os acompanhamentos são de casos ocorridos na fronteira. Dentre os acompanhamentos de casos destaca-se o dia 08 de março de 2017 foi exibido uma reportagem sobre 11 casos de feminicídios registrados de janeiro a março e exibidos pelo 24 Horas, foram 10 mortes, somente uma delas foi registado na fronteira analisada e consta no recorte de casos

Duração das reportagens de mortes violentas	De 1:15 a 5:35.	De 1:30 a 4:30.
Termos utilizados pelos apresentadores ao se dirigirem aos acusados	Não são termos pejorativos e nem comuns nas falas, nas vezes que se citou foram assassino e atirador.	Não são termos pejorativos e nem comuns nas falas, nas vezes que se citou foram assaltantes, em um dos casos que a morte foi decorrente de um assalto, e outro termo utilizado foi sujeito.
O apresentador ou o programa se coloca como portadores da opinião pública	Sim, isso pode ser verificado por comentários do apresentador.	Não.
As falas dos apresentadores reforçam o sentimento de medo e insegurança na população	Sim. Por meio das falas do apresentador e enfoque do programa em destacar casos de violência. O reforço a sensação de medo e insegurança aparecem de maneira explícita no decorrer do programa.	A sensação de medo e insegurança ocorrem de maneira explícita na construção e edição das reportagens, e não especificamente nas falas dos apresentadores. No entanto, de modo geral, o programa também contribui com a sensação de insegurança.
Padrões Globais: 1º Exposição do Fato, 2º Sociedade Fala, 3º Autoridade Resolve e Oficialismo.	Todas as reportagens utilizam do 1º Exposição do Fato. Nenhum dos casos foram utilizado o 2º Sociedade Fala, já que não foram entrevistados testemunhas, parentes ou amigos das vítimas. 3º Ato está presente em três casos no Tribuna da Massa, apenas em um caso o policial faz esse papel, nas demais reportagens o apresentador em seus comentários antes e depois da reportagem ou na durante a própria reportagem narra as ações realizadas pela polícia. Observou-se a oficialismo em quatro reportagens do Tribuna da Massa, exibidas nos dias 22/05, 30/05, 16/06 e 23/06 de 2017, nas entrevistas com policiais e delegado da secretaria de homicídios.	Todas as reportagens utilizam do 1º Exposição do Fato. O 2º Sociedade Fala é muito comum nas reportagens do 24 Horas, independente da temática das reportagens. Nos casos analisados foram se faz presente em seis reportagens do telejornal 24 Horas, nos dias 24/01, 30/01, 17/04, 01/05, 26/05 e 09/06. Por entrevistas com testemunhas, familiares da vítima, vizinhos da vítima e policiais, que dão versões sobre o ocorrido e a vida e comportamentos das vítimas. 3º Ato foi observado em seis reportagens no 24 Horas, geralmente essa função é desempenhada pelos policiais nas entrevistas concedidas ao telejornal. Observou-se a prática do oficialismo em nove reportagens do 24 Horas, nos dias 16/01, 30/01, 07/02, 20/02, 17/04, 01/05, 26/05 e 09/06 de 2017, nas entrevistas com policiais que atenderam as ocorrências, delegado ou oficial da perícia forense.
Destacam antecedentes criminais das vítimas	Sim.	Sim.

Fonte: (DADOS DA PESQUISA, 2018).

4.3 O MEDO E A INSEGURAÇA DECORRENTES DAS EXPOSIÇÕES DAS VIOLÊNCIAS

A violência presente no cotidiano e representada todos os dias na mídia, reforça na população o sentimento de insegurança e medo. Fazendo com que os mesmos restrinjam suas

saídas de casa em determinados horários, reforce a segurança em casa, e redobre a atenção na rua. A sensação de insegurança:

[...] “cria” a demanda por aumento de segurança. Aliada a representações de ineficiência ou ineficácia do sistema público de segurança, tal demanda induz à utilização do aparato de segurança em defesa de interesses particularistas, em detrimento do coletivo. Esse descrédito que leva a uma lógica do “salve-se quem puder e como puder” é compatível com outra lógica que informa esse tipo de raciocínio, a de “fazer justiça com as próprias mãos”, que leva cidadãos a se armarem e a se prepararem para a “guerra urbana”. Descrédito que é, igualmente, o mote para alavancar a indústria bélica voltada para essa “guerra” e responsável pela produção do gigantesco aparato tecnológico de “proteção” que coloca o cidadão como agente de sua própria segurança. (PORTO, 2009, p. 221).

Devido esse sentimento de insegurança, as pessoas buscam meios para se protegerem, cada um a seu modo. Além de cobrarem maior frequência da polícia no bairro, mesmo que a presença da polícia não impeça que crimes ou mortes aconteçam, como casos exibidos no Tribuna da Massa. Porém, o sentimento de segurança aumenta com a presença policial por perto. Apoiados nesse sentimento, a sociedade cobra: “[...] sempre mais e mais do policial: rapidez, eficiência e agilidade, fazendo dele um herói, se sua função de garantidor da ordem for por ela avaliada como bem-sucedida, ou um bandido, caso dê errado”. (PORTO, 2009, p. 225). É possível perceber a construção desse estereótipo de herói destinado aos policiais nas reportagens, nos comentários dos apresentadores e repórteres.

Os temas de violências e insegurança parece intensificarem ao se falar de fronteira, principalmente da fronteira analisada. Esse cenário parece ser intensificado na fala do apresentador Luciano Alves, na edição do dia 23 de maio de 2017 ao afirmar que:

Porque Foz do Iguaçu não é uma cidade qualquer, uma cidade comum. A nossa cidade é bem diferente das outras, né. Porque vocês acham que o policial federal pra vim trabalhar na fronteira. Já foi até aprovado, mas não receberam né. Um cascalho a mais pra correr o risco. Que corre quem trabalha em uma cidade de fronteira, né. E a segurança pública tem que ter atenção diferenciada do governo federal. Em todos os sentidos, não só na segurança pública, como também na saúde (TRIBUNA DA MASSA, 2017).

No comentário do apresentador é possível identificar o reforço que o mesmo dá para a noção da fronteira como local de perigo. Além deste comentário do apresentador, o programa de modo geral, considerando:

[...] as temáticas ativadas pelas matérias e as formas de os assuntos serem abordados privilegiam aspectos negativos da região. Mesmo que exista algum movimento no

sentido de mostrar a fronteira como lugar de encontro entre as culturas – trazendo, por exemplo, práticas esportivas e religiosas comuns ao espaço limítrofe –, o predomínio é de notícias que relacionam a fronteira a práticas como ilegalidade, insegurança, contrabando (STRASSBURGER, 2015, p.14).

Ressaltando assim, aspectos negativos da fronteira. As características levantadas aqui sobre o reforço de colocar a fronteira como local de perigo, não pode ser identificado no 24 Horas. Essa diferenciação pode ser proveniente do modelo de telejornal e da abrangência do mesmo, já que o telejornal possui caráter nacional, assim não tem como foco a fronteira, diferentemente do Tribuna da Massa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesta dissertação analisar como ocorrem as representações das mortes violentas na mídia televisiva na região de fronteira, especificamente na Tríplice Fronteira formada por Brasil, Paraguai e Argentina. A proposta inicial tinha como objetivo analisar como essas mortes foram apresentadas em telejornais locais de Foz do Iguaçu no Brasil, Minga Guazú na Argentina e Ciudad Del Este no Paraguai. No entanto, devido não ter encontrado telejornais locais dos respectivos municípios que encaixassem ao modelo proposto, optou-se em descartar o lado argentino e utilizar o telejornal 24 Horas, por esse se adequar ao modelo de telejornal voltado em exibir casos de violências e letalidades. A pesquisa, utilizou uma metodologia qualitativa, mais especificamente o método comparativo de documentos iconográficos (programas televisivos).

O recorte temporal ocorreu entre os meses de maio a julho de 2017, para o Tribuna da Massa, e entre os meses de janeiro a agosto de 2017, para o 24 Horas, até atingir dez casos de mortes violentas em cada lado. A quantidade de casos foi estabelecida por compreender que esse número de casos já daria sinais de pontos de saturação da pesquisa, o que se comprovou na prática.

O capítulo dois destinou-se para discussões acerca do conceito de fronteira e a caracterização da fronteira em foco, destacando algumas características da mesma e suas taxas de letalidades. Foi realizado também discussões sobre o conceito de violência e crime, com o intuito de demonstrar como os temas de violências e letalidades são temas recorrentes na mídia, devido serem temáticas de grande audiência e que galga maior espaço no mercado. Para compreender a influência das representações da violência e das letalidades na mídia, tornou-se necessário compreender os conceitos de representações coletivas e sociais, pois são por meio das representações que estabelecemos significados dos pensamentos e das ações dos indivíduos.

O “poder” da mídia de influenciar os indivíduos ao retratar o cotidiano só é possível devido as representações, por meio das narrativas, falas, imagens e as maneiras de mostrar o ocorrido, colaboram na construção da representação e da interpretação da realidade. Segundo Durkheim (1994), são os conjuntos de representações que determina as ações dos indivíduos. Por meio das interações, os indivíduos compartilham, recebem ou criam representações, que perpassam gerações, podendo ser apenas recebidas pelos indivíduos como aponta Durkheim (1994) e Porto (2009), ou essas representações podem ser transformadas e criadas pelos

indivíduos como diz Jodelet (2001). Ressaltando que as representações sociais variam dependendo do grupo em que são criadas, de uma sociedade para outra ou dentro da mesma sociedade (PORTO, 2014).

Segundo Porto (2009), as representações difundidas pelas mídias podem ser compreendidas como representações consideradas “dominantes”. Ao buscar retratar a realidade, os meios de comunicação transmitem e constroem representações sociais, que influenciam nosso modo de pensar, interpretar e agir. Assim, o poder da mídia se sobressai devido seu grande alcance e seu poder de manipulação. A exposição da violência apresenta-se como uma temática de grande audiência, no entanto, não são todos os tipos de crimes violentos que ingressam na mídia como pauta, há crimes que são exibidos e esquecidos pela mídia, enquanto outros são reforçados cotidianamente (MELO, 2014). Como é o caso das mortes violentas, pois apesar de serem um grave problema social, o destaque dado a esse tipo de criminalidade é maior que outras tipificações penais. Essa prática de destacar os crimes de mortes violentas pode ser exemplificada nos telejornais analisados, ao darem destaque aos casos de mortes violentas, realizarem “chamadas” várias vezes durante a edição do telejornal, e fazerem acompanhamento de casos, exibindo assim novamente as imagens das mortes. Esses tipos de reportagens exploram o sofrimento das famílias das vítimas, e se amparam no discurso de que estão ali para informar a população “doa a quem doer”, além de se colocarem na situação de portadores da opinião pública.

O capítulo três foi destinado a apresentar os telejornais analisados, destacando as características de surgimento e implantação da televisão no Brasil e no Paraguai, o surgimento desses telejornais na televisão, os quadros exibidos nos telejornais, e alguns padrões de endereçamentos presentes nos mesmos. Os telejornais analisados possuem abrangências diferentes, o Tribuna da Massa possui abrangência local e regional, destacando casos do município e da região, já o 24 Horas possui abrangência nacional, exibindo casos de todo o país. Devido essa abrangência, o modelo de apresentação diverge, pois, o apresentador Luciano Alves do Tribuna da Massa caracteriza-se como um apresentador ator (BORJA, 2011), ou mediador performático (OLIVEIRA, 2011), o qual possui maior liberdade de demonstrar sentimentalismo, indignação e gesticulação em suas falas, além de possuir poder de fala antes e depois das reportagens. O cenário também proporciona maior liberdade de expressão ao não utilizar bancada.

Já os apresentadores Yolanda Park e Carlos Troche podem ser denominados como apresentadores intérpretes ou meta enunciadores (BORJA, 2011), em que seu papel é apenas

narrar as notícias, não demonstrando sentimentos sobre os casos. O próprio cenário reforça esse papel com o uso de bancada, assim delimitando as gesticulações dos apresentadores. Os padrões gerais de endereçamentos analisados para comparar os telejornais centraram-se: nas vinhetas de abertura, cenário, apresentadores, quadros dos programas, comentários dos apresentadores, vestuário utilizado pelos apresentadores e repórteres, empresas anunciantes durante os telejornais e intervalos comerciais, presença ou ausência de bancada, planos de câmera, interação ou não com os telespectadores, utilização de imagens ao vivo, participação dos telespectadores, entre outras características.

No capítulo 4 foram realizadas algumas discussões sobre a fala do crime proposto por Caldeira (2000), como essa prática de falar das violências e crimes estão presentes em nosso cotidiano por meio de histórias, notícias, piadas e brincadeiras. Essas falas do crime mesmo que pareçam inocentes e inofensivas atingem o imaginário dos indivíduos e colaboram em suas significações e ações, assim como as representações sociais. Como o tema das violências se demonstra um campo fértil para o mercado midiático, é nessa fatia de mercado que as representações da violência e a fala do crime se instalam, ao aproximar os casos de violências das realidades cotidianas dos telespectadores, demonstrando ao telespectador que pode ser uma possível vítima, assim aumentando o medo entre a população.

As notícias sobre os casos de violências buscam demonstrar a realidade, no entanto, com os recortes, edições, direcionamentos e manipulações, fazem com que a realidade seja distorcida ou até ocultada, quando não criada outras significações e representações. Assim, a realidade que os telespectadores têm acesso trata-se de uma realidade manipulada, em que cada detalhe apresentado possui um direcionamento e uma intensão. Perseu Abramo (2016) compartilha da ideia de Porto (2009), em conceber os telespectadores como receptores das representações sociais construídas pela mídia. Para ele o telespectador tem acesso a realidade apenas do modo que a mídia o apresenta ou a constrói. Essa realidade acessada pelos telespectadores passa por padrões de manipulações, que constroem a realidade exibida desde: as filmagens dos fatos, as edições e construções das reportagens, a história narrada na reportagem e falada pelos apresentadores, os títulos das notícias, as imagens, nas escolhas das pessoas entrevistadas, etc.

A partir dos padrões globais propostos por Abramo (2016), teceram-se algumas comparações entre as reportagens de mortes violentas exibidas nos telejornais Tribuna da Massa e 24 Horas. Analisando desde a maneira de apresentação e comentários dos apresentadores e as reportagens. Buscou-se analisar e comparar: as maneiras de anunciarem as

reportagens, a realização de "chamadas" sobre as reportagens, assim destacando os casos, a maneira de exibir os corpos, mostrarem os locais das mortes, os acusados, as entrevistas com testemunhas ou autoridades, os comentários dos apresentadores, entre outros aspectos. Buscou-se analisar também a utilização dos padrões globais de manipulação apontados por Abramo (2016), como: Oficialismo, Fratismo, Exposição do Fato, Sociedade Fala e Autoridade Resolve. E como esses padrões colaboram na construção das reportagens. Foi analisado também o perfil das vítimas, por meio das características apontadas nas reportagens como: sexo, idade, local da morte, arma utilizada, quantidade de disparos ou golpes recebidos pelas vítimas e os horários das mortes.

Foi analisado de maneira mais complexa dois casos de mortes violentas, em que as vítimas estavam praticando o crime de roubo quando foram mortas. A escolha dessas reportagens se deu, devido o destaque que esses casos tiveram nos telejornais, os dois estarem cometendo um crime no momento da morte, e como ocorre a construção das representações dessas mortes. Ressaltando que, a maneira de exibir o corpo se torna mais intensa, principalmente no caso paraguaio, pois, em todos os casos não se mostra imagens do corpo da vítima de forma nítida. No entanto, como a vítima estava cometendo um crime no momento de sua morte, essa preocupação com a exposição do corpo é deixada de lado. Nos dois casos, as vítimas das mortes passam a ser mostradas como personificações do mal presente na sociedade, não teria alternativa para eles, devido o caminho que escolheram. Suas mortes são justificadas e representam um alívio para a sociedade. As passagens criminais das vítimas são reforçadas, principalmente no caso brasileiro, em que foi exibido uma reportagem exclusivamente para destacar suas passagens e enfrentamento com a polícia. Pela maneira de conduzir as reportagens, nota-se o direcionamento dado aos casos, as construções nos discursos e no direcionamento dos estereótipos e sentimentos que querem reforçar nos telespectadores.

De maneira geral observa-se como uma simples notícia do cotidiano jornalístico pode ser permeado por padrões de manipulações. Que de modo sutil, acabam por representar uma realidade manipulada, em que o sentido da reportagem já está determinado. O que de fato se quer mostrar, já é definido a partir da escolha do assunto, além dos diversos padrões de manipulações presentes na construção da matéria que direcionam o sentido da notícia. Direciona-se assim, a mensagem a ser transmitida aos telespectadores. Que por vezes, inconscientemente acabam reproduzindo as representações da violência e as falas do crime retratadas na mídia.

Apesar de maneiras diferentes de se construir o formato da notícia, seja ela por meio da televisão, do rádio, meio online ou impresso, há modelos e padrões de construções das reportagens, que manipulam e demonstram a realidade e representações que se pretende reforçar. As representações dos crimes e das violências nesses meios midiáticos contribuem para representações sociais da violência, as quais são transmitidas diariamente no noticiário televisivo e são interiorizados nas casas e nas representações sociais dos telespectadores. Que passam a enxergar a polícia como representante do bem, com suas práticas de violências justificadas como um bem para a sociedade e combatente do mal. De outro lado os envolvidos com práticas ilegais, são representados como personificações do mal, que devem ser combatidos, e é justificável que eles morram, já que escolheram esse caminho sem volta.

A exposição da violência na mídia demonstra-se como elemento gerador de audiência, gerando assim lucro. No entanto, essa busca por audiência colabora para a utilização de recursos de dramatização e sensacionalismo, com o intuito de prender a atenção dos telespectadores. As representações das violências decorrentes desse processo acarretam na maioria das vezes em demonstrar uma realidade manipulada, com notícias carregadas de juízos de valores e julgamentos. Fechados para questionamentos por parte dos telespectadores, que passam a interiorizar as representações transmitidas pela mídia e a reproduzi-las no dia a dia.

A exposição da violência na mídia também colabora para o que Caldeira (2000), denomina como a fala do crime, que pode acarretar em medo. Fazendo com que o cidadão se sinta responsável por sua segurança, recorrendo muitas vezes para segurança privada, tecnologias, atenção e cuidado redobrado em suas residências e nas saídas na cidade. Alimentando assim outra parcela do mercado.

Nota-se que mesmo se tratando de telejornais de países distintos, com abrangências e modelos de apresentadores diferentes, compartilham de padrões de manipulações e endereçamentos semelhantes. Apesar de se distanciarem em determinados aspectos como a maneira de exibirem os corpos, os comentários posteriores às reportagens, o modelo de apresentadores e entrevistas com testemunhas, se aproximam em alguns pontos como a utilização dos padrões de manipulação como: o Oficialismo, Fratismo, Sociedade Fala e Autoridade Resolve. Esses recursos são utilizados, mesmo que pareça que as construções das reportagens se diferenciem. A utilização de músicas de entonação forte, que buscam despertar o sentimento de suspense está presente nas reportagens do 24 Horas e nos comentários do apresentador do Tribuna da Massa. Os modelos de apresentadores são diferentes, mas o apelo dos programas em exibirem a violência aparentam semelhantes. A exposição e exploração do

sofrimento das famílias e amigos, e os acompanhamentos de casos de mortes violentas são comuns nos dois telejornais. As representações sociais decorrentes das exposições das mortes violentas em ambos os telejornais parecem semelhantes em reforçar o papel do polícia como representantes do bem e os as pessoas com envolvimento com práticas ilícitas ou crimes como personificações do mal, justificando suas mortes.

O sentimento de medo e insegurança aparenta mais forte no Tribuna da Massa, devido os comentários do apresentador, terem exibido praticamente uma edição completa do programa em destinado a dois casos de mortes violentas, fazerem retrospectivas dos casos de mortes ocorridas em 90 dias no município e ainda uma reportagem sobre o medo e insegurança no bairro Jardim São Paulo. Sentimentos que foram agravados devido a exposição da violência no próprio telejornal. A sensação de medo e insegurança no 24 Horas parece ser minimizado, devido não ter comentários dos apresentadores. Porém, as construções das reportagens no 24 Horas se aproximam algumas vezes a trailers de filmes, por utilizar mais de recursos sonoros.

De maneira geral, observou-se que o telejornal Tribuna da Massa caracteriza-se como um telejornal sensacionalista, com um apresentador performático, que possui maior poder de fala e gesticulação durante o programa. Este tem poder de fala antes e depois das reportagens, o cenário ao não utilizar bancada proporciona maior desenvoltura do apresentador. Diferentemente do telejornal 24 Horas, que utiliza de bancada, restringindo assim a desenvoltura de seus apresentadores. O 24 Horas se aproxima de um telejornal de caráter mais tradicional, mesmo que sua temática também seja voltada para casos de violências e letalidades. Assim, os apresentadores caracterizam-se como apresentadores intérpretes, servindo apenas como canal entre a notícia e os telespectadores, com o objetivo de não demonstrar sentimentos pela notícia anunciada. Essas características relacionadas a estrutura do telejornal e o modelo de seus apresentadores podem decorrer da abrangência dos programas, já que o Tribuna da Massa possui um caráter local e regional, e o 24 Horas abrangência nacional.

A partir disso, observou-se que o Tribuna da Massa frisa em suas reportagens e nas falas de Luciano Alves em construir ou reforçar no imaginário dos telespectadores, um imaginário de violência e insegurança sobre a fronteira. Ao destacar em suas falas que o município de Foz do Iguaçu não se trata de um município e de uma fronteira qualquer, que os policiais recebem a mais para estar ali. Reforçando assim fatores de riscos de se trabalhar ali. Ao anunciar ou comentar algumas reportagens, o apresentador chama a atenção para a

localidade de fronteira, falando “mais um crime na fronteira”, “mais uma morte registrada na fronteira”. Além de cumprimentar os telespectadores do Brasil, Paraguai e Argentina em algumas edições do programa.

Outro elemento que reforça esse sentimento de insegurança na fronteira verificou-se na edição do dia 23 de maio de 2017, em que a temática central destinou-se em falar dos casos de mortes violentas ocorridos no Jardim São Paulo e os sentimentos de medo e insegurança dos moradores do bairro. Além da exibição das reportagens de mortes violentas, neste dia foi exibido uma reportagem exclusivamente com o tema “insegurança no Jardim São Paulo”, e realizado uma enquete por meio do whatsapp em que o apresentador pedia para os moradores enviarem mensagens do que deveria melhorar no bairro. Nesta reportagem, sobre a insegurança e medo dos moradores do Jardim São Paulo, foi possível verificar a influência do telejornal em reforçar o sentimento de medo na população. E os elementos destacados por Porto (2009), devido à população não confiar ou ver resultado nas operações policiais ou no aparato público, os próprios moradores do bairro recorrem a recursos para garantir sua própria segurança. Mesmo que de maneira simples e precária, passam a deixar suas casas trancadas, usar de cadeados e restringem suas saídas de casa em determinados horários.

Esse sentimento de insegurança e medo não se fazem presentes nas falas dos apresentadores do 24 Horas, no entanto, as reportagens do telejornal utilizam com maior intensidade dos padrões globais de manipulações propostos por Abramo (2016). Ao entrevistar vários familiares, testemunhas e autoridades, utilizarem de músicas e sons durante as reportagens, entre outros elementos. Por se tratar de um telejornal de abrangência nacional, não se faz esse apelo notório a fronteira, como é possível observar no Tribuna da Massa.

No recorte analisado houve um período considerado como uma “onda” de mortes violentas ocorridas no Jardim São Paulo, assim houve um maior destaque para as mortes ocorridas nesse bairro. Porém, durante a elaboração do projeto de pesquisa foi possível visualizar falas do apresentador Luciano Alves a respeito de casos de mortes ocorridas no Jardim Jupira, havia nas falas do apresentador certo julgamento em relação à localidade, chegando a se referir em um caso “A guerra continua no Jupira”. Pode ser que tenha maneiras diferentes de representar as mortes violentas dependendo da localidade em que ocorre a morte. Tratando-se também da estigmatização de bairros que estejam próximos às barrancas do Rio Paraná, ou em localidades de interesses públicos e particulares. No entanto, esses elementos não foram analisados devido não terem composto o a mostra de casos.

Porém, observou-se no decorrer da pesquisa diferenciações na maneira de representar as mortes dependendo do lugar que a morte ocorreu e pelo trabalho desenvolvido pela vítima. Pois, contrário a todos os casos analisados pelo Tribuna da Massa, que são marcados pela exposição do corpo e do local da morte. Houve a morte de um empresário, no centro da cidade, em que não foi exibido imagens do corpo da vítima e do local do crime, como é feito nos demais casos. Acredita-se que essa diferenciação se relacione a classe econômica da vítima e do bairro em que a morte ocorreu.

Essa diferenciação na maneira de representar as mortes, também foi verificada no 24 Horas, no entanto, não relacionado à classe econômica, mas sim devido à vítima estar cometendo um crime no momento da morte. Pois, em todos os casos de mortes violentas analisados no 24 Horas o corpo da vítima é exibido de maneira ofuscada, somente o caso de morte violenta decorrente de um assalto com enfrentamento com a polícia a exposição do corpo ocorreu de maneira nítida, aproximando-se do modo brasileiro de expor o corpo.

Os apontamentos aqui descritos são comparações entre as maneiras de representar as mortes violentas em dois telejornais de dois países que constituem a mesma fronteira. Sua importância pode estar no exercício de comparar como dois países tão próximos, com taxas de mortes violentas distintas podem representar de maneiras similares suas mortes. No entanto, essa pesquisa demonstrou apenas alguns aspectos, que infelizmente não contemplou todos os países formadores desta Tríplice Fronteira, devido a indisponibilidade de um telejornal que se adequasse ao modelo proposto. No entanto, não deixa de ser um dado, e passível de ser desenvolvido em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. Significado Político da Manipulação na Grande Imprensa. **Padrões de manipulação na grande imprensa** / Perseu Abramo; com colaborações de Laura Caprigliole ... [et al.]. – 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. P. 37- 69.
- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- BAUER, Martin W. ANÁLISE DE RUÍDO E MÚSICA COMO DADOS SOCIAIS. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Martin W. Bauer, George Gaskell; tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 365-390.
- BORJA, Janira. O grito da cidade: *Balanço Geral*, qualidade e modos de endereçamento. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo** / Itania Maria Mota Gomes, organizadora. - Salvador: EDUFBA, 2011. P. 223 – 242.
- BOURDIEU, Pierre. **SOBRE A TELEVISÃO**: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1997.
- CÁCERES, Adrián. La televisión paraguaya cumple 50 años a la vanguardia en tecnología. Última Hora. 2015. Disponível em: <<http://www.ultimahora.com/la-television-paraguaya-cumple-50-anos-la-vanguardia-tecnologia-n933977.html>>. Acesso em: 05 jun. 2018.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: Crime, segurança e cidadania em São Paulo. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34. Edusp, 2000. P. 09-28.
- CAP, Camara de Anunciantes del Paraguay. El nacimiento de la TV en el Paraguay. Edición Junio 2017. Año 2, Num. 2. Disponível em: < <http://revistacap.com/atl/117-el-nacimiento-de-la-tv-en-el-paraguay> >. Acesso em: 06 jun. 2018.
- CARDIN, Eric Gustavo. As Dinâmicas das Fronteiras e as vítimas de homicídios em Foz do Iguaçu/PR (2001-2010). 2012. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36. 2012. São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8300&Itemid=76>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- _____. Trabalho e práticas de contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Geopolítica(s) – Revista de estudios sobre espacio y poder**, Madrid, v. 3, n. 2, p. 207-234, jul./dez. 2012a.
- _____. Sociedade e indivíduos: convivendo com a violência na fronteira. In: **As múltiplas faces da fronteira**. Curitiba: Editora CRV, 2013, p. 113-133.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir; CARVALHO, Alexandre de. **O jogo dos sete mitos e a miséria da segurança pública no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2005/td_1144.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (DATASUS). Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS). **Estatísticas vitais**. 2017. Disponível em: <www.datasus.gov.br>. Acesso em: 20 mar. 2017.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS (DGEEC). **Censos**, 2014. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. Sociologia e Filosofia. Tradução Paulo J. B. San Martin. São Paulo: Ícone, 1994.

_____. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Le suicide. Étude de sociologie. Paris: PUF, 1897.

FREITAS, Mirella Santos. *Jornal da Massa: jornalismo ou programa de humor? Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo* / Itania Maria Mota Gomes, organizadora. - Salvador: EDUFBA, 2011. P. 243-262.

GAMA, Adriana Ferreira. SANTOS, Aline Renée Benigno dos. FOFONCA, Eduardo. Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia. Revista eletrônica Temática. Ano VI, n. 10 – Outubro/2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/Outubro/representacao_comunicacao_midia.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. P. 17-47.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades: população 2010**. 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410830>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS DE LA REPÚBLICA ARGENTINA (INDEC). **Población**. 2010. Disponível em: <http://www.indec.mecon.ar/nivel2_default.asp?seccion=P&id_tema=2>. Acesso em: 17 mar. 2017.

JEFATURA DE POLICÍA DEL ALTO PARANÁ. **Dados sobre homicídios**. 2014.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). As Representações Sociais. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 17-44. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/61566294/Representacoes-Sociais-Cap-01-Jodelet>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

KLEINSCHMITT, Sandra Cristiana. **Homicídios na fronteira internacional entre o Brasil e o Paraguai**: considerações sobre Foz do Iguaçu e a Região Metropolitana da Cidade Do Leste. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo, 2012. Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/pos/media/File/ciencias_sociais/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Sandra%20Cristiana%20Kleinschmitt.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. **As mortes violentas na Tríplice Fronteira**: números, representações e controle social. Estudo comparativo entre Brasil, Paraguai e Argentina. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

LANA, Ligia Campos de Cerqueira. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana** Estudo de caso do programa *Brasil Urgente*. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em:<<http://www.fafich.ufmg.br/gris/images/LANA%20L%C3%ADgia.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 7. ed. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 2008. p. 137-155.

MACHADO, Lia Osorio. Cidades na Fronteira Internacional: conceitos e tipologia. **Dilemas e diálogos platinos**. Org: Angel Nuñez, Maria Medianeira Padoin, Tito Carlos Machado de Oliveira. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. P. 59-72.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MELO, Patrícia Bandeira de. Criminologia e teoria da comunicação. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. Org. Renato Sérgio de Lima, José Luiz Rattón e Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014. P. 165-174.

MISSE, Michel. Introdução. In: **Crime e violência no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

_____. Sobre a Construção Social do Crime no Brasil: esboços de uma interpretação. In: MISSE, Michel (Org). **Acusados e Acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Revan, 2008b. p. 13- 32.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. Denise Jodelet (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 45-67.

NIELSEN, Annie. **Não há mais lugar seguro**: criminalidade avança pelo interior do País. Rio de Janeiro, ano 6, ed. 52, 05 set. 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1245:reportagens-materias&Itemid=39>. Acesso em: 25 jun. 2018.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo** / Itania Maria Mota Gomes, organizadora. - Salvador: EDUFBA, 2011. P. 121 – 150.

OLIVEIRA, Márcio de. O Conceito de Representações Coletivas: Uma Trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 13, N. 22, p. 67-94, Jul./Dez, 2012.

OLIVEIRA, Natália Braga de. Imprensa, protestos e violência: uma análise de discursos. In: MISSE, Michel (Org). **Acusados e Acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Revan, 2008. p. 149-164.

O POVO NA TV, 1982. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RNAK32ycoHE>>. Acesso em: 11 abril 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação internacional de doenças (CID)**. 2002. Disponível em: <www.who.int>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2016. Ibope Inteligência. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf#anavigation>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

PIAIA, Vander. Os Segredos da Fronteira. **Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel**. Editora: Edunioeste, 2013. P. 17-25.

PINTO, Nalayne Mendonça. Recrudescimento penal no Brasil: Simbolismo e punitivismo. In: MISSE, Michel (Org.). **Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Revan, 2008, p. 237-267.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 152-171, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a07.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social, Revista se Sociologia da USP**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 211-233, nov. 2009.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.9, p.49-87, 1998.

TRIBUNA DA MASSA. 1ª Edição. Foz do Iguaçu: Rede Massa TV Naipi. Programa de televisão. Disponível em: <<http://www.redemassa.com.br/tv-naipi/programa/tribuna-da-massa-1-edicao?>>. Acesso em: 19 maio 2016.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 343-364.

SONTAG, Susan. **Ensaaios sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SNT, Sistema Nacional de Televisão. **24 Horas**. Disponível em: <<http://www.snt.com.py/programa/noticiario-24-horas>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

STRASSBURGER, Tabita. Apontamentos iniciais sobre a Fronteira Trinacional Brasil-Argentina-Paraguai no portal de notícias G1 – PARANÁ. 2015. Disponível em: <<http://sef.ufms.br/v/wp-content/uploads/2015/09/2-Tabita-Strassburger.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

TEIXEIRA, Alex Niche. **A produção televisiva do crime violento na modernidade tardia**. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16220/000694421.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

_____. Televisão, hipercrimes e violências na Modernidade Tardia. **Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais**. / Organizado por José Vicente Tavares dos Santos, Alex Niche Teixeira e Maurício Russo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. P. 39-55.

_____. Violência, crime e televisão. Segurança Cidadã. Organizado por José Vicente Tavares dos Santos e Lígia Mori Madeira. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. P. 161-195.

VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica**. In. VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Org.). Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996, p. 10-25.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência: os jovens da América Latina**. Distrito Federal: RITLA, 2008. Disponível em: <<http://cms.sangari.com/midias/2/44.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

_____. **Mapa da violência: mortes matadas por arma de fogo**. Distrito Federal: RITLA, 2015. Disponível em: <<https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

_____. **Mapa da violência: homicídios e juventude no Brasil**. Distrito Federal: RITLA, 2014. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_AtualizacaoHomicidios.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

ANEXO

ANEXO 1 – HISTÓRICO DOS PROGRAMAS POPULARES NO BRASIL

No Brasil a Televisão começou a ter maior incentivo no período da ditadura militar (1964 a 1985), devido os interesses das emissoras e do governo. Interesses que levaram a implantação de uma infraestrutura estatal de incentivo a expansão da TV: “[...] a ponto de alcançar quase todo o território nacional e se estabelecer como a forma de comunicação mais importante do país, o verdadeiro porta-voz do ‘Brasil Potência’.” (TEIXEIRA, 2009, p. 43).

Em 1966 começa a ser exibido pela TV Paulista o programa “O Homem do Sapato Branco”, apresentado por Jacinto Figueira Júnior, o programa foi o primeiro a utilizar um formato a partir de: “[...] pessoas comuns, encenações dramáticas, exposição da intimidade, fatos do dia-a-dia e histórias curiosas. O programa [...] pode ser considerado o precursor da presença dessas histórias reais, de pessoas anônimas, enfim, do povo na TV.” (LANA, 2007, p. 14). O programa ficou no ar até 1980, passando por diversas emissoras como Globo, Cultura, Band e SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Com formato semelhante, a TV Tupi exibiu em 1968 o “Domingo de Verdade”, apresentado por J. Silvestre (LANA, 2007).

Um ano após o Golpe Militar foi inaugurada no Rio de Janeiro a TV Globo, marcando assim a segunda fase da TV brasileira (TEIXEIRA, 2009). A programação constituía-se fundamentalmente da exibição de telenovelas, filmes, programas jornalísticos e de auditório, em grande medida era excessivo a exibição da realidade e de dramas íntimos de pessoas comuns (LANA, 2007).

Em 1982 outro programa de cunho popular era “O Povo na TV” apresentado por Wilton Franco. Programa de transmissão ao vivo, no qual a própria chamada de abertura já evocava a participação da população e referenciava a temática do programa através da seguinte frase: “A tribuna livre, pra você botar a boca no trombone e fazer valer seus direitos. Informação, utilidade pública e prestação de serviços, no programa mais polêmico da televisão.” (O POVO NA TV, 1982).

Inspirado nos programas norte-americano e europeu, o pioneiro desse formato no Brasil e exibido em rede nacional, foi o programa “Linha Direta”, exibido a partir de 1990 pela Rede Globo, apresentado pelo jornalista Hélio Costa. A primeira versão do programa ficou pouco tempo no ar, o mesmo passou por alterações e voltou a ser exibido em 1999, permanecendo no ar até 2007. Apesar de ter passado por algumas mudanças: “[...] A estrutura

básica permaneceu inalterada: dramatização de crimes reais e apelo à colaboração a audiência para a prisão dos acusados.” (TEIXEIRA, 2009, p. 13).

No Paraná o precursor desse formato foi o programa “Cadeia” (1979), apresentado por Luiz Carlos Alborghetti e exibido pela TV Tropical de Londrina, o mesmo passou a ser exibido em 1992 em rede nacional pela CNT. A marca do programa derivava-se das performances do apresentador que: “[...] Com uma toalha em torno do pescoço e um porrete de madeira, Alborghetti gritava e batia em uma bancada durante o programa [...]” (LANA, 2007, p. 15). O programa “Cadeia” passou por alterações e trocas de apresentador. Em 1994 se tornou “Cadeia neles” e passou a ser apresentado por Carlos Massa, o Ratinho. O programa permaneceu no ar até meados de 2000 (LANA, 2007).

Seguindo essa tendência, segundo Lana (2007), se proliferaram pela TV brasileira vários telejornais considerados sensacionalistas, os denominados telejornais policiais, marcados fundamentalmente pelo apelo dramático, o qual:

[...] é construído com a busca incessante pela proximidade da realidade. Não basta relatar o crime, é necessário aproximar-se do acusado, ver seu rosto, ouvir sua voz, é preciso ver também de perto a cena do evento, mesmo que deserta, os objetos encontrados, a arma usada, ver e ouvir a vítima [...] (LANA, 2007, p. 36).

Apesar de possuírem particularidades, todos se destinam a figuração do povo. Em linhas gerais, possuem grande apelo popular, com apresentadores performáticos que se engajam em contar e dramatizar histórias de pessoas comuns. Dentre eles pode-se destacar: “Aqui Agora”, “Cadeia Neles”, “Repórter Cidadão”, “Cidade Alerta”, “190 Urgente”, “Linha Direta” e “Brasil Urgente”. Um breve histórico desses programas pode ser visualizado na Tabela 04.

Tabela 04 – Retrospectiva dos programas populares na televisão do Brasil e do mundo

Ano	Telejornais	Outro Tipo de Programação	Emissora	Apresentador	Horário de exibição
1966 -1980		O Homem do Sapato Branco	TV Paulista/TV Globo SBT	Jacinto Figueira Jr.	
1967		Aktenzeichen XY Ungelöst	BZF/ Alemanha		
1968		Domingo de Verdade	TV Tupi	J. Silvestre	
1982		O Povo na TV	SBT	Wilton Franco	
1984	Crimewatch		BBC/ Londres.		
EXTERIOR	UK				
1988	America's		FOX/ Estados Unidos		

EXTERIOR	Most Wanted				
Início década de 1990 EXTERIOR	Temóin no. 1		TF1/França		
1979	Cadeia		TV Tropical, emissora de Londrina	Luiz Carlos Alborghetti	
1990	Linha Direta		Globo	Hélio Costa	
1992	Cadeia		rede nacional /CNT	Luiz Carlos Alborghetti e Ratinho	
1991-1997	Aqui Agora		SBT	Gil Gomes	
1994	Cadeia Neles			Carlos Massa (Ratinho)	
	Repórter Cidadão				
1995 - 2005	Cidade Alerta		Rede Record		Final da tarde
1996	190 Urgente		CNT	Carlos Massa (Ratinho)	
1999-2007	Linha Direta		Globo	Hélio Costa	
2001	Brasil Urgente		Band	Roberto Cabrin	
2003	Brasil Urgente			José Luís Datena	Final da tarde

Fonte: (Elaborada pela autora a partir de LANA, 2007 e TEIXEIRA, 2009).

Em decorrência desse desregramento em mostrar cenas intensas de violência, a crítica a esse formato de programação o acompanha desde seu surgimento. No entanto, apresenta-se como uma programação de sucesso, com altos índices de audiência e permanecem no ar há anos (LANA, 2007). As críticas provenientes de diversos setores da sociedade fizeram surgir, a partir de 2002, campanhas e movimentos que exigiam maior fiscalização desse tipo de programação, como exemplo:

O “Movimento pela Ética na TV”, por meio da campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados em parceria com diferentes entidades da sociedade civil, desenvolveu um *site* para receber denúncias da população contra programas televisivos [...] A campanha pretende desestimular empresas a patrocinarem programas que desrespeitem a cidadania. Para isso, um “ranking da baixaria”, atualizado frequentemente, identifica esses programas. A comissão solicita mudanças na grade de programação das emissoras através de denúncias ao Ministério Público e ao Ministério da Justiça. (LANA, 2007, p. 16).

Com a pressão da sociedade e dos movimentos sociais, cenas de mortes violentas passaram por reajustes, nota-se maior cautela em mostrar as vítimas e as cenas dos crimes.

Observação: a proposta inicial da presente dissertação tinha como proposição realizar um histórico dos programas populares no Brasil e no Paraguai, no entanto, devido a

indisponibilidade de material para discorrer sobre o assunto no Paraguai, tornou-se inviável a construção do texto, devido estar utilizando uma metodologia comparativa.